MAXIMIANO D'ARAGÃO

OU

VASCO FERNANDES

PINTOR VIZIENSE

PRINCIPE DOS PINTORES PORTUGUEZES

Reivindicação da sua personalidade; authenticidade da sua obra prima—S. PEDRO; o que se disse e escreveu ácerca d'elle; originalidade dos seus quadros; merecimento d'estes, segundo nacionaes e estrangeiros.

1900
Typographia Popular da *Liberdade*
VIZEU

GRÃO-VASCO

MAXIMIANO D'ARAGÃO

OU

VASCO FERNANDES

PINTOR VIZIENSE

PRINCIPE DOS PINTORES PORTUGUEZES

Reivindicação da sua personalidade, authenticidade da sua obra prima—S. PEDRO;—o que se disse e escreveu ácerca d'elle; originalidade dos seus quadros; merecimento d'estes, segundo nacionaes e estrangeiros.

1900
Typographia Popular da *Liberdade*
VIZEU.

A Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Carlos

Senhor

Acha-se personificada em Grão-Vasco toda a antiga pintura portugueza. Mas Grão-Vasco até agora era para uns um mytho, para outros uma escola, e ainda para alguns um problema.

Sempre convicto e sempre crente em que toda a tradição tem uma base verdadeira e que sem duvida se estava em frente de um problema, eu não duvidei, para o resolver, renovar as pesquizas outr'ora encetadas por trabalhadores pacientes e conscienciosos.

E posso dize-lo affoitamente: consegui o fim proposto.

Depois, pareceu-me que cumpriria um dever civico tornando conhecido do publico o resultado d'essas *investigações*, publicando este despretencioso trabalho, que nada vale pela fórma da linguagem, mas alguma utilidade póde ter pela importancia do assumpto e como ponto de partida, ou base, para trabalhos ulteriores executados por quem mais competencia tiver.

Já se achava adeantada a composição, quando o digno par do reino sr. Francisco Simões Margiochi, a quem poucos tempos antes havia mostrado o manuscripto, me communicou que a Real Associação dos Architectos e Archeologos portugue-

zes, de que ambos sômos socios, acabava de tomar a resolução de dirigir ao governo de Vossa Magestade uma representação, pedindo que fosse publicado por conta do Estado.

Informei-o, como me cumpria, de que o livro estava no prelo, mas declarei-lhe que me seria, pessoalmente, muito agradavel, e muito proveitoso para a arte nacional que o Estado o mandasse editar com a reproducção senão de todos ao menos dos mais importantes dos quadros de Vasco e dos documentos justificativos, o que eu não podia fazer por superior aos meus recursos.

Estou esperando resolução; e entretanto vacillei se devia aproveitar o trabalho já feito. Decidi-me pela affirmativa, e por isso, antes mesmo de saber se será ou não attendido o pedido da Real Associação vae correr mundo esta edição, que póde ser precursora da outra que em melhores condições porventura se publique.

E, tanto uma como outra, formei o proposito de as dedicar a Vossa Magestade, como cultor e principe na actualidade da arte divinal que teve o seu apogeu com as fascinantes producções de Leonardo de Vinci, Miguel Angelo, Raphael, Rembrandt, Rubens e Grão-Vasco.

E a quem, com mais razão e justiça do que a Vossa Magestade, que ama os pintores e cultiva a arte da pintura com o mais superior talento e a mais facil execução, aliando ás qualidades de principe de sangue as de principe da arte, podia ser dedicada uma obra d'esta natureza: uma obra que tem por objecto o principe dos pintores portuguezes e as suas producções?

Digne-se Vossa Magestade acceitar a pequena offerta, cujo valor só resulta do assumpto, e das boas intenções de quem a faz: um beirão persistente nos seus emprehendimentos, sincero no que diz, e desinteressado no que practíca.

Vizeu—Julho de 1900.

MAXIMIANO PEREIRA DA FONSECA E ARAGÃO.

Meu ... para não offender a sua modestia, descance que não digo—sabio—mas deixe-me dizer: Meu estudioso e erudito conterraneo e amigo.

Não sabe quanto estimei vêr o seu trabalho manuscripto a respeito do nosso Grão-Vasco,*—grande gloria, e agora authentica, da nossa terra. O nosso estudioso, muito estudioso, Moreira Freire, compendiando as opiniões de muitos criticos, tem andado, innegavelmente, de boa fé, a querer privar-nos da gloria de ser o* Grão-Vasco *filho de Vizeu, considerando-o, senão um mytho, um estrangeiro, como se Vizeu não mostrasse pelo seu auspicioso presente ser um seminario de grandes genios e especiaes capacidades, tão susceptivel de produzir toda a casta de glorias. Aproveito esta opportunidade para deixar aqui inscriptos os nomes d'uns* actuaes *que não pódem, sem ingratidão, ficar esquecidos, taes, por exemplo: Serafim Lourenço Simões, o modesto restaurador das formosas escadas do Seminario, Almeida e Silva, distinctissimo pintor, como tal considerado já hoje, por assim dizer, no começo da sua carreira, Manoel de Figueiredo Granaleiro, artista de tão variadas aptidões, que difficil seria apontar aquella por que se torna mais notado, e quantos outros!..*

Antes de continuar peço-lhe um favor—ou lembro-lhe mais um serviço a Vizeu — escreva uma memoria a respeito do nosso Antonio José Pereira, ainda hontem vivo, artista que se fez a si e que para pintar o retrato do sabio e rude José d'Oliveira Berardo, esboçando na tella os vultos de João Mendes, o mais bello homem de Vizeu, e do dr. Manoel José d'Almeida, um dos nossos mais distinctos lettrados, teve de servir-se da mão esquerda, visto que a direita se lhe tolhera.

Que pujança de talentos se manifesta dia a dia em Vizeu! Mas Vizeu é um prodigo! Faz caso porventura das suas riquezas?! Apparece de longe em longe um Berardo, que se esforça por pôr em evidencia ou em plena luz o mostroario das glorias da

velha cidade. Apparece de longe em longe um homem que se chama Maximiano Aragão que, quando vê investida e desvastada a sua querida patria, levanta o brado de alarma, e vae com os poderosos recursos da sua paciente investigação derrotar em Freches os Castanhedas, e rehaver os despojos que nos levaram. Bem haja.

Mas agora diga-me: porque não estão publicados estes seus estudos tão minuciosos e tão conscienciosos a respeito do nosso Grão-Vasco?... Não, não m'o diga, posso ter pena do que por ventura tiver de narrar-me, a querer dizer a verdade.

Se eu podesse, ia da minha Parada a Vizeu fazer uma petição, e sei que era attendida. Este seu estudo é feito em honra de Vizeu e é honra de Vizeu. E' justo que a illustre Camara Municipal, é justo que o Sr Bispo e o Rev.mo Cabido, em defeza das suas joias preciosas, lhe tirem das mãos o manuscripto e o façam publicar. Isso para honra mesmo de Vizeu não póde ficar inedito. E' uma questão de defeza. Sobre isto podia eu dizer mais e não ouso.

Seria mesmo conveniente que tanta riqueza artistica esparsa pelo reino inteiro, se não tambem por terras estrangeiras, se colligisse e se expuzesse em digno muzeu. Em Vizeu devia ser, e isso chamaria aos velhos muros de Viriato uma romaria piedosa de crentes de Arte, nacionaes e estrangeiros, que ainda os ha, mercê de Deus; mas, se ahi o não querem, que seja em Lisboa, ou onde melhor lhes approuver. Empenhem nisso, mesmo, os poderes publicos e, se fôr preciso, deem-lhes um ou dois deputados. Vale a pena. E que o que se não possa haver no original, se obtenha em boas cópias que digam onde vive ou onde jaz o original.

Vê-se do seu trabalho que foi immensa a obra do grande artista. Bom será que ella seja bem procurada e bem reconhecida por quem saiba, sem nomeações ou escolhas de favor, se isto no nosso paiz ainda fôr possivel.

A Vasco Fernandes, o pobre pintor que chegou a tempo, elle ou a sua viuva ou os seus filhos, de não poder pagar ao Cabido o fôro de dois capões, foi conferido o titulo de grandeza, e conferido..... não sabemos por quem, mas decerto por quem podia mais que os reis; e ficou e vive e perpetúa-se a memoria d'esse titulo sem registo nas chancellarias. Porque não hade honrar Vizeu a memoria gloriosa de seu filho, não já erigindo-lhe monumento de bronze ou de granito,—as Agulhas de Cleopatra em Alexandria e a columna Vendôme em Paris são facilmente anniquil-

ladas; as estatuas de Antonino e de Trajano em Roma são facilmente derribadas,—mas por via de uma simples memoria impressa que se possa proporcionar aos romeiros, que muitos teem vindo e muitos hão de vir só para vêrem os prodigios do genio, nos quadros do Grão-Vasco, *filho de Vizeu?*

Se da casa que foi d'elle, ao pé do velho templo de S. Miguel, onde jaz —«si vera est fama»,*— o ultimo rei dos Godos, se podesse fazer o escrinio das joias do grande pintor, fundando-se alli o seu muzeu, mesmo que fosse modesto, fôra ouro sobre azul; mas não pensemos nisto emquanto reduzirmos a moeda fraca os juros que devemos aos nossos crédores, e isto em nome da nossa soberania!... Eu por mim contento-me com a impressão da sua memoria. Venham os documentos que tão pacientemente copiou dos livros dos* «adajões, dinydades, conegos e cabido».

Os monumentos em papel fragil são os mais fortes e duradouros

Como sou tambem patriota, creia que li com grande jubilo o seu trabalho e que lhe aperto cordealmente a sua mão.

THOMAZ RIBEIRO.

Parada de Gonta,
20 de setembro de 1899.

RAZÃO DO APPARECIMENTO D'ESTE LIVRO

Em presença dos primorosos quadros que existem espalhados em várias terras de Portugal, o povo repete o nome de Grão-Vasco, dizendo-o auctor d'elles, do mesmo modo que na Antuerpia, onde Rubens é o mais conhecido e popular de todos os mestres, as pessoas ignorantes da arte attribuem a este principe da pintura todo o quadro bem executado.

Houve quem concluisse d'essa circumstancia que Grão-Vasco era a personificação mythica de uma escola de pintura e não uma individualidade artistica.

O celebre diplomata prussiano conde de Raczynski, nas *Cartas* que constituem o seu notavel livro — *Les arts en Portugal* —, a cada passo varía de opinião, e no seu—*Dictionaire-historico-artistique*—, abandonando todas as opiniões que anteriormente adoptára, diz que Grão-Vasco não passa de um *mytho;* que esse cognome não compete a Vasco Fernandes, de Vizeu, artista de merito e pintor dos quadros que se acham nesta cidade; que ha um verdadeiro Vasco Fernandes que Botelho Pereira com razão julgou um grande pintor e Frei Agostinho de Santa Maria chamou *insigne;* mas que ha um Vasco *mytho,* cuja vida e obras ninguem conhece.

Os trabalhos de Raczynski e a diversidade de opiniões que nelles apresenta iniciaram o estudo e chamaram a attenção dos eruditos para este importantissimo problema da arte nacional.

Não têm faltado tentativas para a determinação historica de uma individualidade artistica a quem deve competir o cognome de Grão-Vasco, para a fixação da epoca em que viveu, e para a designação dos quadros que pintou. Entre as mais importantes podemos citar as do sr. Theophilo Braga no seu livro —*Questões*

de litteratura e arte portugueza—e as do sr. Joaquim de Vasconcellos, publicadas pela primeira vez no—*Portugal Antigo e Moderno*, 12.º volume,—e já depois reeditadas.

Tambem eu me achei envolvido na questão, quando procurava noticias para o meu livro—VIZEU—*(apontamentos historicos)* de que já publiquei dois tomos, que conteem o que pude colher até ao fim do reinado de D. João II.

Depois de lêr o que diversos auctores haviam escripto ácerca de Grão-Vasco, o meu espirito sentiu um grande vacuo. Via apenas conjecturas mais ou menos fundamentadas, mas em todo o caso divergentes, sobre o nome, sobrenome, epoca da existencia e numero de quadros attribuidos ao grande artista.

Argumento decisivo, nenhum.

Tambem me inteirei dos esforços que o erudito e incansavel antiquario José d'Oliveira Berardo, que foi administrador do concelho e mais tarde conego da Sé e reitor do lyceu de Vizeu, tinha envidado, revolvendo os archivos publicos d'èsta cidade, para lançar luz na questão, que infelizmente mais escureceu; e a principio tive para mim que seria trabalho baldado intentar a este respeito novas investigações.

Mas, reflectindo depois que, num montão de documentos que os archivos de Vizeu encerram e para cujo exame minucioso um homem precisaria de tres ou quatro vidas, podiam ter escapado ao illustre Academico alguns que dessem noticia do grande pintor portuguez; propuz-me tambem a investigar, ainda que com poucas esperanças de lograr o fim desejado.

Felizmente para a historia da arte em Portugal, o meu emprehendimento foi coroado de bom exito, e em virtude d'isso posso hoje affirmar, sem receio de contestação séria, que está reivindicada mais uma gloria patria, mais um titulo de nobreza para Vizeu, o que mostrarei nas paginas que seguem.

O QUE SE CONHECIA DA QUESTÃO QUANDO ME PROPUZ ENTRAR NELLA.

Desde tempos remotos corria uma vaga tradição de que um pintor portuguez, chamado Grão-Vasco, havia pintado com uma actividade prodigiosa grande numero de quadros existentes em Vizeu e proximidades e espalhados em todo o Portugal; mas neste paiz ninguem, no ultimo quartel do seculo XVI, em todo o seculo XVII, e em mais de metade do seculo XVIII, se preoccupava com questões de bellas-artes. O que então florescia eram os fanaticos e sebastianistas.

Quando, por acaso, apparecia algum *intendido* era para alterar ou destruir o que de bom havia sido legado pelas gerações passadas. Que o diga a cathedral de Vizeu onde mascararam com cal as magnificas e bellas columnas de granito que sustentam a abobada, depois de terem aberto nellas innumeros buracos para segurar a cal! vandalismo este que foi remediado pelo sr. D. José Dias Corrêa de Carvalho, actual prelado da diocese, por indicação de Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria Amelia d'Orleans, mandando a expensas d'elle, limpar as columnas e tapar com cimento os buracos que o obscurantismo nelles havia aberto.

Em taes circumstancias de civilisação não admira que os escriptores d'aquelles tempos só fizessem leves referencias, que em verdade depois cairam no esquecimento, ao principe dos pintores portuguezes, e que o seu nome apenas se conservasse gravado na memoria do povo, que, se, em regra, é injusto para com os grandes homens emquanto elles vivem, apoz a morte os glorifica e eternisa.

Só depois que o conde de Raczynski percorreu Portugal para vêr e apreciar os seus monumentos artisticos, é que Grão-Vasco deu que lidar a homens doutos e a artistas instruidos.

Revolveram-se archivos e bibliothecas; examinaram-se minuciosamente quadros; e todas essas investigações não foram tão infructiferas que não levassem o maior numero a convencer-se de que a tradição não era tão mal segura, como alguns suppunham.

Descobre-se que no 5.º volume do *Sanctuario Mariano*, por Frei Agostinho de Santa Maria, impresso no anno de 1716 quatro vezes se refere o nome do pintor Vasco, precedido do qualificativo *insigne*, como tendo *em aquelles tempos grande nome em aquellas partes* (Vizeu).

Essas referencias são as seguintes:

1.ª—Depois de descrever a paginas 240 e seguintes a capella de Nossa Senhora do Bom Successo, ou de Alvellos, ou de Eiras, na freguezia de Cavernães, e de narrar que um devoto a mandára reedificar e fazer um novo retabulo da Senhora, de columnas salomonicas, dourado, e com os fundos de côres, accrescenta:

«No retabolo novo lhe accommodarão dous quadros de pintura excellente, que reservarão com muyto cuydado, e attenção, por serem por obra das mãos do insigne Vasco, Pintor de grande nome em aquellas partes. Hum delles, he de Santo Antonio, e outro de Santo Amaro, mas ambos pintura de grande estimação.»

2.ª—A paginas 248, ácerca do Sanctuario de Nossa Senhora do Ribeiro, na freguezia de Santa Maria da Torredeita, exprime-se assim:

«Tem esta Igreja huã linda Capella mór obrada com muyta perfeição, aonde se vê no meyo do retabolo um quadro da Senhora devotissimo, com outros aos lados, obrados pelas mãos do insigne Vasco, Pintor naquelles tempos de grande nome em aquellas partes.»

3.ª—A'cerca do retabulo de Nossa Senhora de Lourosa, na freguezia de S. Miguel de Ribeira de Diu, arcyprestado de Lafões, escreve a paginas 273:

«No meyo d'este se vê collocada a imagem de Nossa Senhora de Lourosa; e ás ilhargas se vem dous quadros de excellente pintura, que se estimão por obra das mãos do insigne Pintor Vasco. A' mão direita ve-se pintada a Senhora do Pe da Cruz, e á parte esquerda outra Imagem de São João Evangelista.»

4.ª—Fazendo a descripção da egreja do Guardão, na serra do Caramulo, a paginas 376 diz:

«Já neste tempo tinhão na mesma Igreja outra Imagem, tambem de pintura a oleo, a quem tinhão offerecido o padroado daquella Casa debayxo do titulo da sua gloriosa Assumpção. Esta sagrada Imagem está em o mesmo Altar mór, e no Lugar, da antiga, e affirmão ser obrada pelas mãos do insigne Vasco

a quem os que reconhecem a valentia de suas obras, dizem ser uma gloriosa emulação dos pinceis de Apelles, e Thimanthes, que na Grecia forão venerados como Deoses da pintura. Porque se admira naquella Sagrada imagem um rosto tão natural, e de tão rara fermosura, que parece está infundindo respeytos, e venerações, ainda naquellas pessoas, que por sua insufficiencia, ou frieza, com menos attenção contemplão a sua belleza; e estes então movidos da devoção, reconhecem no divinisado daquella Sagrada Effigie de Maria, as adorações de que he digna em seu Original.

«Ve-se esta Sagrada Imagem enlevada e com os braços abertos, e algum tanto cahidos, e acompanhada de seis Anjos; quatro, que ficão mais inferiores com os braços abertos, parece que se offerecem como Throno do seu triumfo; e os dous superiores offerecem á Senhora uma Corôa Imperial, como a Emperatriz que he da gloria. . . . .

. . . .

«Sendo Bispo daquella Diocesí (Vizeu) o Senhor D. João de Mello; vendo a grande fermosura daquella Sagrada Imagem, enlevado nella, não se podia apartar da sua presença. Tão affeyçoado ficou á rara fermosura, e magestade, que aquella Santissima Imagem representa, que intentou levalla para Vizeu, para emprego da sua devoção, dando huma copia, que fosse muyto parecida ao Original, e huma boa quantidade de dinheyro para as obras, e ornatos daquella Igreja ao Abbade della, que naquelle tempo era o Licenciado Joseph da Costa Pessoa, o qual com generoso zelo, e mayor valor, nem quiz aceytar o dinheyro, nem consentir em que se despojasse a sua Igreja de huma tão preciosa joya.»

Por algum tempo foram estas as mais antigas noticias escriptas que se conheciam ácerca do pintor Vasco.

Mas não tardou que as pesquizas dos eruditos trouxessem á luz as elogiosas referencias que lhe fez o dr. Manoel Ribeiro Botelho Pereira no seu manuscripto de 1630, intitulado: «Dialogos moraes historicos e politicos. Fundação da cidade de Vizeu. Historia de seus Bispos, genealogia de suas familias. Relações sobre muitos successos que tiveram logar nesta cidade, diversas antiguidades e factos curiosos. Dedicado á Virgem Nossa Senhora da Assumpção, padroeira da cathedral da dita cidade, e composto por Manoel Ribeiro Botelho Pereira, natural de mesma cidade. Vizeu an. MDCXXX.»

O original d'este manuscripto pertenceu ao fidalgo viziense Theago de Napoles de Noronha e Veiga, que pelo appellido de Napoles parece ser avoengo da familia morganatica da Prebenda e de Moure, que tinha direitos senhoriaes sobre os moinhos do Pintor. e cujo ultimo representante é o sr. Luiz de Mello Pereira Napoles, que ha annos se retirou de Vizeu, depois de vender o que aqui possuia.

Ignoro o destino que teve esse manuscripto; o que sei é que d'elle existem algumas cópias em Vizeu em poder de particulares, uma na bibliotheca publica de Lisboa, e duas na do Porto, estante 13, numeros 187 e 544.

E' escripto em fórma de dialogo entre um individuo chamado Lemano, um doutor philosopho e um soldado.

Nos quatro primeiros dialogos nenhuma referencia se faz ao grande Vasco; todas ellas se conteem em tres capitulos do quinto.

No capitulo I, que tem por epigraphe—Do bispo D. João, protector da Ordem dos Loyos—, escreveu:

«Ao outro dia, madrugou Lemano para ouvir a missa e vêr-se com seu soldado para dar fim á historia de sua patria: ao sair da casa encontrou-se com elle . . . foram practicando até á sé, entrando pelo eirado a capella de Jesus, esteve o soldado notando as perfeitas e excellentes Imagens d'aquelle Retabulo, que parecem de vulto e a variedade de tantos e diversos rostos como nelle debuxou a mam do Grande Vasco Fernandes.»

No capitulo IV, intitulado—Do bispo D. Fernando de Miranda—, lê-se que em um retabulo do altar mór da Sé se encontra um escudo com as armas d'este prelado e com as de seu successor D. Diogo Ortiz de Vilhegas, e, inferindo d'aqui que um mandou fazer e outro juntar esses paineis para formar o mesmo retabulo, accrescenta:

«Soldado: Raro e eminente devia ser o pintor das Imagens d'elle, que não só parecem de vulto, mas vivas se nos representão enganando a vista como ás aves o cacho de Apelles, ou a elle a toalha de Zeuxis.

Vasco Fernandes (respondeu Lemano) se chamava o auctor de tão maravilhosas pinturas, o qual tambem o foi das collateraes de S. Pedro, S. João Baptista, altar privilegiado todas as segundas-feiras, bem grandissimo para as almas do Purgatorio. Tambem pintou o de S. Anna, e S. Sebastião dos Claus-

tros, e o de Jesus que é o da Capella do Bispo D. João o Protector, que averiguadamente está tido por Sancto.»

No capitulo X, que se inscreve — Do bispo D. Gonçalo Pinheiro, diz-se:

«Mandou edificar de novo a capella de S. Sebastião nos claustros, intitulando-a da Vera Cruz, em cuja abobeda se mostrão escudos de suas armas como a famosa pintura do retabulo do Grande Vasco Fernandes, de que já tendes noticia.»

Alguns annos depois das pesquizas de Raczynski e Berardo descobre-se em Vizeu outra referencia a Grão-Vasco, mais antiga que a de 1630.

Communicou-m'a o talentoso e saudoso pintor Antonio José Pereira e a este o meu amigo e collega dr. José Barbosa de Carvalho.

Essa referencia consta do testamento do dr. Jorge d'Almeida, com data de 28 de janeiro de 1613, de que existe publica fórma no inventario a que no juizo d'esta comarca de Vizeu se procedeu por obito de Antonio d'Almeida Tovar e Menezes, de Vizeu, e existe archivado no cartorio do 4.º officio

Por esse testamento institue o dr. Jorge d'Almeida um vinculo, e, ao designar várias propriedades que o ficaram constituindo, diz em um dos periodos:

«E mais um casal que tem em o logár de Sanguinhedo, freguezia de Côta, que foi de Vasco Fernandes, pintor, morador que foi nesta cidade, e de que é caseiro Francisco Martins, do mesmo logar.»

Posto que só no segundo quartel do seculo XIX é que Grão-Vasco começa a ser objecto especial de discursos e escriptos, todavia, já antes, alguns escriptores fizeram honrosa menção do insigne artista.

O abbade de Sever do Vouga Diogo Barbosa Machado dá noticia d'elle, não na sua *Bibliotheca Lusitana*, em que tracta dos escriptores portuguezes e das suas obras, referindo-se só incidentemente a alguns artistas, mas numa carta apologetica, de que o conde de Raczynski transcreveu o seguinte periodo a paginas 137 do livro—*Les Arts en Portugal*:

«Os corypheus da pintura foram: em Roma, Raphael, etc., etc.; na Alemanha, Rembrandt, João Holbein e Abraham de Mi-

gnon; na Hollanda, Lucas de Leyde, etc.; em Inglaterra, Dobson Lely, Thornill; na França, Vouet Pousson, Lebrim, etc.; em Castella, Ribera, Murillo e Velasquez; em Portugal, Grão-Vasco de Vizeu, Affonso Sanches Coelho, Gaspar Dias, Amaro do Valle, Diogo Reynoso, Fernam Gomes, Joseph d'Avellar, Diogo Pereira, Marcos da Cruz, Bento Coelho, o insigne Francisco Vieira, e, entre estes todos, o que me levou a escrever esta apologia, e cujo nome não declarei, temendo ferir a sua modestia. (Referia-se a André Gonçalves, pintor de Lisboa). Lisboa, 10 de dezembro de 1751.»

Pietro Guarienti, inspector da galeria de Dresde, que viveu em Portugal durante os annos de 1733 e 1736, accrescentou e publicou em Veneza no anno de 1753 o Abecedario Pittorico do peregrino Antonio Orlandi, e nelle a paginas 479, diz:

«Vasco, chamado no reino de Portugal com o titulo de Gran Vasquez pelas muitas e insignes pinturas por elle feitas e por todo aquelle reino dispersas. Todas as regias fabricas, mosteiros e egrejas, construidas por ordem regia, acham-se adornadas com as suas bellas obras. Parece pela sua particular maneira que havia estudado na escola de Perugino, havendo desenhado com primor sobre o estylo d'aquelle seculo e expressado com attitude e evidencia a commoção do espirito. Com muito bella architectura e naturalissimas paisagens dava realce á sua pintura. Executou sempre cousas sagradas, e nos oito quadros de singular belleza possuidos pela marqueza de Valença, pinta a vida de Maria Virgem. Por um instrumento de acquisição feita por elle de certos moinhos, que ainda hoje se dizem os moinhos do Pintor, vê-se ter vivido cerca do anno de 1480 »

Estes quadros, os unicos que Guarienti cita como obras de Vasco, pertenciam em 1843 aos duques de Palmella, segundo affirma Raczynski.

Em 1778, por exigencia da secretaria de estado, foram remettidas de Vizeu para o *Diccionario Corographico*, de Cardoso, vários informações pelos curas Manoel Gomes Simões, Nicolau Antonio de Figueiredo, José Mendes de Mattos e Manoel Lopes d'Almeida. O conde de Raczynski recolheu-as no citado livro—*Les Arts en Portugal*—, d'onde as traduzimos. São do teor seguinte:

«Existe uma egreja, sob a invocação de S. Martinho, bispo, da qual antigamente partiam os prelados d'este bispado para fazerem a sua entrada publica na cathedral. Nada se sabe sobre a sua fundação, a não ser que ella é das mais antigas da cidade. Só tem uma nave com tres altares. Sobre o primeiro, que é o altar-mór, venera-se a imagem de S. Martinho, bispo, e sobre os altares lateraes veneram-se duas pinturas antigas, obra do grande e celebre pintor Grão-Vasco, que era do districto d'esta parochia; a que está do lado da epistola representa S. Braz, e a do lado do Evangelho Nossa Senhora da Piedade.

Nesta egreja e na de S. Miguel acima mencionada celebra-se a missa conventual nos dias de preceito para os habitantes do districto.

Estas egrejas, antes de serem reunidas á sé, formavam parochias separadas, e é em commemoração d'este facto que ahi se diz ainda algumas vezes a missa. Ha tambem a meia legua d'aqui uma aldeia, que é a ultima do circuito da minha parochia: chama-se Moure de Carvalhal, contem 36 fogos ou habitações com 132 habitantes, quasi todos são rendeiros de Joseph de Lemos e Napoles, Morgado de Moure. Ha uma capella da invocação de Nossa Senhora dos Remedios. Tem um altar onde se venera a imagem da Santa padroeira. Tem uma confraria sob a protecção da mesma santa virgem. Esta capella foi fundada pelos habitantes do logar, á sua propria custa: são elles que fornecem todos os ornamentos necessarios. Não ha nesta aldeia mais cousa alguma que seja digna de mencionar-se; sómente a pouca distancia, ha uns moinhos chamados do *pintor*, onde nasceu, segundo a tradição constante, um muito celebre e habil pintor chamado Grão-Vasco, o qual, dizem, fez o espanto não só d'este reino, mas ainda dos estrangeiros, o que é ainda hoje attestado por seus quadros da sé de Vizeu.

O cura—*Manoel Gomes Simões.*»

«CATHEDRAL DE VIZEU

E' ornada com dois pulpitos, quatorze confissionarios, um grande baptisterio de marmore, uma grande sacristia, em que se vèem ricas vestes sacerdotaes e muitos vasos de prata; sobre as paredes admiram-se muitos quadros feitos por Grão-Vasco . . . .
. . . .

«Esta cathedral tem um grande claustro com oito altares, etc., e fóra do claustro, perto da porta chamada do Sol, encontra-se o altar do Bom Jesus, com um quadro em que se vêem todos os tormentos que fizeram soffrer a nosso Redemptor; é obra das mãos e do pincel do mesmo Grão-Vasco, etc.

PROPRIEDADE DE FONTELLO

Casa de recreio dos Bispos

Este palacio está rodeado de habitações de quatro lados. Na face da torre encontra-se a fachada principal que tem differentes janellas, e á direita a capella de Santa Martha, que fez construir o bispo D. João Manoel, porque a que ahi estava antes era antiga e pequena: nella ficou um quadro de Grão-Vasco de Vizeu. Este habil pintor ahi representou Christo Nosso Senhor recebido na casa de Santa Martha.

Nicolau Antonio de Figueiredo.»

«CATHEDRAL DE VIZEU

. . . .

O sobredito claustro tem uma porta que abre para o exterior, assim como uma outra que dá entrada para uma capella consagrada a Christo sobre a cruz; esta capella tem outra porta, chamada do Sol, que conduz a uma escadaria por onde se sae. O altar é privilegiado *in perpetuum;* tem um quadro sobre madeira onde se vê representada a imagem de Christo sobre o Calvario, crucificado entre dois ladrões, obra do Apelles portuguez Grão-Vasco. . . . .

O cura—*José Mendes de Mattos.*»

«CONVENTO DE S. FRANCISCO D'ORGENS EM VIZEU

Numa arcada a 5 1[2 palmos (1,ᵐ25) acima do pavimento da egreja, levanta-se um tumulo, cuja altura occupa todo o vazio da arcada.

Sobre a parte anterior d'este mausoleu, cuja superficie é plana, está suspenso um quadro que enche toda a arcada na

altura e largura; esta pintura, feita com arte e finura, é uma das melhores que se conhecem nesta nossa provincia da Beira. Contempla-se ahi a dolorosa scena do descimento da Cruz. O corpo de Jesus Christo, nosso Redemptor, está estendido num lençol; Nossa Senhora, mergulhada na dôr, sustenta a mão direita do Salvador; a penitente Magdalena beija seus pés ensanguentados pelos buracos; o Evangelista muito amado sustenta em seus braços o corpo do Salvador, quebrado e coberto de feridas. As tres Marias banhadas em lagrimas contemplam este espectaculo doloroso. Tal é a excellencia d'estas santas imagens, que, sendo contempladas com devoção e recolhimento, não podem deixar de consternar os corações os mais duros. Esta pintura extraordinaria é, com effeito, tão verdadeira, que não se poderia achar differença entre a realidade e a representação. O talento e a habilidade do artista forão taes que fez parecer natural o que é obra das mãos, e vivo o que é apenas uma sombra.

Diz-se que esta admiravel e surprehendente pintura é uma das mais notaveis do celebre e incomparavel Vasco Fernandes do Casal, cognominado Grão-Vasco; que ella por si só bastaria para lhe adquirir o nome de grande, pelo qual é com justo titulo conhecido em toda a Hespanha, porque todas as obras d'este nobre e insigne artista são uma viva rivalidade de Apelles, de Timanto, de Zeuxis e de Parrhasius, que, segundo o que nos dizem os poetas, receberam o nome de divinos por o raro merito de suas pinturas:

..... Pictoribus atque poetis
Quidlibet audiendi semper fuit aequa potestas.

Não ha a menor duvida que a obra de que vimos de fallar seja de Grão-Vasco, posto que o auctor do Sanctuario de Maria a tenha julgado de Alberto Dürer.

O cura da cathedral—*Manoel Lopes d'Almeida.*»

O padre Leonardo de Sousa, da Congregação do Oratorio (S. Filippe Nery), nas suas *Memorias historicas e chronologicas dos bispos de Vizeu*, de 1768, obra em tres volumes manuscr ptos, que pertencem ao sr. conde de Prime José Porphirio d

Campos Rebello, tambem faz honrosa menção do grande pintor.

No volume 2.º, paginas 245 v.º e 246, expondo a vida de D. João Vicente, obispo Santo do Azul, de quem fallamos largamente no nosso segundo tomo do—VIZEU, diz:

«Foi para umas casas perto da cathedral para a parte da Calçada, as mais altas, e debaixo das quaes se passa para outra rua, emquanto se erigiam outras, que mandou edificar contiguas á mesma sé, no sitio que actualmente serve de sachristia.

. . . .

Achava-se então ella (a egreja) pouco adornada sendo o tecto de madeira, o pavimento de terra, as paredes tôscas e os altares nús.

A estes servião de retabolos huns quadros que ainda se conservão em diversas partes, por serem primorosa idea do insigne grão Vasco Vizeense: mas nenhum já na mesma Igreja.»

Quando noutro logar falla das cincoenta e quatro cadeiras de pau jacarandá, que foram marchetadas de meúda talha dourada e no seculo XVIII collocadas na capella-mór, retirando-se as antigas, das quaes umas foram distribuidas por várias partes dos claustros e outras dadas ao convento das religiosas de Jesus, diz:

«Tambem se extrairam das paredes a que estavam encostadas estas cadeiras quatorze primorosos quadros, artefacto prodigioso do insigne Apelles Vizeense o grão Vasco Fernandes de Carvalho. Collocaram-se estes na nobilissima casa do mesmo Ill.mo Cabido, obra sua, querendo nella conservar estes memoraveis originaes.»

Roland le Virloys, a paginas 91 do 3.º e ultimo volume do seu *Dictionaire d'Architecture; civile, ancienne et moderne et de tous les arts et métiers, qui en dependent,* impresso em Paris em 1771 (o 1.º volume é de 1770), diz:

«Vasco, que vivia em 1480, chamado em Portugal o Gran-Vasquez, por causa do grande numero de bellas obras de pintura que fez em differentes logares d'este reino particularmente em todas as casas reaes, mosteiros e egrejas, edificadas por ordem do rei, parece por sua maneira que era

discipulo de Pedro Perugino; os fructos de seus quadros são sempre ornados de bellas fabricas de architectura, ou de bellas paisagens; o seu gosto o levava sempre a pint r assumptos da historia sancta.»

Frei Manoel do Cenaculo Villas Bôas, o muito illustrado bispo de Beja e depois arcebispo de Evora, nas suas *Memorias historicas da utilidade do ministerio do pulpito*, impressas em Lisboa em 1775, § 4.º, artigo Pintura, paginas 134, refere-se a Grão-Vasco nos termos seguintes:

«Não saberei eu delinear o caracter da Pintura naquelle Seculo, tanto por ser cousa alheia de minha profissão, como porque na verdade foram os antigos descuidados em conservar-nos estas noticias.

Não direi que dos muitos mancebos que El-Rei mandou a Italia, nem dos quarenta Pintores que escreveu Frei Nicolau de Oliveira haver em Lisboa, só era capaz uma pequena porção ser aqui recommendada. Carecemos dessa noticia individual. Ficou de entre elles bom nome a Grão-Vasco, da escola de Perugino.»

D. Thomaz Caetano do Bem, o sabio monge da Ordem dos Theatinos, nas *Memorias historicas e Chronologicas*, tomo 1.º, paginas 182, edição de 1792, diz:

«Um pequeno quadro representando Nosso Senhor coroado de Espinhos, obra do insigne pintor Grão-Vasco.»

Francisco Dias Gomes, nas *Poesias*, impressas em Lisboa em 1799, paginas 18, elegia 1.ª, nota 11, refere-se a Grão-Vasco e diz:

«Os mais famosos dos nossos Pintores foram Grão-Vasco, florescendo nos tempos de D. João III; teve muita elevação nos seus pensamentos e muita viveza de expressão. Foi admiravel no colorido, e se não tivera alguma cousa de gothico seria um consummado artista, etc.»

O Academico Antonio Ribeiro dos Santos, nas *Memorias* que colheu (1795), que se acham manuscriptas na bibliotheca publica de Lisboa, cita obras de muitos pintores e entre ellas as de Grão-Vasco, de quem diz (traduzimos do livro de Raczynski):

«Entre todos os nossos pintores distinguiu-se muito e fez-se notar Grão-Vasco na epoca de D. João III. Foi discipulo da escola de Perugino. Seu pincel era tão elegante como o de seu mestre. Não era um pintor extraordinario para os frescos, mas eminente como pintor a oleo. Tinha muita elevação nos pensamentos, dava muita expressão ás suas figuras, e seu colorido era maravilhoso. E' sobretudo nas roupagens que sobresaía. Diz-se d'elle que não era feliz no modelado das articulações das mãos e que suas obras tinham conservado alguma cousa de gosto gothico.

Existem bellos quadros d'este mestre em Vizeu, d'onde era natural, em Thomar, em Coimbra na capella da Universidade, nos dois collegios de S. Pedro e S. Paulo e na egreja do mosteiro de Santa Cruz. Em Lisboa existem d'elle dois famosos paineis na casa de Penalva, representando: um, S. Francisco; um, S. João Baptista; e, dois, outros santos.

Vêem-se alguns d'estes quadros na egreja de Alcobaça, e no hospicio d'esta povoação, uma excellente pintura, representando o Calvario, e outra S. Thomaz de Cantorbery.

No convento da Trindade em Lisboa, vêem-se obras d'este mestre, na sala que precede o refeitorio.

Na capella real da egreja da Batalha, tumulo de nossos reis, ha maravilhosas pinturas de Vasco, entre as quaes se distinguem as da Santa Virgem e de Santo Thomaz. Ahi se vêem tambem do mesmo pincel as que representam as acções do infante D. Fernando no seu captiveiro.

No côro da egreja de Thomar vêem-se excellentes pinturas que Vasco fez nos ultimos annos da sua vida.
O martyrio de S. Bartholomeu é egualmente representado por Vasco.
Este quadro que é sobre madeira vê-se na cathedral de Lisboa, na capella que tem o nome d'este santo.
O corpo ferido está bem representado.
O quadro recommenda-se por uma grande exactidão de desenho e por um bom contorno das figuras.
No logar em que está collocado só se póde examinar com luz.
Os outros quadros do mesmo altar parecem ser da mesma mão.

José da Cunha Taborda, no seu livro—*Regras da arte da pintura*, impresso em Lisboa, na Impressão Regia, em 1815, nenhuma duvida oppõe á actividade artistica de Grão-Vasco, dizendo que ha poucas egrejas, mosteiros e edificios que não estejam ornados com as suas bellas obras, de que cita grande numero.
Inclina-se a que fosse discipulo de Perugino e affirma ter vivido em 1480, segundo a escriptura da compra de certos moinhos, ainda então (e hoje) chamados *moinhos do pintor*; e numa nota accrescenta:

«Ha quem pretenda, que Vasco seja natural de Vizeu; não refutamos esta tradição; só dizemos que não encontrámos monumento algum que comprove està naturalidade; e se acaso citamos este Instrumento, he só fundados no que d'elle nos deixou escrito Guarenti no *Abecedario Pictorico* de Pelegrino Antonio Orlandi. a quem nos referimos. Tambem desejariamos dar por verdadeira a noticia, que nos communicaram, de que fallecêra em Thomar, e fôra sepultado na Igreja do Mosteiro dos Religiosos da Ordem de Christo d'aquella villa; porem tudo isto é destituido de fundamento, que nos não soube dar quem isto nos affirmou.»

Ainda Taborda tem como provavel que Vasco deixasse

muitos discipulos e que grande numero dos quadros que lhe são attribuidos, por se não conformarem com o grande engenho d'este pintor por algumas incorrecções que se notam em alguns d'elles, sejam obra de seus discipulos.

Cyrillo Volkmar Machado na sua—*Collecção de memorias relativas ás vidas dos pintores*—, edição de Lisboa, de 1823, paginas 49, diz;

«Grão-Vasco de Vizeu.

As memorias que chegaram atê nós relativamente a este famoso pintor são algumas vezes incertas, outras contradictoctorias, e só se accordam sobre um ponto e é que vivia em 1480, porque é neste anno que elle comprou uns moinhos em um lugar de Vizeu........... Ha pessoas que pretendem que fôra discipulo de Perugino ou de Raphael.

A primeira hypothese é pouco verosimil; a segunda impossivel, porque Raphael nasceu em 1483. E' possivel que tenha sido condiscipulo de Pedro Perugino na escola de André Verrochio, Florentino, que foi tambem mestre de Leonardo de Vinci, porque era muito habil na pintura, na architectura e na perspectiva: todas as cousas em que o nosso Vasco sobresaía.»

Volkmar considera incoherente a tradição que refere que D. Manoel o enviára a Roma a estudar, porque a escola de Roma é mais moderna que o nosso pintor, e conclue que, se algum rei o enviou a essa cidade, deveria elle ter sido D. Affonso V, que governou desde 1438 a 1481, visto como Vasco era já bom pintor em 1481, anno em que D. João II começa a reinar.

E depois referindo-se ao estylo de Vasco, diz:

«Seguiu nas suas cabeças das Madonas a maneira de pintar de Perugino e mesmo a primeira maneira de Raphael, mas nas roupagens e sobretudo nos corpos nús das creanças seguiu, segundo diz Bermudez, a maneira assás gothica dos Alemães.»

Apesar d'esta citação, em Bermudez nada se encontra com respeito a Grão-Vasco; este auctor falla apenas de Vasco Pereira e de Vasquez, pintores portuguezes, que trabalhavam em Hespanha, este em 1562 e aquelle em 1598.

Depois de dizer que Grão-Vasco com suas pinturas ornou muitas egrejas, mosteiros e palacios reaes, mencionando os mais importantes e ainda aquelles que devem attribuir-se aos seus discipulos, Volkmar conclue:

«Terminaremos o elogio de Grão-Vasco, dizendo com um bom artista de nossos dias, que pintou com verdade e sciencia, principalmente as cabeças, as roupagens, a architectura, as paisagens; e que as terminava com uma delicadeza incomparavel.»

«D. Frei Francisco de S. Luiz (o cardeal Saraiva), bispo-conde de Coimbra e depois patriarcha de Lisboa na — *Lista de alguns artistas portuguezes,* colligida de escriptores e documentos, extracta, parecendo-lhe exacto, o juizo que Francisco Dias Gomes fez de Grão-Vasco e das suas obras.

Luiz Duarte Villela da Silva, nas suas—*Observações criticas sobre alguns artigos do Ensaio estatistico do reino de Portugal e dos Algarves*, publicado em Paris por Adriano Balbi, 1828, a paginas 111 e seguintes, diz:

«A nossa escola foi sempre italiana. Grão-Vasco estudou na Italia e Amaro do Valle viveu em Roma...... Vasco, não obstante o seu estylo um pouco secco e gothico, deve reputar-se um dos mais celebres artistas portuguezes.

Era muito habil em architectura e em perspectiva. Portugal possue uma multidão das suas obras.»

Francisco de Sousa Loureiro, director da Academia das Bellas Artes de Lisboa, pronunciou ácerca de Grão-Vasco, um discurso, que corre impresso, na sessão publica triennal de 22 de dezembro de 1843.

Nelle intentou demonstrar que Grão-Vasco não é Vasques de S. Lucar que se assigna Vasques Lusitano, e de quem se conserva em Hespanha um quadro com a data de 1552, nem Vasco Pereira que trabalhou em Sevilha desde 1594 a 1598, mas Vasco sem appellido, que foi creado de Luiz Dantas, e depois nomeado, por el-rei D. Affonso V, illuminador da côrte, por Carta de 7 de março de 1455, que se acha registada a fls. 179 do Livro 13.º da Chancellaria d'aquelle monarcha, e é do theor seguinte:

«dom affomso por graça de deos rei de portugal. A quantos esta carta virem fazemos saber que nos querendo fazer graça e mercee a Vasco creado de luis dantas nosso creado Temos por bem e tomamolo ora novamente por nosso cominador em loguo de um moço que tinhamos hordenado a gonçalo eanes nosso capelam outro si nosso cominador por quanto nos praz que este seja filhado em seu loguo e praz nos que haja de nos deste primeiro dia de janeiro que ora foy desta presente era de quatro centos cincoenta e cinco em diante dois mil e quatro centos reaes brancos de mantimento em cada um anno a rrazom de duzentos reaes por mees os quaes lhe seram paguos em cada hum anno aos quartees delle na nossa portajem desta cidade de lixboa ou em logar honde delles aja boom pagamento por nossa carta que lhem cada hum anno seria dada na nossa fazenda e por sua guarda e remembrança delo lhe mandamos dar esta carta asinada per nos e aseelada do noso seello dada em a dita cidade de lixboa a sete dias de março gonçalo cardoso a fez anno de nosso senhor jesu christo de mil quatro centos cincoenta e cinco.»

A este documento já se havia referido Taborda nas suas *Regras da Arte da Pintura,* fls. 148.

José d'Oliveira Berardo, o grande investigador viziense, que muito se illustrou nas prisões de Almeida durante os igno-

miniosos tempos do feroz absolutismo de D. Miguel, e que depois de 1884 foi administrador do concelho de Vizeu e mais tarde conego da Sé e reitor do lyceu d'esta cidade, escreveu curiosas noticias ácerca de Grão-Vasco.

As que em seguida apresentamos sob os numeros I, II e III, foram por elle enviadas ao visconde de Juromenha e por este transmittidas ao conde de Raczynski que as publicou no já citado livro—*Les Arts en Portugal*—, d'onde as traduzimos, e as que apresentamos sob os numeros IV e V, foram inseridas nos n.os 52 e 85 do *Liberal*, periodico que se publicou em Vizeu nos annos de 1857 e 1858, com o titulo—*O Pintor Vasco Fernandes, de Vizeu.*

I

«Não podemos pôr em duvida a existencia do *excellente pintor Grão-Vasco em Vizeu*, sem cair numa especie de scepticismo; porque, quando os factos historicos não fornecem certeza, é-nos preciso parar nas probabilidades.

As tradições sobre as quaes são baseadas a maior parte das memorias escriptas, só merecem o ultimo logar na nossa crença, quando são destituidas de verosimilhança; mas é certo que muitas vezes as verdades as mais incontestaveis são legadas d'esta maneira de geração em geração.

Achamos escripto que antes de Homero existiram os celebres Lino e Orpheu; entretanto, como nada resta d'elles, alguem duvidou já da sua existencia. Mas que diremos nós de Virgilio e mesmo de Homero? Oh! dizem alguns: existiram, porque temos as suas obras; mas não attendem á identidade de pessoas. O que se chama Iliada não é, segundo outros, senão uma collecção de trechos de diversos cantores gregos, dispostos na ordem em que se acha hoje este poema.

Seja o que fôr, é certo qne possuimos hoje muitas obras anonymas, ou cujos auctores são duvidosos, mas do que não pudemos duvidar é de que alguns homens as fizeram e é a elles que dirigimos nossas homenagens, posto que haja erro ou corrupção do nome e de circumstancias biographicas.

E' com razão que passou em proverbio — *Verba volant, scripta manent;*— mas, se, á falta de monumentos, uma tradição constante attesta que um individuo existiu e indica as obras que deixou e que, em materia de bellas-artes, servem de funda-

mento á memoria tradicional, não hesitarei em prestar fé ao que achar de rasoavel sobre o assumpto.

E' precisamente o caso em que julgo estar Grão-Vasco de Vizeu, que, tendo florescido no tempo em que o governo portuguez não tinha ainda estabelecido os registos civis e ecclesiasticos, seria inutil ir procurar o seu assento de baptismo. A epoca da sua morte é egualmente ignorada; do mesmo modo que o logar da sua sepultura em Thomar. (Veja-se Volkmar Machado, Memorias, paginas 51).

Os archivos dos livros do bispado de Vizeu foram destruidos por occasião da invasão do exercito de Massena em 1810, de maneira que os mais antigos livros que hoje aqui se conservam são: o da freguezia de Pessegueiro, que remonta ao anno de 1565, o da freguezia das Chans a começar em 1567, e o da freguezia da Sé que vae até 1595.

Neste ultimo fizeram-se todas as investigações possiveis, sem que se tenha podido encontrar nelle o assento de obito do nosso pintor.

Todavia, está averiguado que se tem conservado na cidade de Vizeu até ao presente uma tradição constante fundada e apoiada sobre as excellentes pinturas d'este grande mestre; esta tradição o diz nascido nas cercanias da cidade, em um obscuro moinho que tomou por esta razão o nome de *Moinho do pintor*, porque este artista era filho de um pobre moleiro.

A pessoa que escreveu isto teve a curiosidade de visitar este logar que, por mais humilde que seja, se vê enobrecido pelo merecimento de um homem celebre.

A' distancia de menos de um quarto de legua da cidade, corre, na direcção do norte, um fraco regato que poderiamos antes qualificar de torrente. Ahi num estreito valle, cercado de rochas de granito, acha-se construido um pequeno moinho de trigo, e perto d'elle os alicerces de uma choupana, que não existe já; é neste logar que, segundo a tradição, nasceu o grande pintor Vasco, que desde a infancia deu indicios de um raro genio, pintando na porta da casa um burro carregado de taleigas, com uma tal habilidade, que o pae, regressando a casa, ao anoitecer, se enganou a ponto de querer fazer entrar na choupana o que era apenas uma vã illusão. Ouvi contar a um velho que existia já em 1730, que, pela protecção de um bispo de Vizeu, Grão-Vasco tinha ido estudar á Italia.

Durante a sua viagem entrou em casa de um pintor, di-

zendo que exercia a sua profissão e pedir-lhe para o empregar. Os vestidos esfarrapados com que estava coberto, o seu aspecto miseravel o fizeram desprezar do dono da casa, que, todavia, por compaixão lhe deu tintas para moêr.

Chegada a hora do jantar, todos sairam; e o nosso Vasco aproveitou a occasião para pintar, como por vingança, uma môsca sobre a face de uma pintura, o que fez com tal arte que a gente da casa, quando entrou, tentou por muitas vezes enxotar a môsca, antes de conhecer o erro.

Neste comenos, o pintor tinha-se escapado, e toda a gente da casa exclamou, com voz unanime, que aquillo só podia ter sido feito pelo grande Vasco.

Penso bem que todas estas narrativas e outras semelhantes são fabulas como se deve esperar das tradições locaes; todavia são um forte indicio não só em favor da reputação de Vasco, mas mesmo da sua existencia, e póde d'ellas induzir-se que era natural do logar designado.

A tradição a mais constante sobre o nome que anda ligada ao moinho do Pintor, é a que o chama Vasco Manoel, afilhado de Vasco Fernandes do Casal, homem rico, cujo nome de familia se conserva ainda em algumas familias de Vizeu.

Um dos descendentes e herdeiros d'esta familia mostrou-me em uma casa de campo certa pintura de Vasco á entrada da porta de uma adega. Representa o Deus Baccho assentado sobre um tonel. E', dizia elle, obra do afilhado de Grão-Vasco.

Não sustentarei que esta tradição seja authentica, mas posso assegurar que a pintura, apesar de algumas deteriorações, é digna do auctor a quem se attribue.

Tendo tido occasião de examinar os archivos da Sé, assim como o dos paços dos bispos em Fontello, posso affirmar que não existe ahi nenhuma memoria respeitante á pessoa e ás pinturas de Grão-Vasco. Pelo que respeita á escola d'este grande mestre, é constante que teve muitos discipulos e imitadores.

Na verdade, se tivesse feito todos os quadros que se lhe attribuem, bem pouco descanço teria gosado na sua vida: bastaria enumerar os que d'elle existem em Lisboa, em Thomar, em Evora, e sobretudo nas igrejas do bispado de Vizeu, para nos fazer duvidar de um tão grande trabalho.

(Vejam-se as memorias já citadas de Cyrillo Volkmar Machado).

Muitos d'estes quadros são suppostos; mas, todavia, o perito póde facilmente distinguir os do mestre dos dos imitadores.»

Oliveira Berardo enumera e dá algumas noticias sobre os quadros de Vasco existentes na Sé de Vizeu e de alguns que lhe parece não serem obra sua, os quaes apresentaremos adeante quando nos occuparmos de cada um d'elles, e conclue a informação, dizendo:

«Eis tudo o que eu sei e posso dizer a respeito do meu concidadão Grão-Vasco, que, por seu eminente genio, honra não só o logar do seu nascimento, mas ainda a nação. Desejaria dizer mais com certeza e verdade, mas faltam-me detalhes: devemos accusar d'isso o tempo destruidor e a ignorancia de seus contemporaneos que não souberam apreciar o merito.

Vizeu, 15 de novembro de 1843.

J. O. Berardo.

II

«Vizeu, 20 de fevereiro de 1844.

No primeiro opusculo sobre a existencia, nacionalidade e obras do insigne pintor Grão-Vasco, referi tudo o que conhecia e me tinha sido possivel recolher sobre este assumpto.

Mas, cedendo agora a instancias de pessoas muito respeitaveis, sabendo que um motivo transcendente occasionou estas investigações e que se trata nada menos que da honra e da gloria nacional, empenhei-me em proceder a investigações mais minuciosas.

Alguem disse ter encontrado, na bibliotheca do Porto, um documento de 1630, que faz menção do nosso pintor sob o nome de Vasco Fernandes do Casal. Não contesto que tal haja sido a sua denominação, posto que, segundo a tradição de Vizeu, que é a mais constante, se chamasse Vasco Manoel.

Entretanto, consultando o archivo das corporações e das antigas casas, só tenho encontrado nos documentos relativos ao morgado de Gumirães noticia da existencia de um Vasco Fernandes do Casal, filho de Francisco Coelho de Campos, capi-

tão general de Vizeu, Besteiros e Lafões, e de sua esposa Maria Fernandes do Casal, prima do bispo de Coimbra, D. Gaspar do Casal, etc. Era fidalgo da casa real e moço da camara d'el-rei D. João III, segundo um alvará de 29 de novembro de 1540, e já o tinha sido do infante D. Duarte, irmão do mesmo rei, como se diz no mesmo documento. Por alvará do mesmo rei, a este individuo foram dadas as rendas do bispado de Vizeu.

Eis tudo o que sei hoje e tudo o que tenho podido descobrir relativamente ao individuo assim chamado, que, no meu parecer, não póde ser confundido com o nosso pintor, primeiro por causa da sua dignidade e do seu emprego, depois porque esta asserção está em contradicção com a constante tradição da sua origem, de que fiz menção nas primeiras noticias. Não é provavel que um homem de uma tal condição tenha podido pintar os numerosos quadros que conhecemos de Grão-Vasco; e, se tivesse sido amador, não poderia ter attingido a perfeição que admiramos hoje nestas obras primas. Seja o que fôr, uma tradição que acima referi e as minhas proprias observações me levam a crêr que o nosso pintor foi filho adoptivo ou, ainda filho natural de Vasco Fernandes do Casal e que lhe dariam por essa causa o nome de Vasco Fernandes.

Esta minha opinião é apoiada de alguma sorte na existencia de um excellente quadro de Vasco, na capella de Santo Antonio do morgado de Gumirães, que este pintor talvez tenha offerecido a esta casa.»

Berardo descreve em seguida este quadro, o que tambem fazemos adeante, e conclue:

«Entretanto se este famoso pintor Vasco era filho adoptivo de Vasco Fernandes do Casal, como explicar-se o que referem as *Memorias de Cyrillo*, que o dão como existindo em 1480, epoca em que, diz-se, comprára os moinhos onde nasceu, perto de Vizeu?

Responderei a isto que, estas *Memorias* sendo *incertas* e *contradictorias*, assim como o proprio auctor o reconhece, podemos admittir que a data de 1480 é inexacta, e esta opinião é tanto mais provavel que ninguem forneceu prova em apoio d'esta versão, e ides vêr o contrario.

Cyrillo nota a diversidade de opiniões e a contradicção

que existe nas memorias, em que Vasco é citado como discipulo de diversos mestres, onde se falla do logar de seus estudos e se designa o soberano que o enviou ás escolas celebres da sua epoca.

E', a meu vêr, verosimilhante que el-rei D. Manoel o enviasse a estudar á Italia, não só porque tal é a tradição mais constante de Vizeu, mas tambem porque existem documentos d'este rei sobre este assumpto.

Devo dizer de passagem que um homem de nascimento tão humilde, como o de Vasco, não podia ter feito a viagem á Italia sem protecção dos grandes.

A nobre familia que o protegia poude querer contribuir assim para os seus progressos e para a sua elevação: sem duvida deveu mais a seu proprio genio.

Vemos, pois, que ha anachronismo nesta data de 1480 que se pretende ser a da actividade artistica de Vasco, porque, a nosso vêr, foi posteriormente, isto é, no reinado feliz de elrei D. Manoel e talvez tambem no de seu successor D. João III que elle foi para Italia.

Quando o tempo destruidor tem feito desapparecer os documentos, o historiador, faltando-lhe provas escriptas, é forçado a recorrer aos monumentos, e, quando o archeologo nellas encontra indicios favoraveis ás suas pesquizas, contenta-se e felicita-se com isso.»

Berardo aprecia depois o quadro do Calvario e a capella em que se acha, o que temos por inutil aqui reproduzir, e continúa:

«De tudo o que tenho referido até aqui, tiro pois a consequencia que o nosso pintor florescia, não durante o seculo XV, como diz Cyrillo, mas sim nos reinados de D. Manoel e D. João III; e, se a isto accrescentar que Vasco, tendo segundo esta opinião em 1480 pelo menos 25 annos, em 1527 teria já quasi attingido a edade de decrepitude (72 annos). Ora, ninguem, examinando as bellezas do quadro do Calvario, poderia admittir que seja obra de um homem de tão avançada edade.

Eis o que me tem sido possivel accrescentar ás noticias do pintor Vasco e o que devo sustentar como seu compatriota, e penso que nenhum estrangeiro mal informado ousará mais pôr em duvida sua naturalidade luzitana.

Não me tenho portanto deixado cegar nem pelos prejuizos nem pelo amor da gloria da minha patria a ponto de sacrificar a verdade e de recorrer a fraudes engenhosas; o que seria perdoavel tractando-se de um grande artista que pintou com tanta verdade, com tanta sciencia, obras tão delicadas e tão admiraveis.»

Berardo descreve em seguida os quatorze quadros que se encontravam na sala do cabido e hoje na capella-mór da Sé de Vizeu, e os da sachristia da Misericordia d'esta cidade, o que faremos mais adeante, e conclue:

«Tenho visitado muitas igrejas do bispado de Vizeu, quasi sempre com o fim de instrucção e com curiosidade.

Quanto ás pinturas attribuidas a Vasco, que tenho encontrado em algumas, não garanto a sua authenticidade; todavia, são da sua escola e do seu estylo.

D'ahi nasce a supposição que teve muitos discipulos, principalmente neste bispado e que habitou por muito tempo os logares do seu nascimento.

O auctor d'estas noticias possue tambem um pequeno quadro de Vasco, de mais de um palmo quadrado, representando o *Salvador prégando*, em cujo reverso se vê o n.º 112. E' talvez a indicação e o numero de suas obras até áquella inclusivamente.

Presumo que nenhum perito poderia negar a sua authenticidade.

Emfim, meus desejos, escrevendo esta curta noticia, são superiores ás minhas forças.

Desejaria estendel-a mais, se os meus conhecimentos e a minha actividade m'o tivessem permittido, mas o tempo consummiu o que não mais póde recuperar-se.

Entretanto, tenho a força para citar com exactidão as noticias que conheço, e é para mim ao mesmo tempo um prazer e uma honra dirigil-as a pessoa qualificada, que, nestes reinos, representa a nação a mais instruida da Europa.»

III

«Vizeu, 3 de maio de 1844.

E' muito importante conservar a memoria dos grandes homens; não só porque nos é agradavel poder contal-os no numero dos nossos compatriotas, mas ainda por a utilidade que ha em os poder apresentar como modelos áquelles que a natureza dotou de disposições capazes de attingir a mesma altura.

Muitas vezes uma negligencia reprehensivel impede-nos de prestar ao merito o tributo que lhe devemos, e no andar dos tempos esta falta é irreparavel.

Quando se tracta de antiguidades ácerca das quaes os contemporaneos deixaram de fornecer-nos noticias positivas, torna-se quasi impossivel attestar a sua authenticidade.

E' preciso recorrer a outros documentos, a monumentos ou á tradição.

Este ultimo methodo é menos seguro, porque é susceptivel de soffrer a influencia da malicia ou da ignorancia, apanagio ordinario da especie humana. O que ha de mais certo são os documentos, porque provam, depois veem os monumentos, porque confirmam, segundo sua origem é mais ou menos certa.

Foi d'este ultimo processo que se serviu o auctor do — *Supplemento ás noticias de Grão-Vasco*, e foi por isso que elle se aproximou mais da verdade.

Pelo cuidado que tenho tomado de corresponder ao desejo de pessoas distinctas que querem pagar um digno tributo á memoria do grande artista, não tendo obtido um successo completo, procedi a novas investigações nos papeis dos archivos da Igreja de Vizeu, e cheguei emfim a descobrir ahi o assento de baptismo de Vasco, que remonta a 1552 e que é consequentemente mais antigo que o primeiro que foi citado e que é de 1595.

Eis uma cópia fiel d'esse assento tal como póde lêr-se a folhas 22:

«Aos XVIj dias do mes de setembro de 1552 años bautisei *Vasco,* filho de fr.co fêz. paintor e de m.a amriques sua molher forã padrinhos e madrinhas. S. egaas velho e p• lopez f.o de a.o de reguo e r.• a.o madrinhas m.a lopes molher de Gaspar Vãz e c.a f pays molher de geronimo tavares dos moradores nesta cidade e p.r verdade asyney aquj.—*Afonso Alves.*»

Se com effeito se refere ao Grão-Vasco de que tanto se falla hoje, segue-se naturalmente que este pintor não podia ser nenhum dos citados pelo sr. Francisco de Sousa Loureiro, no discurso que pronunciou a 22 de dezembro de 1843 e que o visconde de Juromenha teve a complacencia de enviar-me.

Entretanto Francisco Dias Gomes, cuja opinião é referida neste discurso, diz que Vasco florescia no tempo de D. João III, o que está quasi de accordo com a minha opinião actual.

Ninguem duvida que, se o antiquario de Vizeu Manoel Botelho Ribeiro Pereira, que vivia no fim do seculo XVI, não conheceu Vasco, pelo menos deveu de ser quasi seu contemporaneo e soube o seu nome.

Ora elle chama-o Vasco Fernandes em diversos logares da cópia que possuo.

Esta opinião é alem d'isso confirmada pela sachristia da Sé de Vizeu, terminada pelo bispo D. Jorge d'Athaide em 1574, como se vê da inscripção, que diz:

GEORGIUS ATAIDES EPIS.
VISEN: F. C. MDLXXIIII.
Georgius Ataide episcopus visensis faciendum curavit 1574.

E' preciso agora fazer notar que os quadros de Vasco que se acham na sachristia estão de tal sorte bem collocados, em vista da luz proveniente das janellas, que evidentemente devem ter sido collocados ahi depois de acabado o edificio.

Do que acabo de referir concluo: 1.º que Grão-Vasco de Vizeu era filho de outro pintor; 2.º que o seu nome era simplesmente o de Vasco Fernandes; 3.º que é pouco provavel que elle nascesse na cidade ou nuns moinhos das proximidades; 4.º que floresceu sobretudo no reinado de D. Sebastião; 5.º que as tradições e outras memorias, que podem achar-se em contradição com esta opinião e que referi em parte nas minhas ultimas noticias, devem ser eliminadas como destituidas de fundamento.

Eis aqui o que exponho com franqueza e exponho á apreciação dos homens eruditos.

Quanto á descripção de alguns outros quadros de Vasco, que posso não ter visto ainda, occupar-me-ei d'ella numa proxima visita que tenho projectada e satisfarei assim aos desejos do sr. conde de Raczinski.»

IV

«Vizeu, 31 de outubro (1857).

Entre a immensidade de pinturas gothicas, espalhadas por todo o reino de Portugal, e attribuidas pelos maus conhecedores a esse *mitho* denominado o Grão-Vasco, muito poucas por certo poderão ser a obra legitima do verdadeiro Vasco Fernandes, natural de Vizeu, aonde nasceu em 18 de setembro de 1552.

E' a esta cidade que os curiosos conhecedores devem vir examinar as suas pinturas genuinas, mencionadas nos escriptos do sr. conde de Raczynski, se porventura querem avaliar a opinião, que o eleva á classe dos artistas mais distinctos, que na sua epoca viveram em Portugal. Se com effeito as suas obras têm alguma cousa d'aquella secura gothica, que alguns tanto lhe reprehendem, estão muito longe da inculpação de estylo mesquinho, como temerariamente asseverou Cyrillo Volkmar Machado, artista insignificante e escriptor mediocre.

Parecerá muito aspera esta censura, mas os documentos a justificam.

«O que é certo, diz o sr. Raczynski, he que Vasco Fernandes tem merecimento em todas as obras, que conheço d'elle, e mais particularmente ainda no seu *S. Pedro;* que he um formoso quadro gothico». O grande quadro do *Calvario*, que existe na cathedral de Vizeu, alem de outras pinturas não menos importantes que alli se encontrão, he huma obra de interesse e digna de elogios a muitos respeitos.

Estamos longe de adoptar a opinião que alguem já expressou: «de que a compozição geral do *Calvario*, de Alberto Dureiro que se encontra em Augsburgo, seja semelhante á de Vasco Fernandes em Vizeu». Pelo menos o cavalleiro do quadro de Dureiro não he o S. Longuinho cego (segundo huma tradição) recebendo a vista e a fé do sangue de Jesu Christo, que lhe aspergio os olhos depois da lançada.

Tambem as sombras e esses espiritos *invisiveis*, os anjos, os monstros e chimeras terriveis, e outras muitas figuras, que predominão no quadro de Augsburgo, não passárão pela imaginação do inventor do *Calvario* da Sé de Vizeu.

Seja como fôr, hoje annunciamos aos curiozos das Bellas-Artes e aos artistas portuguezes de profissão, que acaba de

ser encontrado em Vizeu hum monumento preciozo, huma pintura assignada com o seguinte nome e sigla—

VASCO

FRZ

o que põe fóra de duvida não o verdadeiro nome de Vasco Fernandes, a quem Manoel Botelho Ribeiro attribue o quadro do *Calvario*, como justifica os trabalhos e indagações que outr'ora ministrámos ao sr. conde de Raczynski.

He a unica pintura de Vasco, que até hoje temos encontrado com a sua assignatura.

Deve-se esta descoberta ao zelo e amor, que o sr. Antonio José Pereira consagra á sua profissão.

O caso foi que elle recentemente fez acquisição de uma taboa, que apenas dava mostras de ter uma pintura muito apagada e coberta de crustas. A sua curiosidade e o muito desejo que tem de se instruir, fez com que pozesse em obra todos os ingredientes, que elle bem conhece, para conseguir os seus intentos.

Depois de muitas tentativas e trabalho, poude trazer á luz do dia as reliquias de uma pintura, que o tempo poupára ainda que algum tanto deteriorada.

O quadro de seis pés d'altura sobre tres de largo representa geralmente huma scena do corpo de Jesus Christo retirado em distancia do monte Calvario depois do descendimento da Cruz.

No primeiro plano o Evangelista, soblevando o corpo do Salvador pelos hombros, lhe está tirando a corôa de espinhos.

Do outro lado a Santa Virgem magoada parece não poder resistir ao impulso maternal, que a commove; e já no acto de se lançar sobre o corpo de seu Filho he suspendida, e sustentada por huma das Santas-Mulheres.— O segundo plano representa ao longe o *Calvario* semeado de reliquias de varios ossos de caveiras: alli se depara a Cruz, e de varias partes assomão alguns soldados romanos armados em attitude de exclamarem. — O terceiro plano dá a vista da cidade de Jerusalem com algumas meudezas, que infelizmente não podem ser bem destinguidas pelos damnos, que o tempo lhe cauzára.

A assignatura de Vasco Fernandes, que acima mencionámos, acha-se escripta aos pés do Salvador.

O estylo, caracteres e mais partes d'este quadro, que são peculiares nas producções do nosso Vasco, não deixão a menor duvida sobre a sua genuinidade.

A roupa, e sobretudo a apparencia dos semblantes, que na pintura he o melhor indicio para verificar os auctores, são inteiramente semelhantes ou como copias do Christo e da Virgem, que se deparão no grande quadro do *Calvario* e na sua predella. Temos portanto averiguado a verdadeira appelação do celebre pintor de Vizeu, cujas obras principaes existem na cathedral d'esta cidade, e que não poderão ser negadas por qualquer curiozo, ainda mediocre, que se der ao trabalho de as estudar nos seus originaes.

He notavel como de tempos a tempos tem apparecido n'algumas cazas de Vizeu certas obras de Vasco, sumidas no pó, esquecidas e desprezadas de seus donos, até que hum feliz acazo as faz deparar a algum homem intelligente. Digo intelligente, porque importa muito saber extremar as pinturas de Vasco do avultado numero d'outras, que se lhes assemelhão, e se encontrão espalhadas principalmente pelas igrejas do Bispado.

Entre estas as mais notaveis, que temos visto, são as que existem na igreja parochial de Lordoza, d'um estylo o mais duro e gothico, que se pode imaginar.

Finalmente escrevemos estas linhas para os curiozos viajantes, nacionaes ou estrangeiros, que como conhecedores se dignarem visitar a nossa terra, e quizerem instruir-se da valia do nosso Vasco. Ao sr. Antonio José Pereira damos os emboras pela aptidão qne o caracterisa no emprego da sua arte. Tudo que elle he deve-o aos seus exforços e applicação, e no mais que o julguem os professores. Diremos em seu abono que, tendonos elle consultado em tempo sobre o que fazia dos conselhos, que lhe davão para se applicar a certos estudos transcendentes como preparatorios da sua Arte, nós lhe respondemos com a seguinte passagem do philosopho de Genebra: «Joven artista, não perguntes o que he o *genio*; se o tens, has de senti-lo em ti mesmo; e se o não tens, nunca o has de conhecer.»

Elle comprehendeu perfeitamente este apothegma.

V

23 de fevereiro de 1858.

«O PINTOR VASCO FERNANDES DE VIZEU»

Ao muito que se tem dito, e ao pouco que temos averiguado respeito ao celebre pintor Vasco Fernandes, natural de Vizeu, vamos hoje accrescentar algumas observações, que julgamos de interesse não só para a historia das Artes em Portugal, como de necessarios subsidios que os Conhecedores devem empregar para distinguirem os innumeraveis retabolos gothicos, de que abunda o nosso paiz, os quaes muitas pessoas attribuem a um *mytho* denominado Grão-Vasco, só pela razão de serem pintados sobre madeira.

Estamos persuadidos que a maior parte das pinturas de Vasco Fernandes não sahiram da patria onde elle as acabou, e esta nossa opinião é confirmada pela do sr. conde de Raczynski, que no seu *Diccionario Historico-Artistico*, não duvida assegurar: «Entre a immensidade de quadros gothicos attribuidos a Grão-Vasco, e espalhados por todo o Portugal, ainda não vi outros que me parecessem obra do auctor do Calvario, a não ser o *S. Miguel*, que se encontra em caza do Duque de Palmella, e que julgo ter alguma analogia com os quadros de Vizeu.»

Já dissemos noutro logar que os Artistas e Curiosos viajantes, que desejassem conhecer as obras genuinas do nosso Vasco para as distinguirem das muitas espurias, que por ahi abundão, deveriam vir estuda-las na cidade de Vizeu. Não pretendemos indicar-lhes os caracteres porque se deverião regular neste estudo, pois estamos certos de que muito bem os podem e devem entender: mas o nosso intuito é ministrar-lhes observações subsidiarias, começando por advertir que não subscrevemos aos escrupulos do sr. Raczynski, que não se atreve a assegurar cumpridamente. que as pinturas da Cathedral de Vizeu sejão todas do auctor do *Calvario*.

A primeira observação que hoje aprezentamos vem a ser, que Vasco Fernandes fôra hum pintor historico, e historico de assumptos religiozos; porque em outros não temos noticia que empregasse o seu talento.

Ora os Artistas, que pintão segundo as descripções historicas, tem hum certo methodo de as tratar e dispor nos seus

quadros, o qual ordinariamente guardão em todas as suas composições. Huns limitão-se ao assumpto mais saliente da scena historica; outros lanção na predella as acções antecedentes ou consequentes do objecto principal da mesma historia, e alguns delinião todas estas circumstancias no ultimo plano dos seus quadros. Vasco Fernandes fez muito uzo d'esta ultima dispozição, como se pode verificar na inspecção das suas pinturas.

A segunda observação muito notavel foi o costume, que teve Vasco de pintar de mistura ou separadamente as acções verdadeiras contadas na Biblia, e as fabulozas referidas nas Lendas dos Santos por autores de nenhuma fé, taes como as de Antonino de Florença repetidas por Pedro Ribadeneira. Pode o pintor merecer alguma desculpa, porque a falsa piedade do seu tempo as tinha como dogmatizadas; mas não a merecem os que as escrevêrão, e pensárão fazer uma obra meritoria pela invenção de semelhantes fraudes. Para confirmarmos a nossa asserção tomaremos os exemplos na descripção de dois quadros de Vasco.

No paço de Fontello, pertencente aos Prelados de Vizeu, existe hum retabolo d'antiga capella reprezentando o *Senhor em caza de Martha*. As suas dimensões são 10 palmos d'altura sobre 8 de largo.

No primeiro plano o pintor refere-se á historia do Evangelho de S. Lucas no cap. 10, v. 38 e seguintes; porem illudido pela má intelligencia de *Castellum* da Vulgata reprezentou uma caza explendida, e de architectura corinthia, e querendo tirar inducções poz a Jesu Christo sentado á meza com Lazaro e Simão o Leprozo. Observa-se d'um lado a hum servo encaminhando-se para os servir, e do outro diviza-se hum sujeito na acção de espreitar por huma porta. Maria está sentada aos pés do Salvador escutando as suas palavras, e neste ensejo Martha chegando enfadada diz: «Senhor, a ti não se te dá que minha irmã me deixasse andar servindo só ? dize-lhe pois que me ajude, etc.» Até aqui, com pouca differença é a historia verdadeira referida pelo Evangelista.

Entretanto no terceiro plano do quadro reprezenta o pintor a fabula inventada no seculo X, de que Martha, Maria e Lazaro, depois da morte de Jesu Christo, forão expostos em hum navio sem velas, o qual abordou milagrozamente a Marsêlha. E por isso o assumpto alli reprezentado só pode ser entendido por quem tiver consultado a passagem da seguinte Lenda:

«Havia naquelle tempo sobre o rio Rodano, em huma mata entre a cidade Arelatense e Avinhão, hum dragão meio animal e meio peixe, era mais grosso que hum boi, e mais comprido que hum cavallo, e tinha os dentes agudos como espada: escondia-se no rio, submergia as embarcações que por elle navegavão, e sahia d'elle a matar os que andavam pela terra. Tinha vindo este dragão da Asia pelo mar da Galacia, e rogarão os povos d'aquella terra a Santa Martha, que os livrasse d'aquella cruel féra. Compadecendo-se d'elles a gloriosa Santa, foi buscal-o ao monte, e achando-o tragando hum homem, que matára, fez contra elle o signal da cruz, e logo o dragão abaixou a cabeça como huma mansa ovelha, e chegando a elle a Santa, o atou com a sua cinta, e a gente que a seguia o matou ás pancadas e pedradas»

Vê-se portanto, que Vasco Fernandes, segundo a má critica do seu tempo, confundia os factos verdadeiros revelados com a fraudulencia da peior casta.

Tivemos occasião de examinar outro quadro (pertencente ao sr. dr. Thomaz Maria de Paiva Barreto), cujo assumpto re presenta o *Encontro de Sant'Anna* e *S. Joaquim,* junto da porta Dourada de Jerusalem, onde se ajuntárão, diz Dorlando, depois de cinco mezes d'auzencia, e se dirigirão para o templo, como hum archanjo lhes ordenára, a ratificarem o voto de offerecerem, alli, a filha, que Deus lhe tinha promettido.

He o quadro de Vasco, que temos observado no melhor estado de conservação.

Tem seis palmos e seis pollegadas de altura sobre tres palmos e duas pollegadas de largo.

O primeiro plano reprezenta Sant'Anna ajoelhando transportada e lacrimoza aos pés de S. Joaquim, que lhe apparece e ao mesmo tempo a sustenta pelos braços para a fazer levantar. A Santa veste toda de branco, e o rosto he exactamente como o da Magdalena do quadro do *Calvario* do mesmo auctor.

O segundo plano figura os muros de Jerusalem vasados de frestas e lumieiras anachronicas.

Vê-se portanto tornemos a repetil-o, que Vasco Fernandes não fazia reparo em pintar os contos conferidos pelas Lendas mais fabulozas; pois he muito certo que ninguem até hoje poude saber nada da vida dos Paes da Santa Virgem.

Dest'arte o Curiozo, que se propozer estudar as pinturas

do nosso Vasco, e quizer entender os assumptos que ellas reprezentam, tem de consultar pelo menos os livros denominados *Flos Sanctorum;* que são uma especie de compilações indigestas tiradas de chronicas forjadas nos seculos de ignorancia.

Os vastos retabolos, que possue a Cathedral de Vizeu, aprezentão mais ou menos este methodo de historiar as acções em figuras reduzidas aos ultimos planos: o que tambem encontrámos num celebre quadro da *Ceia do Senhor,* existente no Paço episcopal de Fontello.

Damos-lhe o epitheto de *celebre,* porque ainda não vimos nem cremos que haja huma invenção sobre tal assumpto, que se possa comparar com esta.

Parece que o principal intuito de Vasco fôra huma ambição de se distinguir completamente de quantos pintores o tinham precedido, e porventura dos que de futuro viessem, a não serem copistas. A sua descripção não cabe neste lugar, porem advertimos aos Curiosos, que não devem esquecer-se de examinar este retabolo, que tem ficado por muito tempo desconhecido.

Observemos por ultimo que entre todos os quadros de Vasco, sómente o do *Calvario* tem uma predella tripartita, reprezentando a Prizão de Jesu Christo, o Descimento da Cruz, e a Descida ao Limbo.»

O conde de Raczynski, como já dissemos no principio d'este livro, occupa-se detidamente de Grão-Vasco e de seus quadros, variando a cada passo de opinião como passamos a vêr.

Na sua obra — *Les Arts en Portugal, lettres adressées á la Societé artistique et scientifique de Berlin, et acompagnées de documents. Paris.....* 1846, diz:

paginas 118, Carta 7.ª

«Vasco designa antes uma categoria de velhos paineis, considerada sob o ponto de vista de uma certa apparencia gothica que lhe é propria, que uma origem, um nome de auctor e mesmo uma nacionalidade distincta.

Ha quem diga que se encontram Grão-Vasco em grandissimo numero na Allemanha; outros dão este nome indistincta-

mente a todos os quadros de Portugal que pertencem ao começo do seculo XVI; outros emfim estabelecem distincções: o que lhe parece bem feito é sempre obra de Vasco; o que é menos bom é da sua escola.

Como o veremos mais tarde, Portugal possuia no tempo de D. Manoel e mais ainda no tempo de D. João III um grande numero de pintores nacionaes e estrangeiros: nesta mesma epoca mandaram-se vir muitos quadros d'outros paizes, sobretudo de Flandres; todavia, estes quadros, ou quasi todos, acham-se confundidos sob a mesma denominação: a de Grão-Vasco e sua escola.»

paginas 120 e seguintes, Cartas 16.ª e 17.ª:

«Pela minha parte descubro nelles (nos quadros attribuidos a Grão-Vasco) origens diversas; mas quanto á sua epoca persisto em crer que elles pertencem todos á de D. Manoel e D. João III . . . .
. . . .

Inclino-me a crêr que é no tempo d'elle (D. Manoel) e de seu successor, e por seu impulso, que a pintura surgiu derepente e se espalhou com profusão em todo o paiz. Antes de D. Manoel encontramos muitos nomes isolados, mas até aqui não me posso ainda persuadir que a pintura tenha florescido antes de 1500, quer na Hespanha, quer em Portugal. O berço das artes acha-se na Italia . . . .
. . . .

Eu não tenho por fim provar que Grão-Vasco não existiu; unicamente ficaria satisfeito em saber quem era este homem, cujo nome tem sido elevado successivamente pela tradição a uma tão grande altura e que obras podem racionalmente attribuir-se-lhe.

Assim, o que eu quero é provar que elle existiu como grande artista; e, se por acaso não chegar, com o soccorro dos outros, a esclarecer a questão, isso mesmo não provaria que elle não existiu: resultaria d'ahi que eu por minha conta propria não tenho ainda podido conhecel-o bem . . . .
. . . .

Notae bem:

1.º que não nego a existencia de Vasco como pintor;
2.º que não nego que tenha sido habil;

3.º que não nego que entre os velhos quadros, que me mostraram, possa haver algum que seja d'elle.

Unicamento sustento que, até ao presente, ninguem me forneceu uma prova em favor da authenticidade d'um só de seus quadros; que é impossivel que todos os quadros que lhe são attribuidos, sejam obra do mesmo homem.»

No *Diccionaire historico-artistique pour faire suite à l'ouvrage ayant pour titre : Les Arts en Portugal. . etc.* Paris .. 1847, o conde de Raczinski considera Grão-Vasco como um mytho.

Sob a palavra Fernandes (Vasco), diz:

«No fundo, Grão-Vasco é apenas um mytho; porquanto, posto que tenhamos descoberto Vasco Fernandes pintor, e pintor de merito, de Vizeu, e visto as suas obras em Vizeu, e posto que um auctor contemporaneo o tenha julgado grande, não é todavia a elle que este sobrenome compete de direito, porque nenhum dos auctores que escreveram ácerca de Grão-Vasco e julgaram de seu merito (Guarienti, Cyrillo, Taborda) viu as obras de Vasco Fernandes.

O que é attribuido a Grão-Vasco, não se sabe porquê, é a immensa quantidade de quadros gothicos pintados sobre madeira, que se acham espalhados em todo o Portugal, nenhum dos quaes, excepto os de Vizeu, é de Vasco Fernandes.

No fundo, eis o que isto é. Ha um *verdadeiro* Vasco Fernandes que Pereira com razão julgou ser um *grande pintor* e que Fr. Agostinho chama *insigne,* mas ha outro Grão-Vasco *mytho,* de que ninguem tem conhecido nem a vida nem as obras.

Eu mesmo tenho pindarisado um pouco sobre Grão-Vasco nas minhas cartas 16 e 17. Mas que se me perdôe o ter-me lisongeado tanto com o resultado das minhas investigações. .

. . . .

A fabula da immensa actividade e da escola de Grão-Vasco nasceu pois entre 1694, data das *Memorias* de Felix da Costa Meesen, que nada disse sobre elle, e o anno de 1733, em que Guarienti visitou Portugal e encontrou a opinião relativa a Grão-Vasco solidamente estabelecida.

Em 1716 Frei Agostinho de Santa Maria cita muitas vezes o *insigne Vasco*, pintor de grande nomeada naquelles sitios (cercanias de Vizeu), mas não o chama Grão-Vasco e nem o designa como auctor dos innumeros quadros anteriores á sua existencia, e que mais tarde lhe tem sido attribuidos.

Sob a palavra *Grand-Vasco,* depois de dizer que os epithetos de grande e de insigne, que lhe são attribuidos, são exaggerações, como o são affirmar que as suas obras são uma viva rivalidade de Apelles, Timanto, Zeuxis e Parrahasius, accrescenta o conde de Raczynski no seu *Diccionaire historico artistique :*

«Assim, abstraindo das amplificações e das fabulas de que Grão-Vasco tem sido objecto, dizemos somente que com verosimilhança foi Vasco Fernandes, pintor de Vizeu, que deu logar á existencia tradicional de um Grão-Vasco, auctor de tantos quadros e objecto de tantos contos maravilhosos.

Nunca disse que Grão-Vasco não existira, e só ao presente é que acabo de coordenar minhas ideas sobre a maneira como creio que elle existiu.»

Muitas outras considerações faz o illustre diplomata sobre pintura portugueza nos citados livros em que se recolheram eruditas e valiosas noticias, a que me soccorri neste trabalho e na organisação dos meus *Estudos historicos sobre pintura.*

J. C. Robinson, superintendente das collecções do Museu South Kesington, em Londres, que reune os museu de bellas artes e artes industriaes, com escolas, premios e concursos, visitando Portugal em 1865, examinou mal e a correr alguns dos quadros existentes em varias localidades e redigiu em novembro do mesmo anno, publicando-a em inglez na revista trimestral—*The fine arts*—1866, uma memoria escripta para el-rei D. Fernando intitulada: *The early portuguese school of painting with notes on the pictures at Visen and Coimbra traditionally ascribt to Gran-Vasco,* o que, vertido,diz : A antiga escola portugueza de pintura com notas sobre os quadros de Vizeu e Coimbra, tradicionalmente attribuidos a Grão-Vasco.

Esta memoria foi traduzida em portuguez, em 1868, precedendo-a de uma Introducção, pelo marquez de Sousa Holstein, então vice-presidente da Academia das Bellas Artes de Lisboa; mas, no parecer do sr. Joaquim de Vasconcellos, a versão é pessima, infiel, incompleta, affirmando o traductor em mais de um ponto o contrario do que disse o escriptor inglez.

Robinson admitte a existencia do pintor Vasco Fernandes, como a realidade historica de Grão-Vasco e, por duas das suas passagens, parece identifica-lo com o *Velascus*, assignado no quado do *Pentecostes* de Santa Cruz de Coimbra; julga anterior a 1520 o estylo de seus quadros, em que se encontram todos os caracteres do periodo de explendor da escola flamenga, e conjectura terem sido executados entre 1530 e 1540.

«Todas estas pinturas de Vizeu, diz elle, indicam do modo o mais saliente a influencia dominante da arte flamenga: é porem importante observar que esta influencia é a da primitiva e grande epoca, isto é, a de Van-Eyck, Memling e Quintin Matzys, e não a dos mestres flamengos contemporaneos dos pintores de Vizeu.»

O marquez de Sousa Holstein, apreciando o parecer de Robinson, escreveu:

«A opinião de Robinson formada sobre bases que parecem solidas merece em todo o caso uma discussão séria e profunda. E' para desejar que a publicação d'estes trabalhos provoque novos estudos e novas indagações, que deem em resultado a descoberta de novos argumentos, e que d'este modo se consiga sanccionar definitivamente a hypothese ultima, ou demonstrar que é insustentavel.»

O Panorama, excellente periodico portuguez, considera os quadros de Grão-Vasco como o monumento o mais sublime que temos da applicação e do aperfeiçoamento dos nossos antepassados.

O fallecido dr. Augusto Filippe Simões, lente de medicina na Universidade de Coimbra, nos seus —*Escriptos diversos,* ed. de 1888, cap. XX, paginas 234 a 257, occupa-se largamente de Grão-Vasco.

Faz a traços largos uma bem pensada critica das affirmações de Raczynski e de Robinson. Ainda que em muitos pontos se desvie das suas opiniões, tece elogios a ambos: ao primeiro, por ter escripto dois livros, que são vastos repositorios de subsidios para a historia artistica de Portugal, contendo muitas notas, muitos esclarecimentos apreciaveis, dos quaes alguns de certo se perderiam sem o diligente cuidado do curioso estrangeiro; e ao segundo, porque, sendo menos litterato e menos cuidadoso em colligir noticias e apontamentos, mostrou-se muito mais conhecedor dos signaes distinctivos das obras dos pintores, muito mais experimentado em classifica-las e marcar-lhes a edade, desprezando, como quasi todos os practicos, as fontes estranhas ao seu exame pessoal.

Occupa-se em seguida da influencia das escolas flamenga e italiana na arte portugueza e aprecia os quadros de Vizeu, concluindo que Grão-Vasco soube inspirar-se nos altos espiritos dos grandes pintores flamengos e italianos, mas que não chegára a formar escola, sendo todavia provavel que em Lisboa florescessem pintores cujas obras se distinguissem por caracteres semelhantes aos dos quadros de Vizeu e que, á falta de genio, não chegaram a elevar-se á mesma altura de Vasco.

Adeante transcreveremos alguns trechos do livro do dr. Filippe Simões.

O sr. Theophilo Braga nas *Questões de litteratura e arte portugueza,* insere um escripto que intitula—*Grão-Vasco. Determinação historica da sua personalidade*—,em que estabelece como definitivas as seguintes conclusões ácerca do grande pintor:

1.º—Viveu e exerceu a sua actividade na ultima metade do seculo XV, pintando para a sé de Vizeu no governo do bispo D. Fernando Gonçalves de Miranda (1487—1491).

Prova-se, diz elle, pelos *Dialogos moraes e historicos* de Botelho Ribeiro, escriptos em 1630, e confirma-se pelo estylo flamengo alemão dos seus quadros analysados pelo conde de

Raczynski e Robinson, que dão esta Escola como extincta em Portugal depois de 1520.

2.ª—O seu nome *Vasco Fernandes,* do manuscripto de Botelho Ribeiro, e tambem *Vasco Frz* concordam com a assignatura do quadro do Descimento da Cruz, que pertenceu ao pintor visiense Antonio José Pereira, e que tinha em letra, a tinta amarella, *Vasco Frz.*

O nome de Vasco Fernandes—O Velho—,do manuscripto genealogico de Diogo Gomes de Figueiredo, denota que se distinguia de um outro Vasco Fernandes do Casal, que era seu neto e possuidor dos *Moinhos do Pintor*, o que confirma a genealogia do artista.

Em 1758 a tradição de Vizeu equiparava Vasco Fernandes do Casal com Grão-Vasco, como vemos pela informação de Manoel Lopes d'Almeida.

3.º—A actividade artistica de Grão-Vasco exerceu-se especialmente em Vizeu; e nas egrejas das freguezias circumvisinhas é que existem os seus quadros mais authenticos.

Nas varias obras que soffreu a sé de Vizeu, todos os bispos se mostraram sempre apreciadores dos quadros de Vasco Fernandes, e isto revela a sua influencia na conservação do gosto pela pintura.

4.ª—A epoca da morte de Grão-Vasco deve tambem fixar-se antes de Resende ter escripto a sua *Miscellanea* (1553?), e antes de Francisco de Hollanda ter publicado o seu livro sobre a pintura (1548).

O sr. Joaquim de Vasconcellos, professor do lyceu nacional central do Porto, escreveu com data de 29 de julho de 1888, uma memoria intitulada—*Pintura portugueza nos seculos XV e XVI. Grão-Vasco,*—que foi publicada no=*Portugal antigo e moderno. Diccionario geographico,* etc., por Pinho Leal e continuado pelo sr. dr. Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaya, vol. 12, pag. 1355 a 1870, e reproduzida com alterações no periodico *A Arte*, publicado em Coimbra em 1897.

Esse escripto que é digno de lêr-se é muito extenso e, como não é difficil conseguir o livro, onde se acha publicado, para ahi remettemos os curiosos.

Alem das obras que ficam citadas ainda julgamos util dar noticia dos seguintes escriptos, que sobre a questão foram publicados e podem lêr-se com vantagem :

I—N. Reyntjens. De l'art en Portugal et de l'influence de l'Ecole flamande dans ce pays. Renaissance illustrée. Bruxelles, 1856, t. 12; trabalho feito segundo Raczynski.

II—Woltmann, Geschicte der Malerei. II, p. 360, resume Raczynski e Robinson.

III—O. Crawford. Portugal old and New. London, 1880.

IV—J. Latouche. Travels in Portugal. London. 1875. Latouche é o pseudonymo de O. Crawford.

V — M. A. Glardon. Varios artigos sob o titulo — Explorations récentes en Portugal — na Bibliothèque universelle de Genève, 1876, tom. 57, baseando-se nos trabalhos de Latouche.

VI—F. M. Tubino. La pintura en tabla en Portugal (Mus. esp. de antigued. 1876, VII.

VII—Gazette des Beaux-Arts XXIV, p. 504 e 505 uma simples nota, e p. 1882 um artigo de Charles Yziarte—L'art en Portugal—em que se falla de Grão-Vasco incidentemente.

VIII—Sousa. Um artigo na revista Artes e Lettras, Lisboa, 1872.

IX—Visconde de Juromenha. Um artigo dos mais interessantes na *Revista critica das Bellas Artes,* Lisboa, 1877.

X—A. F. Simões. Alem do que fica citado, *Grão-Vasco,* Ensaio historico e critico, na Academia de Madrid, t. II, 1877; e dois novos estudos na *Arte,* de Lisboa, 1881.

XI—R. de Lonia. Um artigo na *Arte,* de Lisboa, 1879.

XII—Theophilo Braga. *Positivismo*, I, o artigo a que já nos referimos que foi reimpresso nas *Questões de litteratura e arte portugueza.*

XIII—J. Moreira Freire. Um livro intitulado — *Un problème d'Art. L'École Portuguaise Créatrice des Grandes Écoles,* Lisboa, 1898, — em que se fazem muitas referencias a Grão-Vasco e em que, desde paginas 61 a 64, se insere a traducção, em francez, d'um artigo ácerca do grande pintor, que eu publiquei no jornal do Porto — *Voz Publica* — de 6 de setembro de 1896.

TRADIÇÃO

Desejando recolher a tradição que sobre Grão-Vasco corria nos Moinhos do Pintor e proximidades, pedi ao sr. Christovão Rodrigues de Loureiro, distincto esculptor que reside nesta cidade, natural de Sant'Iago de Abravezes, se informasse ácerca d'este assumpto, e elle obsequiosamente me deu as seguintes noticias, que poude recolher e estão conformes, em parte, com as de Oliveira Berardo, tendo talvez a mesma origem:

No principio do seculo XIX, Antonio Fernandes, que era natural e residente em Moire de Carvalhal, freguezia de Abravezes, povoação que dista um kilometro dos Moinhos do Pintor, sendo já muito velho, contava a seus filhos e netos que na sua familia tinha havido um pintor de grande fama, que chamavam o Grão-Vasco pelas maravilhas que tinha feito em pintura e dizia-lhes que, quando fossem á Sé de Vizeu, reparassem nos quadros que por lá havia, que tinham sido feitos por elle.

Contava-lhes tambem que o pae de Vasco morava na Quinta, que hoje chamam, do Pintor, em que existia um moinho, onde moía pão para diversas pessoas da cidade, designadamente para um Fidalgo.

Vasco era mandado por seu pae acompanhar o burro carregado de taleigas e entrega-las aos freguezes, mas, quando vinha á cidade, demorava-se a observar alguns quadros que já então havia pelas egrejas.

Com tintas que elle mesmo preparava e com outras que comprava com o dinheiro que lhe davam alguns freguezes das taleigas, executava várias pinturas, o que muito zangava o pae, por assim ficar para traz o serviço da sua industria.

Um dia pintou elle o burro na porta do moinho; e quando o pae chegou, reparando na pintura, tomou-a pela realidade; e, irritado por suppôr que o animal estava ás môscas, tentava leva-lo para a loja, quando reconheceu o engano.

Veio communicar o acontecido ao tal Fidalgo, que tomou conta do rapaz e o mandou estudar para o estrangeiro.

Ali fez maravilhas, regressando depois á patria.

Ainda Antonio Fernandes contava que em certo dia um pobre pedira uma esmola a Vasco, e este, pintando em um

panno boccados de pão e cebolas, entregou-lh'o dizendo que o vendesse e ficasse com o preço, o que o pobre fizera, obtendo por elle dez moedas; e que em certa occasião, quando o mestre de Vasco foi jantar, este lhe escondera os chinellos, depois de os haver pintado no logar onde haviam ficado, e, voltando o mestre e indo para calçalos, só reconheceu o engano quando com a mão tocou a pintura.

Na Quinta do Pintor, que tomou este nome por pertencer a Vasco, informa o sr. Christovão, havia algumas casas de habitação, em que viviam quatro familias que tinham fama de ter dinheiro.

No principio d'este seculo pouco mais ou menos foram essas casas assaltadas pelos ladrões e roubadas. Temendo a repetição dos acontecimentos, aquella gente abandonou-as e foi viver na povoação de Sant'Iago, onde ainda ha poucos annos morreram os ultimos habitadores d'aquella Quinta.

As casas abandonadas foram-se arruinando pouco a pouco e a pedra applicada a muros dos predios dos visinhos, de modo que hoje só resta uma pequena casa e o moinho.

As minhas investigações no archivo da Sè de Vizeu

PLENA LUZ SOBRE A QUESTÃO

Estavam no pé que deixamos exposto as investigações ácerca de Grão-Vasco, quando me propuz colher noticias e esclarecimentos para o terceiro volume do meu — VIZEU—, que não sei se chegarei a publicar, por obstarem algumas circumstancias.

E, como uma das paginas mais interessantes d'esse volume seria a que se occupasse de Grão-Vasco e da sua escola, pareceu-me que as questões respectivas continuariam muito obscuras, se me limitasse a summariar o que sobre ellas se achava escripto.

Por isso resolvi intentar mais algumas pesquizas no archivo da Sé de Vizeu, ainda que com bem poucas esperanças de as vêr coroadas de bom exito, visto que elle já havia sido revolvido pelo sabio e infatigavel investigador o antiquario José d'Oliveira Berardo.

Começada a tarefa, vieram-me ás mãos varios cadernos manuscriptos em que se achavam relacionadas muitas localidades e os nomes das pessoas que nella pagavam *dizimos*, e cinco livros, tambem manuscriptos, o *tombo* do cabido, em que estavam copiadas differentes escripturas de emprazamentos.

Conjecturei que em qualquer d'esses cadernos e livros poderia encontrar o nome do nosso pintor, porque,embora elle tivesse sido pobre, não o deveria ter sido tanto que não possuisse alguns bens, que não podiam subtrahir se á natureza ou de foreiros ou de dizimeiros.

E certo estava de que, se fossem situados dentro dos muros da cidade, deviam de ter sido foreiros ao cabido, porque conhecia a doação que a este fez a rainha D. Thereza e que transcrevi no primeiro volume do meu—VIZEU.

Passei, pois, a examina-los minuciosamente.

Os mais antigos cadernos de dizimos, que encontrei, respeitam ao anno de 1576 e seguintes, e em todos elles, desde esse anno até 1602. com excepção do do anno de 1593, logo depois de Mundão e antes de Nespreira ou Carvalhal de Moure se acha inscripto o Casal de Vasco Fernandes, e até 1586, entre os nomes dos que pagavam dizimos d'esse casal, o de Vasco Fernandes, (em alguns cadernos Vasquo e no de 1576 Vasqo); e nos de 1587 a 1602 continúa o Casal a denominar-se de Vasco Fernandes, mas este nome desapparece entre os dos contribuintes, e em seu logar lê-se o de André de Campos, que de 1603 em deante dá o nome ao Casal.

A' primeira vista pareceu-me ter attingido o fim desejado. Estas noticias conjugavam-se com a epoca do assento de baptismo de 1552 descoberto por Berardo; com o appellido de Casal, que o cura Manoel Lopes d'Almeida attribuiu ao pintor Vasco Fernandes e eu conjecturei ter-lhe sido dado por ser o principal senhor das terras do mesmo Casal; e com a circumstancia de existirem proximos d'essas terras os moinhos do pintor, a que se faz referencia num desses cadernos.

Nomes, datas e logares inclinaram-me a acceitar como respeitantes ao eximio artista aquellas memorias.

Reflectindo, porém, em que o nome de Vasco Fernandes em nenhuma parte era precedido ou seguido da qualificação de *pintor*, e em que o estylo dos quadros que lhes são attribuidos era anterior áquella epoca, segundo a opinião dos melhores criticos, não me satisfiz e continuei as pesquizas.

Não tendo encontrado cadernos de dizimos mais antigos, passei ao exame dos cinco referidos livros, de 700 folhas cada um, onde se acham copiadas as escripturas de emprazamentos ao Cabido, algumas do seculo XVI e o maior numero do seculo XV.

Dignas de notar-se com relação ao meu proposito encontrei as noticias que seguem.

No primeiro d'aquelles livros estão transcriptas: uma escriptura de um prazo feito a Affonso Vasques e a sua mulher

Beatriz Annes, no anno de 1443, onde se lê: Item a belga do Salgueiro, parte com *Vasco Fernandes* e com Gonçalo Annes, etc. (fls. 1 e seguintes); outra de um praso, feito a Joam Vasques e a sua mulher, no anno de 1445, de umas casas que estão na rua da Vela de S. Domingos, com seu cortinhal e arvores, que partem de uma parte com cortinhal e casa que foi de Pedro Affonso Notario que são do *Pintor*, etc. (fls. 15 e seguintes); outra de um prazo, feito a *Vasco Fernandes*, Escudeiro de El-Rey e a Beatriz Affonso, sua mulher, no anno de 1476, de um Casal em Lordosa, chamado a «Possessão do Vouga» (fls. 320); e outra de um praso, feito em 1498 a Fernam Mendes e Isabel Mendes, de umas casas com seu cortinhal e uma torre que a Sé tem na rua Nova, que foi Judiaria, que partem com Beatriz Annes, mulher que foi de Abram Bathar, judeu, escriptura que foi feita por *Vasco Fernandes,* Notario Apostolico e Escrivão do Cabido (fls. 328).

Nesse e nos outros livros acham-se mais escripturas anteriores e posteriores a 1498 feitas e assignadas pelo mesmo Vasco Fernandes, Notario Apostolico; e entre outras podemos citar as do livro 2,º fls. 76, e do livro 5.º fls. 40, 51, 83 e 139.

No segundo dos referidos livros está copiada uma escriptura de venda de umas casas sitas na rua das Tendas, feita ao Cabido por Branca Annes em 1475, onde se lê: «E dice que estas mesmas casas foram já por pergam arrematadas a hum *Vasco Fernandes* Genro de Affonso Annes Tacho, morador na dita cidade, e tivera d'ellas a posse e dispois por demanda fora desfeita a dita arrematação e havida por nenhuma. E o dito *Vasco Fernandes* lançado das ditas casas e da posse dellas e por mandado e sentença de El-Rey nosso Senhor (fls. 172 e seguintes).»

No quinto d'aquelles livros (fls. 246 e seguintes), está copiada uma escriptura de 1498, em que se diz que «*Vasco Fernandes*, mercador, morador na cidade de Vizeu em seu nome e de seu filho Pedro Vaz, que estava presente, declara trazer do Cabido umas casas terreiras, que foram emprazadas a Gonçalo Annes, seu sogro, que se chamava Cabeça de Vaqua, as quaes estão junto da torre do relogio com uma figueira que está ao pé da dita torre, que partem de uma parte com Lourenço Pires e da outra com casas sobradadas do dito *Vasco Fernandes*, que

são de senço, e com a rua velha da Traparia e com outra rua que vem da Praça para o Rocio da porta das Escalleiras da dita Sé, e elle *Vasco Fernandes* e seu filho *Pedro Vaz* como derradeira pessoa renunciavam o prazo no Cabido, e este o emprazava de novo a Sebastião Corrêa, Escudeiro, e a Ignez Pires, sua mulher.»

Ainda em algumas escripturas dos fins do seculo XV e principios do seculo XVI encontrei o nome de Vasco Fernandes, capellão do cura da Sé; nos cadernos de fóros de 1566 a 1567 (fls. 71) o de Vasco Fernandes, casado com Maria Coelha, que trazia a possessão de Nespreira; e num fragmento dos mesmos cadernos do tempo da Judiaria, e por isso anterior a 1498, o de *Vasco Fernandes*, alfaiate, que trazia uma casa foreira ao Cabido, sita na Judiaria Velha.

D'aqui se vê quam frequente era em Vizeu nos seculos XV e XVI o nome de Vasco Fernandes, e como o problema de Grão-Vasco mais se enredaria se as minhas ulteriores investigações não fossem coroadas de feliz exito.

Do exame dos referidos livros passei ao de varios manuscriptos existentes nos armarios, mas não de todos, porque isso é tarefa superior ás forças e actividade, por maior que seja, de um só homem.

Chegou-me ás mãos um livro intitulado — Livro dos Prazos do cabido da Santa Sé da cidade de Vizeu do anno que começou por dia de S. João baptista de MDXCVI e acabará por outro tal dia de XCVIJ. No qual anno é prioste Ant.º da Costa.»

Comecei a lê-lo pagina por pagina, linha por linha, e em breve encontrei o fio da Ariadna, que me conduziu aos mais satisfatorios resultados.

A folhas 33 verso li o seguinte :

«Rua Direita.

R.º dalmeida filho de luis dalmeida e Joanna Cardosa tras casas, etc.

. . . .

Traz mais uma (v.ª) a Peseguido, que foi da possessão de Orgens a quoal seu pay luis dalmeida comprou a Joanna Roiz molher de V.co frz pintor, e dantes a trouxe Anna roiz f.ª de maria roiz do Almargem.»

Procurando os livros similares dos annos anteriores, verifiquei existirem ainda os de 1481 a 1482, 1488 a 1489, 1498 a 1499, 1504 a 1505, 1507 a 1508, 1512 a 1513, 1516 a 1517, 1517 a 1518, 1528 a 1529, 1531 a 1532, 1534 a 1535, 1539 a 1540, 1540 a 1541, 1542 a 1548, 1554 a 1555, 1555 a 1556, 1556 a 1557, 1557 a 1558, 1558 a 1559, 1560 a 1561, 1567 a 1568, 1568 a 1569, 1569 a 1570, 1577 a 1578, etc.

Ahi se acham relacionados os nomes das pessoas que pagavam fóros ao Cabido, com a designação das ruas e logares em que habitavam, o quantitativo e, algumas vezes, em seguida a estas indicações, o recibo do fôro.

A mais antiga memoria relativa ao grande pintor é a do livro de 1512 a 1513.

Numa das suas paginas, no alto, lê-se—Regueira—e mais abaixo:

«V.co frz. pyntor traz as casas que andavam no t.o dafonso de mansilha com seu cortinhal e foram emprasadas novamente ao lapidayro e a beatriz lopes em tres vidas por LX e 2 capões.»

Esta referencia é textualmente reproduzida nos livros de 1517 a 1518, 1528 a 1529, 1534 a 1535, 1539 a 1540 e 1542 a 1543, mas nestes tres ultimos seguida d'est'outra descripção:

«traz mais hua v.a ao peseguido que foy da posesão dorgees que soia de trazer ana roiz f.a de m.a miz do almarge e dantes a trouxe m.a miz sua may e foi lhe novamente emprazada em tres vidas a de pagar em cada hu ano cem reis e dois capõis.»

No livro de 1531 a 1532 veem as mesmas descripções, mas o nome de Vasco Fernandes não é seguido da qualificação de *pintor*.

Apoz as descripções, vêm escriptas, por outra letra, as seguintes notas:

no de 1534 a 1535:
«Recebi de V.co fernandes 60 reis»;
no de 1539 a 1540:
«IIj de set.o de 540 rce delle p.r beatriz sua filha os cento e sessenta reis e quatro capões, etc.

(fls. 46 e 47), 1556 a 1557, 1557 a 1558 (fls. 53 v.º), 1558 a 1559 (fls. 58), com a differença nos recibos, pois no primeiro diz-se :

«R.º da sobredita por seu f.º estes dois capões, e

«R.º da sobredita estes cem reis por lianor frz. que vive com ella.»;

no segundo:

«R.º da sobredita estes cem reis e dois capões.»

no terceiro ;

«Tomou a sua conta o cng.º toyraees estes Ij capões. R.º da sobredita estes cem reis»;

e no quarto:

«R.º da sobredita......... Ij capões.

Ainda a mesma descripção em nome de Joanna Rodrigues, mulher do pintor, sem recibo se bem me recordo, repete-se nos livros de 1560 a 1561 e 1567 a 1568.

Nos livros de 1568 a 1569 (fls. 90 v.º), 1569 a 1570 (fls. 61 v.º), 1570 a 1571 (fls. 61 v.º), 1577 a 1578 (fls. 64 v.º), a outra descripção já se não acha feita em nome de Amadiz Tavares, que havia morrido, mas de sua filha, pela fórma seguinte:

«Dona Violante f.ª que foy de Amadiz Tavares traz huãs casas q. soia de trazer ho dito seu pai e dantes V.ºº frz. pintor a qual andava no titulo daf.º de Mansilha »

Por intender que nenhuma vantagem advinha do exame dos livros posteriores, parei aqui com as investigações, certo que nelles continúa a nomear-se o grande pintor.

e no de 1540 a 1541:
«a 13 de setr.º de 1541 r.e do dito V.co frz. por sua filha estes cento e sessenta reis e quatro capõ... ....

No livro de 1542 a 1543 a casa que foi de Vasco Fernandes já se acha descripta em nome de Amadiz Tavares, seguindo-se a descripção da vinha ao Pesseguido ainda em nome do pintor e os recibos do fôro, pela fórma seguinte:

«Rigueira
«Amadiz tavares mr.º da coreiçam traz huas casas que soia de trazer V.co frz pintor as quaes andavam no titulo da.º de mansylha com seu cortinhal as quaes forã ora novamente emprazadas ao dito amadiz tavares e a sua molher m.a dalmd.a e p.a f.º e neto por c.to r.s e dous caps. o dr.º as terças os capoes p.r são martinho.»

«a III de julho de 1543 r.e delle os c.to rs. e II cap.»

V.co frz. pintor traz uma v.a em peseguido q. foy da possessão dorgens q. soia de trazer ana roiz f.a de m.a miz sua may e foy-lhe novamente emprazada em tres vidas a de pagar em cada hu ano cem reis e dois capões.

a XIII de setr.º de 1543 r.s de Joana roiz molher q. foy do dito V.co frz. os c.tos reis e os dous capoes.»

No livro de foros de 1554 a 1555 (fls. 32) a casa vem descripta em nome de Amadiz Tavares pela mesma fórma, mas a vinha ao Pesseguido já o vem em nome da mulher de Vasco Fernandes, nos termos seguintes:

«Joana roiz molher q. foy de V,co frz. pintor traz huã v.a a pesegido q. foy de possesão dorgens que soia de trazer ana roiz f.a de m.a miz do almargem e dantes m.a miz sua may emprazada em trez vidas e a de pagar quadano cem r.s e dous capões.
R.e da sobredita por seu f.º mygell Vaz estes cem r.s e dois capoes oje xxlx de dezr.º»

Ainda esta descripção se repete nos livros de 1855 a 1856

CONCLUSÕES

Em presença d'estas noticias ficam assentes os seguintes factos:

1.º—que desde 1512 até 13 de setembro de 1541 Vasco Ferdandes, pintor, foi emphyteuta e o Cabido da Sé de Vizeu directo senhorio de uma casa sita na rua da Rigueira, sobre que recaía o fôro annual de 60 reis e dois capões;

2.º—que desde 1539 até 13 de setembro de 1541 tambem foi emphyteuta e o mesmo Cabido directo senhorio de uma vinha ao Pesseguido da possessão de Orgens;

3.º—que foi o proprio Vasco Fernandes que em 1535 pagou o fôro, em 1540 o mandára pagar por sua filha Beatriz e em 1541 por sua filha cujo nome se não designa;

4.º—que em 13 de setembro de 1543 já elle havia fallecido, por isso que o recibo do fôro, relativo a este anno, é passado a Joanna Rodrigues *molher que foy do dito Vasco Fernandes*;

5.º—que nos ultimos tempos da vida d'elle ou logo apoz a sua morte, a casa ou antes o dominio util da casa, passou para Amadiz Tavares, meirinho da Correição;

6.º—que Vasco Fernandes teve um filho por nome Miguel Vaz, que, por ordem de sua mãe, pagou o fôro em 1555;

7.º—que o insigne pintor não teve nem o appellido de *Casal* (*), nem o de *Carvalho,* nem o de *Manoel,* mas chamou-se simplesmente *Vasco Fernandes*;

8.º—que não foi Vasco o illuminador da côrte de D. Affonso V, em 1455, anno em que provavelmente ainda não tinha nascido;

9.º—que não é d'elle o assento de baptismo de 1552, como Oliveira Berardo o asseverou;

10.º—que, sendo pintor, pelo menos, trinta annos, bem podia ter executado todos os quadros que lhe são attribuidos, sem causar espanto ou admiração.

(*) No livro que contem as escripturas dos prazos do cabido de 1546 a 1552 (actualmente no archivo da repartição de fazenda do districto de Vizeu), a fls 149—150, está uma escriptura pela qual foi feito prazo a 5 de dezembro de 1551 da possessão de Nespreira, junto d'esta cidade, ao muito honrado Vasco Fernandes do Casal, creado delrei nosso Senhor e a Maria Coelha sua mulher. D'aqui é que talvez resultou confundir-se o nome do fidalgo com o do pintor, e attribuir-se a este o appellido de *Casal.*

11.º—que Joanna Rodrigues, mulher de Vasco Fernandes, descendia d'uma familia do Almargem, povoação situada na freguezia de Calde, d'este concelho de Vizeu, na margem direita do rio Vouga;

12.º—que a vinha ao Posseguido, da possessão de Orgens, uma das freguezias limitrophes da occidental da Sé de Vizeu, veio ao poder de Vasco Fernandes pelo seu casamento com a dita Joanna Rodrigues;

13.º—que Vasco Fernandes morreu pobre e pobre viveu a sua viuva, já porque, ainda em vida d'elle ou poucos mezes depois da sua morte, as casas em que habitava passaram *por compra* para Amadiz Tavares, já porque nessa occasião, 1542, essas casas se achavam mal reparadas, (*) e ainda porque em 1558 Joanna Rodrigues não podia pagar o fôro dos dois capões, que o conego Touraes tomou á sua conta;

14.º—que Vasco Fernandes era natural de Vizeu ou proximidades, porque custa a crêr que um tão insigne artista viesse adquirir uma casa e fixar por tantos annos a sua residencia numa terra de somenos importancia, se a ella o não prendessem os affectos do ninho seu paterno, tão arreigados no coração dos filhos da Beira, e ligar os destinos da sua vida a uma mulher pobre, oriunda das proximidades d'esta cidade, logo no principio da sua carreira artistica, se aqui não tivesse passado os primeiros annos da sua infancia;

15.º—que a circumstancia de lhe ter pertencido um casal em Sanguinhedo de Côta, povoação do concelho de Vizeu, ou por o ter herdado ou comprado, é mais uma razão para crêr na tradição que o diz d'esta cidade ou nascido nos moinhos do Pintor.

(*) Estes factos constam das escripturas adiante transcriptas, que se referem á casa que foi de Vasco Fernandes.

CASA ONDE MOROU VASCO FERNANDES

Com o fim de determinar a casa onde nesta cidade residiu Vasco Fernandes, ou pelo menos o sitío onde ella esteve, dirigi a minha attenção para os livros de foros anteriores a 1512 e ainda as minhas investigações neste sentido tiveram bom successo.

Nos livros de 1498 a 1499, 1504 a 1505 e 1507 a 1508, lê-se:

«Beatriz Lopes molher que foy do lapidayro (o primeiro d'estes livros diz: molher que foi de P.º Vasquez lapidario—e no fragmento do livro, a que já me referi, diz-se: — Pedro Vaz Lapidario) traz as casas q. andavam no titolo da.º de mansilha com seu cortinhal das quaes afonso de Mansilha pagava V reis e foram emprasadas novamente ao dito lapidayro e a dita beatriz lopes em tres vidas por l x reis e II capões.

Nos livros de 1481 a 1482 e 1488 a 1489, diz-se:

«Rigr.ª

«Afonso de mansilha traz uma casa e seu cortinhal a par da morada dalv.º pires que trazia a sogra do almoxarife
.... traz outras casas q. foram de g º esteves.
.... traz outras casas que estão junto a ellas e morava a sogra do almoxarife.»

A escriptura do emprazamento feito ao Lapidario não me recordo de a ter visto transcripta em qualquer dos cinco livros grandes, sendo possivel que lá esteja, mas recordo-me ter lido e tomado apontamento, quando os passei pela vista, da de um prazo feito a Affonso de Mansilha, Escudeiro, creado do Infante D. Henrique, e, guiado pela nota que havia tomado, facilmente encontrei essa escriptura no livro segundo, fls. 322 v.º, e d'ella transcrevo para aqui o seguinte:

«N.º 112 Traslado do encartamento de huma leira e Pardieiro na Rigueira feito a Affonso de Mansilha no anno de 1427.

Saibam quantos esta carta de encartamento virem que

nós Pedro Annes, Chantre na Sé da cidade de Vizeu, e o Cabido do dito logo, sendo juntos e chamados para isto, que se ao diante segue dentro da claustra nova da dita Sé encartamos a vos Affonso de Mansilha, Escudeiro, criado do Infante Dom Henrique, morador na dita cidade, que presente estava, e para vosso Filho e Filha, ou Netto, e Netta; e se Filho, ou Filha, ou Netto, ou Netta nom houverdes, para duas Pessoas uma empoz outra. quaez vos nomeardes em vossa vida, ou a hora da vossa morte huma leira de herdade com seu Paredeiro, que está junto com Ella, que o dito Cabido ha na dita Cidade na rua da Rigueira que vai da dita Cidade para Sam Miguel, que parte com outra Leira de herdade, que traz Joam da Rigueira em nome de Ignez Annes sua Filha, e da outra intesta com outra Leira, que traz o dito Chantre, que he do dito Cabido, e pela rua publica que vai da dita cidade para Sam Miguel . . . .
. . . . e que se dê em cada hum anno ao dito Cabido trinta soldos de moeda antiga e hum par de Capoenz . . . .
. . . .

E o dito Affonso de Mansilha que presente estava consentiu em isto, que dito he . . . .
. . . .

E em testemunho disto pedirom seos Instrumentos, e este he o do dito Cabido, que foi feito ua Claustra nova da Sé da dita Cidade dezoito dias do mez de outubro anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil quatrocentos e vinte e sette annos . . . .
. . . . . . E eu Gil Affonso, Tabelliam de ElRey que este encartamento escrevi e aqui fiz meu signal que tal he.

E' provavel que o original d'este documento ainda hoje exista entre o grande numero de pergaminhos do archivo do cabido, o que é o mesmo que ser agulha em palheiro.

Em todo o caso, dando fé á cópia que d'elle se encontra no citado livro, vê-se que a casa que foi de Affonso de Mansilha, e mais tarde de Vasco Fernandes, pintor, era sita na rua da Regueira, no sitio em que esta rua, com a qual confrontava, seguia para S. Miguel.

Pareceu-me, pois, que essa casa deveria ter existido no local onde foi reconstruida aquella em que hoje mora D. Julia Brandão, filha do fallecido Manoel Joaquim Brandão, um dos que no cêrco do Porto luctaram pela causa da Liberdade, e que fórma,

das quatro esquinas da Regueira, a que fica a sudeste, a da direita, quando se vae da Regueira hoje D. Luiz 1.º (antiga rua das Olarias) para S. Miguel (actualmente rua Simões Dias).

Eram, porém, fracas as bases d'está minha conjectura, e com o intento de as reforçar ou esclarecer tratei de indagar onde existiriam os livros de notas do Cabido. Soube que estavam na repartição de fazenda do districto, de que é chefe o delegado do thesouro sr. dr. Antonio Xavier Corrêa Gomes, que amavelmente m'os facultou.

Vi que o primeiro d'esses livros começa com as escripturas do Cabido de 1535 e que, portanto, nelles não podia conter-se o emprazamento feito ao Lapidario antes de 1498, mas que podia e devia encontrar o que foi feito a Amadiz Tavares entre 1540 a 1542.

Effectivamente encontrei o a fls. 43 v.º do livro que contem as escripturas de 1540 a 1551, e é do teor seguinte :

«Prazo feyto ha amadis tavares meirinho do corregedor de huãs casas nas Olarias.

Nos ho dajam dinydades conegos e cabido da see da cidade de Viseu fazendo cabido dentro na capella de sancti spiritus na dita see chamados per som de campam tangida segundo nosso custume. A quãtos esta nossa carta de emprazamento em tres vidas virem fazemos saber q. no dito cabido perante nos pareceo amadis tavares meirinho da correyção desta cidade e nos dise q. ele cõprara ora per nosa licença huãs nosas casas q. estam a Rigueira as quaes forã de V.co Frz. pintor e por tanto que nos pedia q. delas lhe fizesemos ora novo prazo em tres vidas por quãto ele ora queria fazer bemfeitoria nas ditas casas e nos visto seu pedir ser justo e ser proveyto da nosa meza capitular ho ouvemos por bem e mãdamos vesitar as ditas casas por muito honrados francisco de caceres mestre escola e Joã de cepta coneguo e nosos irmãos per cuja vedoria e emformação achamos que as ditas casas ao presente estam mal repayradas e tem de cõprido todas juntam.te doze varas e de larguo outo e meia e estam repartidas em cinquo e tanto tem nas logeas e tem dous quyntajs hu q. parte pola rua q. tem de cõprido omze varas e de largo sete e meia e tem outro p.r tras q. tem hu poço e tem de cõprido desanove digo XIX varas e de largo dezouto e estam ãbos tapados sobre sy e partem da banda de cima p.a nascente cõ chão noso q. ora traz hu f.º de Joã

Glz. e da outra banda cõ g.º madeira e da outra cõ quyntall q. foy de alomso de sevilha e vista em cabido a dita vedoria e informação dos ditos vedores nos apraz ora novamente de emprazarmos e darmos a foro e pensã as ditas casas e cortinhaes asi como aquy vã demarquados e melhor se melhor de direito podemos—S—ao dito amadis tavares e sua molher m.ª dalmeida ambos a primeira vida e qualquer f.º ou f º dantre ambos e neto ou neta e nom temdo f.º nem f.ª nem neto nem neta para duas pessoas de pos eles—·.—q ho q. deles derradeiro falecer nomee a segunda vida e a segunda nomeada nomeará a terceira de maneira q. sejam tres vidas compridas e acabadas e pagar nos am de foro e pensam em quada hu anno cem rs. em dinheiro e dous capões—S—ho dinheiro paguo as terças e os capões boõs e de receber per sam martinho tudo paguo em esta cidade ao nosso prioste ou recebedor e nõ pagando ho dito foro e pensã em quada anno que perquã este prazo e direito q. nele tiverem ho qual lhe he concedido per nos e per rezã do foro deste prazo nõ se chamará a outro nenhu senhor salvo a nos cabido e sejã obrigados a responder perante os vigarios desta see e bispado posto q. em outros vivão e este prazo nõ venderã nem doarã nem dividirã nem emlearã sem nosa licença es e o vender quizerem ho venderã a nos tanto per tanto e nã ho querendo nos entã ho venderã ou apenharã a pessoa q. nos seja obediente cõ ho dito foro e pensã e nõ sera a nenhua pessoa proibida em direito e pagar nos am a vemdagem segundo custume desta see e bispado e o dito amadis tavãres sera obrigado a compor e repairar as ditas casas de man.ª q. se posa viver nelas dentro de dous annos da feitura deste e dali por diante ele e as pessoas q. apos ele vierem façã sempre nas ditas casas de man.ª q. per elles sejam melhoradas e nõ peioradas e loguo no dito cabido perante nos pareceo ho dito amadis tavares e dise q. ele em seu nome e da dita m.ª dalmeida sua molher e das pessoas de pos eles aceitava ho dito prazo cõ ho dito foro e pensã de cem rs. e dous capões e que sempre pagaria ho dito foro e pensão sob pena de ho pagar cõ todas as custas e despezas q. sobre ele se fizerem e per todo responder perantè os vigarios desta Sé e bispado o que todo jurou aos santos evangelhos em que pos sua mão de todo manter comprir e guardar ele e as pessoas depos ele e de nunqa serem contra esta see e liberdades dela nem contra o prelado nem cabido nem pessoa particular dele antes ser em ajuda e defensão deles e fazendo ho contrario perquã es-

te prazo e todo ho direito q. nele tiverem ho qual lhe he per nos concedido alem da pena de perjuro e Infamia em a qual imquorrerã e acabadas as ditas tres vidas posa logo ho dito cabido tomar pose das ditas casas cõ suas bemfeitorias sem por ele averem nenhu prejuizo nem interesse e nos obrigamos nosas remdas da nosa mesa capitular a lhe fazermos este prazo bom e de paz quanto he per nosa resam e em testemunho de verdade mandamos dele serem feitos dous prazos ambos de hu teor hu para o nosso cartorio e outro para eles emprazadores por nos assignados e aselados cõ ho noso selo p.ar que presentes estavão Eytor lopes vigario de sam martinho das moutas e Joam leytam protonotario do dito cabido. E eu Joannes Mendes conego por mandado do dito cabido q. esta nota fiz aos Xij dias do mes de Jan.ro de myll 542 annos.

Daiam de Viseu. fernãdo ortiz chãtre
fr.co de caceres. Johão de Cepta. Amadis Tavares
Gabriel Machado. *(nome inelegivel)*........
Joam frz. Cristovam diz de Vasconcellos.
Joam alvarez. Jo. Mendez. M. Julianus
Joham leitã.

Este documento confirmou as minhas conjecturas.

No principio d'elle as casas dizem-se situadas nas *Olarias*, a que depois se chamou rua da *Regueira* e hoje D. Luiz I, e no contexto lê-se que são situadas á Regueira, partindo com outras terras e quintaes e tendo um poço.

Ora, dizendo-se na escriptura de Affonso de Mansilha que a casa era na rua da *Regueira,* que vae para S. Miguel e sabendo-se por documentos da epoca que esta era a rua que ia da Pedra de Gonçalo Alvilho até ás quatro esquinhas (outr'ora rua de *Gonçalvilho,* posteriormente *Gonçalinho* e hoje Corrêa d'Oliveira,) e que a casa onde habita D. Julia Brandão tem um poço muito antigo, temos como certo estar esta casa no sitio onde foi a do pintor Vasco Fernandes.

Para que não mais se risque da memoria dos vindouros este facto, deverá o illustre senado visiense mandar collocar n'essa casa uma lapide commemorativa e, substituir a denominação da rua D. Luiz 1.º pela de Grão-Vasco, dando o nome do fallecido monarcha a outra rua ou largo da cidade.

E' uma homenagem devida á memoria do pricipe dos pintores portuguezes, que muito honrará quem lh'a prestar.

No livro que contém as escripturas dos prazos do cabido de 1546 até 1552 encontram-se as duas escripturas relativas á casa de Vasco Fernandes que em seguida transcrevemos, que mais confirmam o que fica exposto, a primeira a fls. 110 v.º, 111 e 112, e a segunda a fls. 112 v.º, 113 e 114.

«Prazo feito ha amadis tavares de huas casas cõ seu cortinhal na Rigr.ª nas olarias.

Nos o daiam dignidades conegos e cabido da Se da cidade de Vizeu fazendo c.do na capella do sanctispiritus dentro na dita Se chamados per som de campã tangida segundo noso custume A quantos esta nosa carta de emprazamento em tres vidas virem fazemos saber q. no dito cabido perante nos pareceo amadis tavares cidadam morador na dita cidade e nos dise que ele trazia de nos per titullo de prazo huãs nosas casas e cortinhal que estam na Rigr.ª na rua das olarias as quais ele per nosa licença comprou e foram de V.co Frz. pintor e que ora queria partir e dividir ho dito cortinhal pollo meo asy como vay a parede das casas que ora estam feitas que trazia ho dito V.co Frz. porque na outra parte queria ora fazer outras casas as quaes queria ajuntar a outra parte do dito cortinhal e por tanto nos pedia que lhe desem licença para partir ho dito cortinhall asy como vay ao longuo da parede das ditas casas e lhe fizesemos de quada parte seu prazo ⁊ ho que v.to per nos ouvemos por bem de darmos a dita licença e lhe fazermos os ditos prazos por nos asy parecer serviço de D.s e proveito da nosa mesa capitular e como ele queria fazer bemfeitoria para o q. primeiro mãdamos ver e apegar tudo por Joam Mendes e Diogo Gomes cõneguos e nosos irmãos por cuja vedoria achamos q. as casas em que ora vive ho dito amadis tavares q. foram do dito V.co Frz. as quaes todas juntamente tem de comprido doze varas de medir e de larguo outo varas e m.ª e estam repartidas em cinquo casas ⁊ e outro tanto tem nas logeas e tem para traz hum cortinhall que he ao longuo das ditas casas ho quall tem de larguo pollo cimo ao longuo do comaro treze varas e de longuo dezanove varas e mea e parte da banda debayxo com cortinhall de Jo.m madr.ª e por cima cõ chão noso que ora traz emprazado huã filha de Jo.m Glz o redondo e da outra banda cõ corti

nhall que traz ho dito amadis tavares q. he tambem da nosa mesa capitular e cõ as ditas casas ɪ e as ditas casas partem cõ ho cortinhall do dito Jo^m madr^a duma banda e da outra cõ casas que ora fez ho dito amadis tavares e por detraz cõ ho dito cortinhall e por diante cõ rua pubriqua. E v.^ta em cabido ha dita vedoria e emformaçam dos ditos vedores nos apraz ora novamente de emprazarmos e darmos a foro e pensam estas casas e eorfinhall asy como aquy vam demarquadas e milhor se de dr^to nos pertencem — S — ao dito amadis tavares e para dona briatiz sua molher ambos a pm ^a vida e para hu filho ou filha neto ou neta dantre ãbos e nõ avendo f.^o nem filha neto nem neta para duas pesoas de pos eles e eles ou ho que deradr^o deles q. falecer nomeara a segunda p^a em dias de sua vida ou a ora desua morte e a segunda pesoa nomeada polla mesma man.^a nomeara a tercr.^a de modo que sejam tres vidas cõpridas e aquabadas e mais nã e pagarnosam de foro e pensam em quada hu anno das dytas casas e cortinhall cimquoenta rs em dinhr^o e dous capões boõs e de receber ho dinhr^o paguo as terças do anno natall pasquoa e sam Joam e os capões por sam martinho tudo pago em esta cidade ao noso prioste ou recebedor e nõ pagando este foro e pensam em quada hu anno pello dito tempo perderam este prazo e dr^to que nelle tiverem e seram obrigados a responder perante os vigayros desta Se e bispado posto que em outros bispados vivam e este prazo nõ venderam nem doarã nem escambaram ne dividiram em parte nem em todo sem nosa licença e se ho vemder ou apenhar quizerem sera a nos tanto por tanto e nã ho querendo nos emtã ho venderã ou apenharã a p^a que nos seja obediente cõ ho dito foro e pensam e nõ sera a pesoa proibida em dr^to e pagarnosam prim^o a vendagem segundo custume desta Se e bispado e nõ se chamara a outro nhu senhorio por rezam deste praso salvo a nos e seram obrigados a fazer senpre nas ditas casas e cortinhall de maneyra q. por eles e pesoas depos eles sejam milhoradas e nõ peioradas. E loguo no dito cabido perante nos pareceo ho dito amadis tavares e dise q. ele em seu nome e da dita sua molher e das pesoas de pos ele aceptava e recebia em sy este prazo cõ ho dito foro e pensam de cinquoenta rs em dinhr^o e dous capões e penas e obrigaçõis nele conteudas e que sempre paguaria ho dito foro pacifiquamente sob pena de perder este prazo e d.^to que nele tiver ele e as pesoas de pos ele e de pagar todas as custas e despesas q. sobre

ele se fizerem nõ pagando em quada hu anno como dito he e que cõ esta cõdiçam aceptava ho dito prazo e doutra maneira nã ¡ E asy se obrigava a responder por todo perante os vigayros desta Se e bispado posto q. em outros viuã ¡ ho que todo asy juron aos santos avangelhos em que pos sua mão ho dito amádis tavares por si e por as pessoas depos ele de todo asy mãter cõprir e gardar e de nunqua serem contra esta Se e liberdades della nem contra ho prelado nem cabydo nem pesoas particulares delles antes ser em ajuda e defensa deles e fazendo ho contrayro perderam este prazo e direito q. nele tiverem alem da pena de perjuro e infamia em a quall imquorem ¡ e aquabadas as ditas tres vidas poderá loguo ho dito cabido tomar pose das ditas casas e cortinhall cõ todas suas bemfeitorias sem por ello seus herdeiros averem nenhum premio nem interese ¡ E nos obrigamos nosas rendas da nosa mesa capitular a lhe fazermos este prazo bom e de paz quanto he por nosa rezam e em testemunho de verdade mandamos delo sejam feitos dous prazos anbos de hu teor—S—hu para o noso cartorio e outro para eles emprazadores por nos asignados e aselados cõ ho noso sello p.ar testemunhas que estavam presentes Jorge Glz. capelam da cura da dita Se e Joam de mõclaro t.am moradores na dita cidade e eu Joam mendez coneguo por mãdado do dito c.do espvy *(escrevi)* aos XXIII dias do mes de Jan.ro de mill CL.ta *(quinhentos e cincoenta)* annos.

J.º de Monclaro—Amadis tavares—Jorge Gllz.—O daiam de Viseo—Fernando ortiz chãtre—P.º Gomez dabreu—Gabriel Machado Prothonotarius - Manoel daz.do—M. Julianus—Miguel Rib.ro – Dieguo Gomes.

«Prazo feito ha amadis tavares de hua casa e cortinhall na rigr.ª na rua das olarias a quall soya de ser junta cõ as casas e cortinhall atras em estoutra nota que foram de V.co Frz. pintor.

Nos o daiam dignidades conegos e cabido da Se da cidade de Vizeu fazendo cabido na capella de santuspritos dentro na dita Se chamados por som de campãa tamgyda segundo noso custume ‖ A quantos esta nosa carta de emprazamento em tres vidas virem fazemos saber que no dito cabido perante nos pareceo amadis tavares cidadam morador na dita cidade e nos dise que ele trazia de nos por tytullo de prazo huas nosas casas e cortinhall na rua da Rigr.ª das Olarias que por nosa l.ça comprou as quais foram de V.co Frz. pintor e ora queria fazer huas casas na parte do cortinhall q. vem para a rua das ditas Olarias junto cõ as outras casas *que ja erã feitas (?)* em tp.º do dito V.co Frz. pollo que nos pedia que ouvesemos por bem de devidir ho dito noso cortinhall em duas partes asy como vay direyto pola parede das ditas casas e deles lhe fazer dous prazos por quãto esperava de fazer hua morada de casas para dar a hu filho ou filha ho que visto por nos ouvemos por bem por nos parecer serviço de D.s e proveyto da nosa mesa capitular ‖ e mãdamos primeiro ver ho dito cortinhall polos honrados Joanne mendez e Diogo Gomes conegos e nosos irmãos por cuja vedoria achamos q. ho dito amadis tavares tem ao presente feito huas casas pequenas no dito cortinhall sobre ha dita rua das Olarias e medimos ho cortinhall que fiqua cõ estas casas ho quall he da largura das mesmas e tem de cõprido vinte e cimquo varas de medir e de larguo outo varas e tem no cimo hum poço daguoa e partem estas casas e cortinhall cõ casas em que ora vive Isabell a.º may de ant.º de campos m.º *(meio)* coneguo e da outra banda cõ casas e cortinhal q. he da nosa mesa capitular q. traz ho dito amadis tavares e por cima cõ chão de huã f.ª de Jo.m Glz. redondo q. tanbem he da nosa mesa capitular e por diante cõ rua pubrica ‖ E v.ta em c.do a dita vedoria e imformaçam dos ditos vedores nos apraz ora novamente de emprazarmos e darmos a foro e pensam estas casas e cortinhall asy como vay dividido e demarquado pollos ditos vedores e milhor se de drt.º nos pertence—S—ao dito amadis tavares huã vida tamsom.te e ele em dias de sua vida

ou a ora de sua morte nomeara a segunda pesoa e a segunda pesoa nomeara a tercr.ª de maneyra que sejam tres vidas compridas e aquabadas e mais nã e pagarnosam de foro e pensã em quada hu anno das ditas casas e cortinhall cimquoenta r.s em dinr.º paguos as terças do anno natall pasquoa e Sam Joam bautista em esta cidade ao noso prioste ou recebedor e nõ pagando este foro e pensam em quada hu anno pollo dito tempo perderam este prazo e drt º que nele tiverem e serã obrigados a responderem perante os Vigarios desta Se e bispado posto q. em outros viuã e este prazo nõ venderã nem duarã nem escambarã nem apenharã nem dividirã ne emlearã em parte nem em todo sem nosa l.çª e se ho vender ou apenhar quizerem sera a nos tanto por tanto e nã ho querendo nos emtam ho venderã ou apenharã a pesoa que nos seja obediente cõ ho dito foro e pensã e nõ sera a pessoa proibida em dr.to e pagarnosam prim.ro a vemdagem segundo custume desta Se e bispado e nõ se chamara a outro nenhum senhorio por rezam deste prazo salvo a nos e serã obrigados a fazer senpre na dita casa e cortinhall de man.ra q. por ele e por as pesoas depos ele seja tudo milhorado e nõ peiorado ‖ E loguo no dito cabido perante nos pareceo ho dito amadis tavares e dyse q. ele em seu nome e das pesoas depos ele aceptava e recebia este prazo cõ ho dito foro e pensã de cimquoenta r.s em din.ro e penas e obrigações nele conteudas e que senpre pagaria ho dito foro pacifiquamente em esta cidade ao noso prioste ou recebedor sob pena de ho pagar cõ todas as custas e despezas que sobre elo se fizerem nã pagando em quada hu anno pollo dito tempo como dito he e que cõ esta cõdiçam aceptava este prazo e doutra maneyra nã | e asy que por todo responderiã perante os vigr.os desta Se e bispado posto que em outros viverem | ho que todo jurou aos santos avangelhos em que pos sua mão de todo mãter cõprir e guardam *(guardar)* e de nunqua serem contra esta Se e liberdades dela nem contra ho prelado nem cabido nem pesoa particular deles antes ser em ajuda e defensam deles e fazendo ho contrayro perderam este praso e direito que nele tiverem alem da pena de perjuro e infamia em a quall inquorrem e aquabadas as ditas tres vidas podera loguo ho dito cabido tomar posse das ditas casas e cortinhall cõ todas suas bemfeytorias sem por elle seus herdr.os averem nhu premio nem interese e nos obrigamos nosas rendas da nosa mesa capitular ã lhe fazermos este prazo bom e de

paz quanto he per nosa rezam e em t.[mo] de verdade mandamos delo serem feitos dous prazos anbos de um teor—S—um para o noso cartorio e outro para eles emprazadores por nos asynados e asellados cõ ho noso sello t.[as] que estavam presentes Jorge Glz. capelam da cura da dita Se e Joam de mõclaro t.[am] na dita cidade e nela moradores e eu Joam mendez coneguo e espvãm dos prazos por mãdado do dito c.[do] q. esta nota espvi aos XXII dias do mes de Jan.[ro] de 1550 annos.

amadis
tavares

J.º de monclaro

(nome illegivel)

P.º Gomes dabreu — Daiam de Viseu

fernando ortiz chãtre — Gabriel Machado Proth.

M. Julianus — Miguel Ribr.º Prt.º

Manuel daz.[do] — Dyeguo Gomes.

Ainda no livro das escripturas do mesmo Cabido de 1562 até 1567 e 1573, a fls. 73 e 75 v,º, se acham respectivamente as seguintes duas escripturas, que tambem me parece referirem-se á casa de Vasco Fernandes:

prazo novamente feito a dona guiomar da metade das casas de seu pai amadis tavares q. estaõ na rua da rigueira ás olarias.

Nos o adaiam dinydades Conjguos Cabido da See da cidade de Vizeu estamdo jumtos na capella de santispiritus q. he sita na dita See da dita cidade cabido fazendo para isto chamados por som de campa tamgida segumdo nosso bom e amtiguo custume a quãtos esta nossa carta de emprazamento em tres vidas virem fazemos saber q. peramte nos pareceo o muito honrado amadis tavares cidadão morador em esta cidade e nos disse q. trazia de nos e da nossa mesa capitullar hua casa nesta cidade na rua da rigueira onde se chama as Ollarias as quais trazia por titollo de prazo q. nos lhe fizemos e nos pedia q. lhe quizessemos dar l.ça p.a as repartir em duas moradas e lhas emprazassemos novamente hua ametade a dona guiomar e a outra ametade a dona viollamte pereira e q. elle amadis tavares renunciava as ditas casas e prazo e vidas e dr.to q. nellas tinha e assi o jurou em o dito cabido de o comprir a nos e a nossa mesa capitullar p.a nos provessemos das ditas casas quem nos quizessemos e por estarem assi vaguas e devollutas a nos e a nossa mesa capitullar e estado a nossa disposição avemos por bem e nos apraz fazer dametade dellas novo prazo em tres vidas a dona guiomar filha do dito amadis tavares por nos parecer ser servyço de deus p.a o q. primeiro mãdamos ver e apeguar e repartir as ditas casas pollos r.dos bras gracia e Jorge amriquez conyguos nossos Irmãos para cuja vedoria e imformação achamos q. as ditas casas estão nesta cidade na rua da rigueira omde se chamão as ollarias e a vedoria he a seguimte∞ as ditas casas estão na rua da rigueira as olarias tem duas logias por baixo e da bamda da rua tem de comprido outo varas e de larguo duas e m.a e a outra longia da bamda do quintall tem de cõprido tres varas e dellarguo tres e m.a a quall casa

tem por cima duas casas huã salla e huã camara q. tem ha mesma largura e comprim.[to] q. tem por baixo as quais partem do sull cõ casas q ora traz amadis tavares tambem são do cabido e do outro cabo partem com casas do dito cabido de amadis tavares q. tem dadas a viollamte pereira e com rua pubriqua e por detraz tem hu quimtall das mesmas casas com suas arvuores q. tem de comprido dezouto varas e de llarguo jumto as casas tem quatro e por cima seis parte cõ quimtall de viollamte pereira q. tambem he do cabido q ora traz Jo.[m] madeira Visto em cabido a dita vedoria e emformação dos ditos vedores nos apraz ora novamente de darmos a foro e a pemsão estas casas com seu quimtall assi como aqui vam demarquadas e mylhor se nos pertemce a dita dona guiomar a primeira vida he ella nomeara a 2.ª e a segumda nomeara a 3.ª e não nomeando nhuã destas pessoas fiquara este prazo ao erdeiro mais cheguado de dona guiomar de modo q. sejam tres vidas compridas e acabadas e mais não e paguarnosam de foro e pemsão em cada hu anno em vida de seu pai amadis tavares cimquoemta reis em dinheiro e por morte e fallecimento damadis tavares nos paguarão mais hu capão q. sera cimquoemta reis em dinheiro e hu capão e ho dinheiro paguo as terças do anno natall pasquoa Sam Joam e por falecimento de seu pai paguara o capam por sam martinho tudo paguo nesta cidade ao nosso prioste ou recebedor e não paguamdo este foro e pensão em cada hu ano por os ditos tempos perderão este prazo e direito q. nelle teverem e serão obriguados respomderem perante os viguairos desta See e bispado posto q. em outros bispados viuã este prazo não vemderão nem apenharão nem escambiarão em parte nem em todo sem nossa l.[ça] e se empenhar ou vender quizerem sera a nos ou a cada hu de nos tanto por tanto e não ho querendo nos ou cada hu de nos emtão ho vemderão e apenharão a p.ª q. nos seja obediemte cõ o dito foro e pemsão e não sera a p.ª proibida em dr.[to] e paguarnosam primeiro a vemdagem segundo custume desta See e bispado e não lhe chamarão a outro nhu senhorio por rezão deste prazo e foro delle sallvo a nos e a nossa mesa capitullar e farão sempre nas ditas casas de maneira q por ella e as p.[as] depois d'ella sejão sempre melhoradas e não peyoradas e loguo em o dito cabido a dita dona guiomar disse q. ella em seu nome e das p.[as] que depois della vierem aceita e recebia em si este prazo cõ o dito foro e pemsão de cimquoemta reis em dinheiro e por fallecimento de seu pai ama-

dis tavares paguara os cimquoemta reis e hu capão com as penas e obrigacõis nelle contendas e q. sempre paguaria este foro e pensão pacifiquamente nesta cidade ao noso prioste ou recebedor sob pena de perderem este prazo e dr.to q nelle teverem não paguando cada anno pollos ditos tempos atras decllarados e paguarão todas as despesas e custas q̃. sobre ello se fezerem e com estas comdiçõis disse que aceitava e recebia este prazo e doutra maneira não e assi se obriguo por todo responderem peramte os viguairos desta See e bispado posto que em outros bispados viujam e de fazerem sempre nas ditas casas de maneira q. por ella e as p as depois della sejã melhoradas e não pegoradas o que todo jurou aos samtos avamgelhos em q. pos sua mão de todo ter mãter comprir guardar de nunqua serem comtra o prellado nem cabido nem pessoas particullares delle amtes serem em ajuda e defensão delles e fazendo ho contrairo perderão este prazo e dr.to q. nelle teverem allem da pena de perjuros e imfamja em a quall emcorem. E acabadas as ditas tres vidas poça lloguo ho dito cabido tomar posse das ditas casas com todas suas bemfeitorias assi p.a a nosa mesa capitullar como p.a cada hu de nos particullarmente sem por ello seus erdeiros nem emteressantes terem allguma aução rezão nem dr.to as ditas casas por assi fiquarem extimtas e a nosa disposição nem pedirem dr.to de renovação aimda q. nas ditas casas aja bemfeitorias e cõ esta cõdição e cõ as mais acima decllaradas lhe fazemos este prazo e doutra maneira não e a dita dona guiomar em seu nome e das p.as depois della viessem com as ditas condições acima decllaradas com quada huã dellas aceitava e recebia este prazo e jurou aos samtos avangelhos assi as comprir e as não cõtradizer nunqua por si nem por outrem. E nos obriguamos as nosas remdas da nosa mesa capitullar a lhe fazeremos este prazo bom e de paz quamto por nosa rezão he em testemunho de verdade mãdamos dello serem feitos dous prazos ambos de hum teor hum p.a o noso cartorio e outro p.a elles emprazadores por nos asinados e sellados com ho noso sello e a dita dona guiomar roguo agustinho lopez Meriguo de missa e coreiro na dita See que asinase por ella por quamto hera molher e não sabia asinar t.as q. presemtes estauão q. todo virão e ouvirão dominguos gllz. saralheiro e Simão lopez çapateiro e fr.co duarte fereiro todos moradores em a dita cidade de Viseu he eu antonjo de caceres conjguo m.o aprebendado em a dita See e escrivão dos S.S. do cabido q. este prazo por seu

mãdado em mjnha nota tomei e cõ as t.ᵃˢ e partes aqui asino oje 26 dias do mes de Junho de 1566 anos não faça duvida na antrellinha omde diz vemder e na outra mais abaixo omde diz disse q. tudo lhe fez por verdade.

Do..... Amadis tavares

fr.ᶜᵒ duarte

Jo.ᵐ frz. braz

Ruy piz

Miguel de lr.º

Jorge Anriqez

baltesar gllz.

Ant.º de Soveral

Simão + lopez

Aguostinho lopez.

Antonio de Caceres

«Prazo novamente feito a dona viollante pereira dametade das casas que forão de seu pai amadis tavares q. estão na Rua da rigueira as olarias.

Nos o adaiam dinjdades conjguos e cabido da See de Viseu estamdo juntos na capella de samtispiritus q. he sita na dita See da dita cidade cabido fazendo p.ª isso chamados por som de campa tamgida segumdo noso bom e amtiguo custume a quãtos esta nosa carta de emprazamento em tres vidas virem fazemos saber q. peramte nos pareceo ho muito omrado amadis tavares cidadão m.ºʳ em esta cidade e nos dise q. trazia de nos e da nosa mesa capitullar huãs casas nesta cidade na rua da rigueira onde se chama as Olarias as quais trazia por titollo de prazo q. nos lhe fizemos e nos pedia q. lhe quisesemos dar l.ᶜª p.ª as repartir em duas moradas e lhas emprazassemos novamente huã metade a dona Violamte pereira e a outra metade a dona guiomar e q. elle amadis tavares renunciava as ditas casas e prazo e vidas e direito q. nellas tinha e asi o jurou em o dito cabido de ho cõprir a nos e a nosa mesa capitullar p.ª nos provermos das ditas casas que nos quisesemos e por estarem asi vaguas e devollutas a nos e a nosa mesa capitullar e estamdo a nosa disposição avemos por bem e nos apraz fazer dametade dellas novo prazo em tres vidas a dona violamte pereira filha do dito amadis tavares por nos parecer ser serviço de deus p.ª o q. primeiro mamdamos ver e apeguar e repartir as ditas casas pollos reverendos bras gracia e Jorge amriquez conjguos nosos Irmãos por cuja vedoria e emformação achamos q. as ditas casas estam nesta cidade na rua da rigueira onde se chamão as Olarias e a vedoria he a seguimte ((as ditas casas estão na rua da riguira omde se chama as olarias tem duas llogias a diamteira tem de larguo quatro varas e m.ª e de comprido outo e a outra emtesta por detras tem de comprido quatro varas e de llarguo tres as quais tem por cima tres casas :S: a saber duas camaras foradas e huã cozinha q. todas tres tem a mesma compridão e largura q. se achou por baixo partem do norte cõ quimtall de Joᵐ madejra e do sull cõ as outras casas de dona guiomar q. são do cabido o cõ rua pubriqua e por detraz tem hu quimtall cõ suas aruores q. tem de cõprido dezouto varas e de llarguo Jumto das casas tem sete varas e por cima sete e m.ª parte com quimtall de Joam madeira e do sul com

quimtal de dona guiomar q. tambem he do cabido e por cima emtesta cõ chão de Jo^m madeira que tambem he do cabido Vt.ª em cabido a dita vedoria e emformação dos ditos vedores nos apraz ora novamente de darmos a foro e a pemsão estas casas com seu quimtall asi como aqui vam demarquadas e mjlhor se nos pertemcem a dita dona violamte pereira a primeira vida e ella nomeara a 2.ª e a 2.ª nomeara a 3.ª e não nomeamdo nhuã destas p.as fiquara este prazo ao erdeiro mais cheguado de dona violamte pereira de modo q. sejam tres vidas cõpridas e acabadas e mais não e paguarnosam de foro e pemsão em cada hu anno em vida de seu pai amadis tavares dous capõis em carne bõs e de receber e por fallecim.to de seu pai amadis tavares paguara mais cimquoemta reis em dinheiro e o dinheiro paguo as terças do ano natall pasquaa Sam Jo^m e os capõis por sam martinho tudo paguo nesta cidade ao noso prioste ou recebedor e não paguãdo este foro e pensão em cada hu anno por os ditos tempos perderão este prazo e direito q. nelle tiverem e serão obriguados a respomderem peramte os Viguairos desta See e bispado posto q. em outros bispados viviam este prazo não vemderão nem apenharão nem esquãbiarão em parte nem em todo sem nosa l.ça e se empenhar ou vemder quiserem sera a nos ou a cada hum de nos tamto por tamto e não ho queremdo nos ou cada hum de nos emtão ho vemderão e apenharão a p.ª q. nos seja obediemte cõ ho dito foro e pensão e não sera a p.ª proibida em direito e paguarnosam primeiro a vemdagem segumdo custume desta See e bispado e não se chamara a outro nenhum senhorio por rezão deste prazo e foro delle sallvo a nos e a nosa mesa capitullar e farão sempre nas ditas casas de maneira q. por ella e as p.as depois della sejam sempre melhoradas e não pejoradas e loguo disse dona Viollante pereira peramte mjm e das t.as abaixo nomeadas q. ella em seu nome e das p.as q. depois della vierem aceitava e recebia em si este prazo cõ o dito foro e pemsão de dous capõis em cada hum anno em vida de seu pai amadis tavares e por sua morte e fallecimento nos paguara mais cimquoenta reis em dinheiro em modo que serão cimquoemta reis e dous capõis com as penas e obrigaçõis nelle conteudas e q. sempre paguaria este foro e pemsão pacifiquamemte nesta cidade ao noso prioste ou recebedor sopena de perderem este prazo e direito q. nelle tiverem não paguãdo cada anno pollos ditos tempos atras decllarados e paguarão todas despesas e custas q. sobre ello se fizerem e cõ

estas cõdiçõis disse que aceitava e recebia este prazo e doutra maneira não e asi se obriguou por todo responderem peramte os Viguairos desta See e bispado posto q. em outros bispados vivam e de fazerem sempre na dita casa e quimtall de maneira q. por ella e as p.as depois della seja melhorada e não pejorada o q. todo jurou aos samtos evamgelhos em q. pos sua mão de todo ter mãter cõprir e guardar e de ñunqua serem comtra esta See e lliberdades della nem comtra o prellado nem cabido nem p.as particullares delle amtes serem em ajuda e defemção delles e fazemdo ho cõtrairo perderão este prazo e direito que nelle tiverem allem da pena de perjuros e imfamja em a quall emcorem. E acabadas as ditas tres vidas possa lloguo ho dito cabido tomar posse das ditas casas cõ todas suas bemfeitorias asi p.a a nosa mesa capitullar como p.a quada hum de nos particullarmente sem por ello seus erdeiros nem emteressamtes terem allguma rezão nem direito as ditas casas por asi fiquar extimta e a nosa disposição nem pedirem direito de renovação ajmda q. na dita casa aja bemfeitorias e cõ esta comdição e cõ as mais acima decllaradas lhe fazemos este prazo e doutra maneira não e a dita dona viollamte pereira em seu nome e das p.as depois della vierem com as ditas cõdiçõis acima decllaradas e com quada huã dellas aceitava este prazo e jurou aos samtos avamgelhos asi as comprir e não cõtradizer nunqua por si nem por outrem. E nos obriguamos as nosas remdas de nosa mesa capitullar a lhe fazermos este prazo bom e de paz quamto por nosa rezão he em testemunho de verdade mãdamos dello serem feitos dous prazos ambos de hum teor hum p.a o noso cartorio e outro p.a elles emprazadores por nos asinados e assellados cõ o noso sello e a dita dona viollamte pereira roguou agustinho llopez clleriguo de mjssa e coreiro em a dita See q. asinasse por ella por quãto ella era molher e não sabia asinar t.as q. presemtes estauam que todo virão e ouvirão domjngus gllz. saralheiro e Simão llopez çapateiro e fr.co duarte fereiro e outros todos moradores em a dita cidade de Vizeu. Eu Antonio de Caceres conjguo m.o preuemdado em a dita See escrivão dos ditos prazos dos SS. do cabido q. este prazo por seu mãdado em mjnha nota tomei e com as t.as e partes aqui asinei oJe 26 dias do mes de Junho de 1566 annos não faça duvida no risquado omde diz em modo q. sejam seram dous capõis e amtrellinha omde diz dona e o risquado omde diz asinei por q. tudo se fez

por verdade no mes e dia e anno quibus supra e não faça duvida namtrellinha omde diz de seu pai amadis tavares por q. todo se fez por verdade.

Do S S S

fr.co de caceres   fr.co duarte   amadis tavares

Andre gllz.

Ruy pis   Jom Frs. bras

Jorge ã-riquez

Miguell de lr.o

Aguostinho llopez

Ant.o do Soveral

baltezar gllz.

Simão + lopez

Antonio de Caceres.

A casa que actualmente é de D. Julia Brandão, foi construida na segunda metade d'este seculo por seu pae Manoel Joaquim Brandão no sitio onde estava a de architectura antiga que demoliu.

A largura da nova casa diminuiu mais de um metro, por causa do alinhamento da rua da Regueira, hoje D. Luiz I.

Fiz a medição do comprimento e largura d'esta casa e, levada em conta a diminuição do terreno, notei que essas dimensões se aproximam das que as escripturas transcriptas attribuem á que foi de Vasco Fernandes.

Ainda manuseei os livros onde os conegos lançavam as notas do recibo dos foros e as das pessoas que lh'os pagavam, para vêr se, em vista d'elles, podia verificar a existencia da cadeia ininterrupta de foreiros da casa desde Vasco Fernandes até á actualidade.

Trabalho baldado.

Logar do nascimento e da morte de Vasco Fernandes

Debalde, talvez, se procurarão os assentos do baptismo e obito de Vasco Fernandes, visto que elle nasceu e morreu em tempo em que os registos civil ou ecclesiastico ainda não tinham sido instituidos em Portugal por uma fórma regular.

O pensamento do registo neste paiz é muito antigo.

Quanto a casamentos, já el-rei D. Affonso IV o recommendava aos bispos em sua Carta da era de 1390 (1352 de Christo), pelo seguinte modo:

«Teemos que seera bem e seruiço de deos e nosso e prol de nosso pouoo que façades e ordinedes que todos aquelles que forem casados como leigos parescan perante o priol da eigreja dhu sson ffreeguesses ou perante aquele que cura dessa eigreja e que se receban perante ele per palavras de presente e esse rrecebimento seia feito perante hun tabelion que seia estabeleçudo em essa freguesia pera escrepuer esses rrecebimentos pera sse poder ssaber por esses liuros os casamentos que foram feitos em cada freguesia.»

Depois d'esta, a providencia mais antiga, de que tenho conhecimento, que estabeleceu o registo parochial, é a constituição diocesana promulgada pelo infante D. Affonso, arcebispo de Lisboa e cardeal de S. João e S. Paulo, aos 25 de agosto de 1536.

Mas só o concilio de Trento (1545 a 1563), sessão XXIV de reformatione matrimonii, *cap. 1.º e 2.º, por proposta dos prelados portuguezes que a elle assistiram, é que impoz aos parochos o dever de lavrar os assentos de casamento e baptismo, o que foi mandado executar por Bulla do Santo Padre Pio IV de 1563.*

Nada, porém, se providenciou ácerca dos assentos de obito, materia que só foi regulada por Bulla do Santo Padre Pio V de 17 de junho de 1614.

Em Lisboa na egreja dos Martyres celebrou-se um baptismo em 1582, cujo assento foi lançado a fls. 113 do respectivo

livro, e em 1689 havia naquella egreja onze livros de baptizados, o que leva a conjecturar que os assentos de nascimento foram ali estabelecidos antes do concilio de Trento. (*)

Em Vizeu foi estabelecido o registo ecclesiastico alguns annos antes do concilio do Trento. No archivo da camara ecclesiastica encontrámos um livro de registos de nascimentos das pessoas nascidas na cidade e nas freguezias annexas da Sê, que começou em 23 de janeiro de 1541. As folhas d'este livro estão numeradas desde a 1.ª até 12.ª, faltando algumas depois. O ultimo assento que nelle se encontra é de 26 de novembro de 1577.

O mais antigo livro de obitos da Sé de Vizeu não está completo; começa na folha 138 e o primeiro assento que nelle se lê é de 10 de agosto de 1595. Dos livros de casamento o mais antigo está escripto até fls. 163 v.º: começa em 8 de agosto de 1595 e termina em 28 de setembro de 1611.

Das outras parochias do bispado os mais antigos que existem são os de Santa Cruz da Trapa, que principiam, os dos baptisados e obitos, em 1562 e, os dos casamentos, em 1573.

E' possivel que mais tarde se descubram documentos que resolvam o problema do local do nascimento e morte de Vasco Fernandes.

Até ao presente temos de contentar-nos, quanto ao nascimento, com a tradição que o diz natural dos moinhos do Pintor, e, relativamente á morte, com a informação colhida por Taborda, mas por elle apresentada como muito duvidosa nos seguintes termos: «tambem desejariamos dar por verdadeira a noticia, que nos communicaram, de que fallecera em Thomar, e fôra sepultado na egreja do Mosteiro dos Religiosos da Ordem de Christo d'aquella villa, porêm tudo isto é destituido de fundamento, que nos não soube dar quem isto nos affirmou.»

(*) Demonstração historica da primeira e real parochia de Lisboa, de que é singular patrona e titular—Nossa Senhora dos Martyres—, por Fr. Appollinario da Conceição,—Lisboa, 1750—pag. 251 e seguintes.

Quadros que a tradição attribue a Grão-Vasco

Em 1843 o visconde de Balsemão confeccionou uma lista dos quadros attribuidos a Grão-Vasco, que se encontram espalhados em todo o Portugal, enviando-a ao conde de Raczynski, que a publicou a paginas 154 e 158 do livro—*Les arts en Portugal,* em tres columnas, na primeira das quaes se expõe o *assumpto dos quadros,* na segunda os *logares em que se encontravam,* e na terceira os *documentos que são attribuidos a Grão-Vasco.*

Eis esses quadros pela ordem por que os apresenta, e os logares em que se encontravam, omittindo os escriptores que a elles se referiram, por já termos transcripto as suas palavras na primeira parte d'este trabalho:

1.º—A PAIXÃO DO SENHOR (mais conhecido pelo nome de *Calvario),* em Vizeu, fóra do claustro da Sé, perto da porta chamada do Sol, sobre o altar do Bom-Jesus.

2.ª—NOSSO SENHOR VISITANDO MARTHA, em Vizeu na Quinta de Fontello na capella de Santa Martha. (Hoje está no Paço Episcopal de Fontello, numa das paredes da sala da entrada, que fica á direita, quando se sobe a escada).

3.º—A DESCIDA DA CRUZ, que representa Jesus, nosso redemptor, estendido num lençol, a Santa Virgem inconsolavel sustentando-lhe a mão direita coberta de chagas, a penitente Santa Maria Magdalena beijando-lhe os pés furados e ensanguentados, o afflicto e muito amado evangelista sustentando-o nos braços, e emfim muitos espectadores, que parecem consternados e penetrados de dôr, em Vizeu na Sé sobre um mausuleu. (Houve erro ácerca do local em que está este painel. E' o que ainda hoje se acha na egreja do convento de S. Francisco d'Orgens. que hoje é a matriz d'aquella freguezia).

4.º—S. THOMAZ DE CANTORBERY, outr'ora em Alcobaça e em 1843 na Academia ou no deposito geral.

5.º—O MARTYRIO DE S. BARTHOLOMEU, em Lisboa, na Sé, e capella do lado esquerdo, sob a iuvocação do mesmo santo.

6.º—DIVERSOS QUADROS, em Lisboa na Sé.

7.º—FACTOS relativos ao Infante D. Fernando no seu captiveiro.

8.º—S. JOÃO BAPTISTA, em Lisboa em casa do marquez de Penalva.

9.º—S. FRANCISCO, em Lisboa em casa do marquez de Penalva. (Relativamente a este quadro e áquelles a que se referem os tres numeros antecedentes, cita em seu favor documentos existentes na Bibliotheca Nacional).

10.º—VIDA DE NOSSA SENHORA, (em oito quadros), em Lisboa na casa do marquez de Valença, tornando-se depois propriedade do duque de Palmella, segundo attesta Raczynski fundado no testemunho do conde de Lavradio.

11.º—ADORAÇÃO DOS MAGOS, em Lisboa no convento da Trindade.

12.º—A CIRCUMCISÃO, em Lisboa no convento da Trindade.

13.º—O CENACULO, em Lisboa no convento da Trindade.

14.º—A TRANSFIGURAÇÃO, em Lisboa no convento da Trindade.

15.º—A TRINDADE, em Lisboa no convenio da Trindade. (Este quadro e os anteriores deviam achar-se, segundo Raczynski, na epoca em que escreveu, ou na Academia ou no deposito geral.

16.º—ESPONSAES DA VIRGEM, em Lisboa na egreja do Paraizo.

17.º—A ANNUNCIAÇÃO, em Lisboa na egreja do Paraizo. (Este qurdro e o antecedente, diz Raczynski que se achavam no seu tempo na Academia, e designa-os com o nome de Abraham Prim).

18.º—A VISITAÇÃO, (idem).

19.º—O NASCIMENTO, (idem).

20.º—A CIRCUMCISÃO, (idem).

21.º—A ADORAÇÃO, (idem).

22.º—A FUGIDA, (idem).

23.º—JESUS ENTRE OS DOUTORES, (idem).

24.º=NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, com um grupo de anjos á direita tocando numa especie de clarinete e cantando. Em Evora no convento de S. Francisco.

25.º—SENTENÇA DE SALOMÃO, representado pelo retrato de el-rei D. Manoel, em Evora no convento de S. Francisco num dos dormitorios.

26.º—A MORTE DA VIRGEM, em Evora no convento de S. Francisco na sacristia. (Raczynski ignorava se este quadro estava em Evora, se em Lisboa, na Academia).

27.º—S. JERONYMO, em Evora, num dos altares lateraes da egreja do convento de S. Francisco.

28.º—SANTO ANTONIO, idem.

29.º—A ASSUMPÇÃO DA VIRGEM, pintado sobre madeira, em Evora no convento do Espinheiro.

30.º—O PRESEPIO, idem.

31.º—O CALVARIO, idem.

32.º—A RESURREIÇÃO, em que se encontram á esquerda as santas mulheres afflictas e á direita a Santissima Mãe de Deus, idem. (Raczynski ignorava se os quadros de Evora foram para Lisboa).

33.º—S. FRANCISCO, recebendo os estigmatas, em Lisboa, no convento de Santo Eloy, ao Beato Antonio. (Raczynski dá-o como existente na Academia)

34.º a 37.º—VIDA DE S. JOÃO EVANGELISTA, idem, idem.

38.º—A ADORAÇÃO DOS MAGOS, em Lisboa na sacristia da egreja da Luz.

39.º—A VISITAÇÃO, em Lisboa, na egreja do convento de S. Bento.

40.º—A ADORAÇÃO DOS MAGOS, idem

41.º—A APRESENTAÇÃO, idem.

42.º—JESUS ENTRE OS DOUTORES, idem.

43.º—O NASCIMENTO, quadro sobre madeira, em Lisboa no convento do Beato Antonio na sala do Geral da Ordem.

44.º—A ANNUNCIAÇÃO, quadro sobre madeira, idem. (Este e o antecedente devem estar na Academia).

45.º—A ADORAÇÃO DOS MAGOS, quadro sobre madeira, em Lisboa no convento do Beato Antonio na sala do Geral da Ordem.

46.º—A CIRCUMCISÃO, quadro sobre madeira, em Lis-

boa na Academia, e é indubitavelmente do mesmo pincel que o antecedente. Era tambem do Beato Antonio.

47.º—A FUGIDA PARA O EGYPTO, quadro sobre madeira, deve tambem encontrar-se na Academia e era do mesmo convento.

48.º—O BAPTISMO, quadro sobre madeira de 19 a 20 palmos de altura sobre 9 a 10 de largura (4,m50 sobre 2,m26), em Thomar na egreja do convento de Christo no recinto octogonal, que encerra o altar-mór.

48.º (bis)—A SYNAGOGA, idem.

49.º—A RESURREIÇÃO DE LAZARO, sobre madeira, em Thomar.

50.º—O TRIUMPHO DE JERUSALEM, idem, idem.

51.º—A PRISÃO, idem, idem.

52.º—A RESURREIÇÃO, idem.

53.º—A DESCIDA AOS INFERNOS, idem, idem.

54.º—A ASCENSÃO, idem, idem.

55.º—A SOLIDÃO DA VIRGEM, idem, idem.

56,º—OS APOSTOLOS NO CENACULO, idem, idem.

57.º—O JUIZO FINAL, idem, idem.

58.º—A SANTISSIMA TRINDADE, idem, idem. (D'estes quadros de Thomar, alguns ficaram naquella cidade, outras foram enviados para Lisboa para a Academia).

59.º- S. GREGORIO, em Thomar, na egreja do convento de Christo, num dos altares lateraes.

60.º—SANTA MARIA MAGDALENA. idem idem.

61.º—S. SEBASTIÃO, idem, idem.

62.º—S. BERNARDO, idem, ídem.

63.º—A CONQUISTA DE SANTAREM, idem, idem.

64.º—A MORTE DE CHRISTO, idem, idem.

65.º—S. JOÃO BAPTISTA, idem idem.

66.º—S. JOÃO EVANGELISTA, em Thomar, na capella de Nossa Senhora da Graça.

67.º—SANTO ANTONIO, idem. idem.

68.º—S. JERONYMO, idem, idem,

69.º—. . . . . . ., em Thomar, na egreja de S. João Baptista.

70.º—. . . . . . ., idem, idem.

71.º—. . . . . idem, idem.

72.º—. . . . . . ., idem, idem.

73.º—SANTO ANTONIO, prégando aos peixes, em Thomar, na Misericordia.

74.º—DESCIDA DA CRUZ, idem, idem.

75.º a 76.º—........., em Lisboa, em casa de Martinho Teixeira.

77.º—Uma Santa em Odivellas no convento das religiosas no altar-mór.

78.º, 79.º a 80.º—.........,Uma Santa em Odivellas.

81.º—DESCIDA DA CRUZ, em Coimbra, no convento de Santa Cruz, á entrada.

82.º a 87.º—PAIXÃO DE NOSSO SENHOR, em Coimbra, na sala do Cabido.

88.º—JESUS COROADO DE ESPINHOS, pequeno quadro, em Lisboa, no convento dos Caetanos.

89.º—SANTO ANTONIO, em Torres Vedras, no convento do Varatojo, na sacristia.

90.º—DESCIDA DO ESPIRITO SANTO sobre os Apostolos no Cenaculo, idem.

91 a 92.º..... Idem, idem. Deve achar-se ainda no altar-mór.

Quadros no deposito da Academia das Bellas-Artes de Lisboa

Antes d'esta lista havia Raczynski, a paginas 149 do mesmo livro, apresentado outra de noventa e quatro quadros attribuidos a Grão-Vasco ou á sua escola, que dos conventos supprimidos foram levados para o deposito da Academia das Bellas-Artes.

Os que se attribuem a Grão-Vasco são quarenta e um:

A entrada em Jerusalem;— A Resurreição de Lazaro;—A Resurreicão:—Christo e o Centurião; levados de Thomar.

A Fugida para o Egypto;

A Apresentação;

A Adoração dos Magos;

A Trindade;

O Presepio;

Santa Lucia e Santa Agatha;

A Circumcisão;

A Ascensão ;
O Baptismo ;
O Cenaculo ;
A Fugida para o Egypto ;
A Apresentação do Menino Jesus no Templo ;
A Profissão de uma religiosa ;
A Profissão de um cavalleiro ;
O Padre Eterno ;
A Adoração dos Magos ;
A Visitação ;
A Visitação ;
A Adoração dos Magos ;
A Annunciação ;
As Bodas da Santa Virgem ;
As Bodas da Santa Virgem ;
Jesus entre os doutores ;
Uma Princeza de Portugal, com o Cardeal Alpedrinha (meias figuras);
S. Jeronymo ;
O Prescpio ;
A Descida do Espirito Santo ;
O Christo e a Magdalena ;
S. Jeronymo ;
A Creação do homem ;
O Christo e os Apostolos ;
A Conceição e Anjos que brincam ;
A Ascenção ;
Santo Antonio ;
Um assumpto da historia santa (extremamente deteriorado).

Quadros de Evora

Os quadros existentes em Evora, attribuidos a Grão-Vasco, de que O'Neil enviou noticia a Raczynski, que este publicou a paginas 159 do citado livro, são :

A Santa Virgem, de grandeza natural, cercada de anjos (perfeitamente conservado).

Onze quadros existentes no Palacio do Archanjo, representando a vida de Christo.

A Adoração dos Magos, na bibliotheca, com figuras de pouco mais ou menos um terço da grandeza natural (tão bello como o quadro da Virgem)

Jesus entre os doutores, na bibliotheca.

A Ceia, numa das capellas da Sé.

Quadros de Setubal

Em Setubal, na egreja do convento de Jesus, existem 15 quadros, attribuidos a Grão-Vasco, que foram doados pelos reis D. João II e D. Manoel, a saber :

S. Francisco, recebendo as chaves ;
A Annunciação ;
O Nascimento ;
A Circumcisão ;
A Adoração dos Magos ;
A Santa Veronica ;
Jesus sobre a cruz ;
O Calvario ;
A Assumpção da Virgem ;
A Descida ao tumulo ;
A Resurreição ;
Santos Monges ;
Santos Martyres ;
Santo Antonio ;
A Ascensão ;
A Flagellação (pequeno quadro);
A Prisão (pequeno quadro).

Quadros da collecção do duque de Palmella

Os quadros da collecção do duque de Palmella, que antes fizeram parte da do marquez de Valença e outr'ora da do conde da Figueira, attribuidos a Grão-Vasco, representam a Vida da Virgem. São oito, mas todos de pequena importancia:

Encontro de Sant'Anna com S. Joaquim:
O Nascimento da Virgem;
A Annunciação;
O Nascimento;
A Apresentação no Templo:
A Circumcisão;
A Adoração dos Magos;
As Bodas.

Quadros do convento da Trindade, Lisboa

Taborda, nas—*Regras da arte da pintura*—, cita, como de Grão-Vasco, os oito quadros do marquez de Valença, e, como semelhantes ao seu estylo, nove na sala *de profundis* do convento da Trindade que, todos ou parte, foram removidos para o deposito da Academia depois da extincção das Ordens religiosas, e por isso já ficam mencionados. São:

A Transfiguração;
A Trindade;
A Circumcisão;
O Cenaculo;
A Adoração dos Magos.

Quadros da egreja de Nossa Senhora do Pereiro

O mesmo Taborda diz existirem na egreja de Nossa Senhora do Pereiro os seguintes quadros, que tambem, no todo ou em parte, foram removidos para o deposito da Academia, e por isso tambem já ficam mencionados:

As Bodas da Virgem;
A Annunciação;
A Visitação;
O *Nascimento de Christo*;
A Circumcisão;
A Adoração dos Magos;
A Fugida para o Egypto;
Jesus entre os doutores.

Quadros da egreja do Varatojo

Ainda o mesmo Taborda diz existirem na egreja do Varatojo, na capella do Seminario:

A Annunciação;
O Nascimento;
A Adoração dos Magos;
A Resurreição.

Quadros da galeria do marquez de Borba

Segundo o mesmo Taborda existiam alli:

O martyrio de S. Verissimo;
O martyrio de Santa Maxima;
O martyrio de Santa Julia.

Quadros existentes na casa do marquez de Penalva

Taborda designa os seguintes:

Dois Benedictinos;
Um santo religioso em contemplação.

Quadros no collegio dos Nobres

O mesmo auctor dá noticia de dois:

O Nascimento de Christo;
S. João baptisando Christo.

Cyrillo Volkmar Machado, na *Collecção de Memorias relativas ás vidas dos pintores—Lisboa, 1823,* paginas 149 e seguintes, depois de expôr o que noutro logar já transcrevemos, accrescenta ácerca de Grão-Vasco:

Quanto ás suas pinturas está provado que ornou com ellas muitas egrejas, mosteiros e palacios reaes. Entre as mais famosas devem contar-se:

1.º—As da Sé de Vizeu, cujo assumpto ignoramos;
2.º—As de Thomar, que devem ter sido muito damnificadas pela invasão dos francezes em 1811.

Refere-se tambem que um pintor de Thomar lhe communicára existirem ainda naquella cidade muitas pinturas de Vasco:

Na egreja do convento

Doze paineis de 20 palmos de alto por 10 de largo, representando:

O Baptismo de Christo;
A Synagoga;
A Resurreição de Lazaro;
A Entrada em Jerusalem;
A Traição de Judas;
A Resurreição;
A Descida aos Infernos;
A Ascensão;
As Angustias da Virgem;
Os Apostolos no Cenaculo;
O Juizo final;
A Santissima Trindade.

Nos altares lateraes da mesma egreja

S. *Gregorio*;
Santa Martha (pintura insigne);
A conquista de Santarem;
Christo morto.

Na capella de Nossa Senhora das Graças

S. João Baptista;
S. João Evangelista;
Santo Antonio;
S. Jeronymo.

Na egreja da Misericordia

Santo Antonio, prégando aos peixes ;
A Descida da Cruz.

Na cellula do geral do mosteiro de Santo Antonio, perto de Lisboa

Onze ou doze quadros em madeira, superiormente pintados no estylo de Vasco, representando :

A Fugida para o Egypto ;
Os Magos ;
A Annunciação ;
O Nascimento .
A Circumcisão ;
e outros assumptos religiosos.

Na egreja de S. Bento

A Annunciação ;
Os Magos ;
A Apresentação ;
Jesus entre os doutores.

Ainda Volkmar Machado menciona os quadros de Evora e os das collecções das familias Valença, Borba e Penalva.

Na Egreja do Convento de S. João de Tarouca

Ha quem attribua a Grão-Vasco tres quadros que existem na Egreja do extincto convento de S. João de Tarouca, hoje egreja matriz d'aquella freguezia :

S. Pedro, semelhante ao da Sé de Vizeu e quasi com as mesmas dimensões, mas com algumas variantes ;

O Nascimento de Christo, tendo de comprimento aproximadamente metro e meio, em que existe uma figura, ainda que mais pequena, muito semelhante, até na posição, a outra que existe no quadro do Calvario, da Sé de Vizeu.

A Virgem com o Menino, das mesmas dimensões do antecedente.

Quadros dos quaes alguns existiram e outros ainda existem em Vizeu e proximidades attribuidos a Grão-Vasco

Dos quadros de Vizeu e proximidades dão noticia os curas Manoel Gomes Simões, Nicolau Antonio de Figueiredo, José Mendes de Mattos, Manoel Lopes d'Almeida (1758), Ribeiro Pereira (1630), Sanctuario Marianno por Fr. Agostinho de Santa Maria (1716), e Oliveira Berardo (1843, 1844 e 1858).

Na egreja de S. Martinho

Esta egreja foi demolida e nella ainda em 1844 estavam, ignorando eu o destino que tiveram, o que aos poderes publicos cumpre averiguar, os seguintes quadros:

S. Martinho;
S. Braz;
Nossa Senhora da Piedade.

Na Sé Cathedral—

S. Pedro;
Martyrio de S. Sebastião;
O Pentecostes;
Baptismo de Christo;
Calvario (na capella de Jesus);
Predella do Calvario ou tres pequenos quadros, representando passagens da Paixão do Senhor, em madeira, na parte inferior do antecedente);
O Descimento da Cruz (existiu outr'ora no altar-mór);
Sant'Anna (existiu outr'ora no altar d'esta santa);
S Jeronymo (de 90 centimetros—meia figura);
Santo André e S João, idem;
S. Pedro ad vincula, idem;
S. Braz, idem, idem;
S. Pedro e S. Paulo, idem;
Um Santo Martyr, idem;
S. Bento, idem;
Um Eremita lêndo, idem;
Santo Antonio Eremita;
Nossa Senhora da Conceição;
Santa Lucia;
Um Santo;
Santa Catharina;
Quatorze quadros, representando a historia de Christo, cujo assumpto adeante se exporá.

Na egreja da Misericordia—
Tres quadros.

Na egreja do convento de S. Francisco d'Orgens, hoje egreja matriz da freguezia d'este nome:

O Descimento da Cruz;

Na capella de Fontello, hoje em salas do palacio episcopal:
Jesus em casa de Martha;
A Ceia do Senhor.

Na capella de Nossa Senhora das Eiras ou do Soccorro, em Alvellos, freguezia de Cavernães:

Santo Amaro e Santo Antonio.

Na egreja matriz da freguezia de Guardão, concelho de Tondella, serra do Caramulo, existiu outr'ora:
Nossa Senhora d'Assumpção.

Na capella de Lourosa, freguezia de Ribeiradio, concelho de Oliveira de Frades:

Nossa Senhora de ao pé da Cruz;
S. João Evangelista.

Na capella de Nossa Senhora do Ribeiro de Routar, freguezia da Torredeita, existiu outr'ora:

Nossa Senhora.

Em casa do dr. Thomaz Maria de Paiva Barreto, de Vizeu, existiram outr'ora:

O Encontro de Sant'Anna e S. Joaquim.

Em casa do conego José d'Oliveira Berardo, existiu outr'ora:
Jesus prégando.

Noticias sobre os quadros de Vizeu e proximidades, que ficam designados na relação antecedente

S. Pedro

E' um quadro, em madeira de castanho, que mede 2m,46 de altura, por 2m,65 de largura.

S. Pedro, tendo a tiára na cabeça e ornado com as vestes pontificaes que só muitos seculos mais tarde seus successores usaram, está assentado na cadeira papal.

Sobre os joelhos tem pousados os Santos Evangelhos; com a mão direita abençôa o mundo e com a esquerda sustenta a chave symbolica; que tanto impressiona o espectador por parecer antes esculpida que pintada e por causa da sombra que parece projectar para o lado opposto á luz que recebe da janella que fica á direita do observador.

O Calvario

O Calvario é o maior dos quadros de Vizeu, mede 3m,39 d'altura por 3m,25 de largura.

Ainda está na capella do Jesus do claustro da Sé, que tem uma porta para o exterior, lado nascente, chamada a *porta do Sol,* por cima de um altar, a que serve de retabulo, encobrindo uma antiga fresta e parte de dois tumulos, onde foram sepultados Pero Gomes d'Abreu, como testefica um letreiro que está na tampa de um d'elles, e D. João Vicente, *O Bispo Santo do Azul* (e não D. João Chaves, como alguem escreveu), cujo cadaver, segundo se crê, foi levado ás occultas para Evora pelos padres de Santo Eloy, Ordem que elle fundou em Portugal.

Por muito tempo este excellente quadro esteve sujeito aos estragos do rapazio e ignorantes, que não poucos lhes causaram, até que o muito illustrado e inexcedivelmente bondoso dr. Antonio Augusto Rodrigues, conego presidente do cabido e actual Vigario Geral do Bispado, mandou collocar na capella de Jesus e a distancia do altar onde está o mesmo quadro uma

grade de ferro para o resguardar, prestando d'este modo um relevante serviço á arte nacional.

Neste quadro, que recebe a luz por uma fresta ogival, que parece ser construcção do seculo XIII, avultam na parte superior, formando admiravel contraste, *Jesus, O Bom* e *O Mau Ladrão.*

O Bom Ladrão está voltado para o Christo, mostrando signaes de arrependimento ; o Mau Ladrão desvia d'elle o olhar em que se lê o desespero e todos os signaes que os physionomistas attribuem aos malfeitores.

Em baixo, no primeiro plano, a Virgem em deliquio, cercada e amparada pelas santas mulheres; e logo atraz S. João, com gesto de afflictivo desespero.

Por detraz avistam-se dois cavalleiros, que neste plano completam o grupo, um dos quaes é Longuinho, que esfrega os olhos com pasmo, como se não quizera acreditar no milagre que em si mesmo acabava de operar-se.

Por baixo dos pés do Crucificado, tres soldados curvam-se sobre a tunica, que cortam e dividem entre si.

Junto d'elles, o Centurião, de pé, olha para Jesus pasmado e com signaes de arrependimento.

Logo atraz, os outros soldados, tambem de pé.

Junto da cruz do Mau Ladrão, um soldado bebe com soffreguidão por uma cabaça e outro espera impaciente pela sua vez, parecendo inteiramente alheios á grande scena que perto d'elles se desenrolava.

No fundo, correm de um lado dois homens com uma escada.

Por detraz do Mau Ladrão e como que imprimindo a nota comica ao quadro, pende d'uma arvore o corpo de Judas, traidor.

Predella do Calvario

Na parte inferior do quadro do Calvario ha uma predella tripartita em tres pequenos quadros, acabados com não menos cuidado, que representam Christo na presença de Pilatos, o Descendimento da Cruz e a Descida ao limbo.

O Pentecostes

O Pentecostes é um dos quadros que mais attrahe a attenção dos intendidos: mede 2m,71 d'altura por 2m,49 de largura.

O auctor tomou para assumpto os versiculos 2.º e 3.º, capitulo 2.º, dos *Actos dos Apostolos: Et factus est repente de coelo sonus tamquam advenientis spiritûs vehementis, et replevit totam domum ubi erant sedentes. Et apparuerunt illis dispertitae linguae tamquam ignis, seditque supra singulos eorum,*--o que, traduzido em vulgar, diz: Ouviu-se de repente um grande ruído, como de um vento impetuoso, que vinha do céu, e que encheu toda a casa onde estavam sentados. Ao mesmo tempo viram apparecer como que linguas de fogo, que se dividiram e que pousaram sobre cada um d'elles.

E' preciso prestar attenção a toda a força d'estas palavras para admirar o excellente desenvolvimento que o pintor lhes deu nas differentes attitudes de cada um dos apostolos que no Cenaculo se achavam reunidos com a Santa Virgem.

Tambem são admiraveis os detalhes no desenho das figu ras; e perdôa-se de bom grado o anachronismo que o artista commetteu pintando um apostolo que lê um livro encadernado e impresso como os breviarios ecclesiasticos dos seculos XVI e seguintes.

S. Sebastião amarrado ao poste
S. João baptisando Christo no Jordão

O primeiro d'estes quadros mede 2m,65 de altura por 2m,70 de largura; o segundo 2m,48 d'altura por 2m,66 de largura.

Na opinião de Oliveira Berardo, com que não concordo, posto que não sejam de Vasco, tem muito merito e fazem honra não só ao discipulo mas ao mestre.

Identicas referencias o sabio antiquario faz aos quatro pequenos quadros de quatro palmos (0m,90) de largura aproximadamente:

Nossa Senhora da Conceição;
Santa Catharina;
Santa Lucia; e
Um santo desconhecido.

Raczynski, porém, considera-os (carta 16, paginas 366 e 367) obra de Grão-Vasco, dizendo: «Os quadros da Sacristia, evidentemente obra do mesmo mestre, de Vasco Fernandes, do pintor de Vizeu, de Grão-Vasco, são: o Pentecostes, S. Pedro. o Baptismo de Christo, o Martyrio de S. Sebastião e os treze quadros de menor grandeza que representam meias figuras de differentes santos.

. . . .

«As physionomias são para mim um dos indicios mais infalliveis para determinar se o auctor desconhecido de um quadro é o mesmo que o de outro quadro cujo auctor está historicamente provado.»

Os treze quadros de menor grandeza a que se refere o diplomata prussiano são os quatro que deixamos mencionados em ultimo logar e ainda os seguintes nove:

1.º – S. Jeronymo.

E' o mais notavel dos pequenos quadros. Representa o illustre doutor da egreja no deserto ferindo o proprio peito com uma pedra. O braço que sustenta a pedra parece sair do quadro.

2.º—Entrevista de Santo André e S. João.

A figura de Santo André tem uma admiravel expressão. Um viajante estrangeiro offereceu um milhão de reis por este quadro.

3.º—S. Pedro ad vincula.

4.º—S. Braz.

Está vestido com trages episcopaes e lêndo num livro.

5.º—S. Pedro e S. Paulo.

6.º—Um santo martyr.

7.º—S. Bento.

8.º—Um eremita lêndo.

Seria difficil a um pintor, qualquer que elle fosse, ultrapassar a expressão d'esta figura.

9.º—Santo Antonio, eremita.

Tem um pau e um rosario na mão e está orando.

Os quatorze quadros que representam a historia de Christo são citados como da sala do Cabido, onde outr'ora estiveram, mas hoje acham-se pendentes dos muros da capella-mór da Sé.

São elles:

1.º—A Annunciação.

O seu motivo foram as palavras do Evangelho: «*Et ingressus Angelus ad eam dixit: Ave Maria gratia plena. Dominus tecum; Benedicta tu in mulieribus. Quae cum audiisset turbata est in sermone ejus, et cogitabat qualis esset ista salutatio.*

«E o Anjo entrando lhe disse: Deus te salve Maria cheia de graça; o Senhor é comtigo; Bemdita és tu entre as mulheres. E Ella, tendo ouvido taes palavras, perturbou-se e cogitava que saudação fosse esta».

O anjo vai annunciar á Virgem a grande nova, que é recebida com o acatamento que exigia essa santa missão.

Foi nesta obra principalmente que o pintor se distinguiu. O symbolo do Espirito Santo cercado de luz percebe-se no cimo d'este quadro.

2.º—A Visitação.

Maria, entrando em casa de Zacharias, saúda Isabel, a quem se crê ouvir dizer: *Benedicta tu inter mulieres, et benedictus fructus ventris tui.*

«Bemdita, és tu entre as mulheres, e bemdito é o fructo do teu ventre».

As duas figuras d'este quadro estão muito perfeitas.

3.º—O Nascimento.

Num humilde estabulo de Bethlem vê-se a Virgem adorar o Menino Deus, depois de o ter posto no berço. *Et pannis eum involvit, et reclinavit eum in proesepio.*

«E o embrulhou em pannos e o deitou no berço.»

Anjos cercam o grupo principal.

A imagem da Virgem consideram-na alguns como a mais bella producção de Vasco, neste genero.

4.º—A Circumcisão.

Representa o facto referido no Evangelho por estas palavras: *Et postquam consummati sunt dies octo ut circumcideretur puer.*

«E depois que se passaram os oito dias para que o Menino fosse circumcidado.»

Este quadro encerra cinco figuras de grande merito. O Menino é apresentado ao grande sacerdote, que desempenha as funcções do seu ministerio.

5.º—A Adoração dos Magos.

Representa o facto que a Escriptura descreve assim: *Et intrantes domum invenerunt puerum cum Maria matre ejus, et*

procidentes adoraverunt eum; et apertis thesauris suis obtulerunt ei munera, aurum, thus et mirrham.

«E, logo que entraram em casa, encontraram o Menino com Maria sua Mãe e, prostrando-se, o adoraram; e, descobrindo os seus thesouros, lhes offereceram por presente ouro, insenso e mirrrha »

Nota-se neste quadro com que justeza os vestidos estão apropriados aos differentes personagens e com que exactidão a pintura reproduziu os costumes das tres partes do mundo conhecido na epoca em que foi feita.

Nelle não se nota nenhum anachronismo.

6 º—A Apresentação.

Exprime o facto relatado na Biblia nestes termos: *Et ut darent hostiam secundum quod dictum est in lege Domini, par turturum, aut duos pullos columbarum.*

«E para lhe darem uma victima segundo o que está dito na lei do Senhor, ou um par de rôlas ou dois pombinhos».

O grande sacerdote recebe o Menino no meio da multidão, outro lê um papel, e algumas mulheres apresentam as suas offertas.

Nota-se alli o justo Simão, que logo exclamará: *Nunc dimitte, servum tuum, Domine, secundum verbum tuum in pace.* etc.

«Agora deixa morrer em paz o teu servo, Senhor, segundo a tua palavra etc.»

7.º—Fugida para o Egypto.

Vê-se a Virgem assentada sobre um burro e tendo o Menino em seus braços. Um anjo vestido de branco serve-lhes de guia. Joseph acompanha-os e parece voltado para uma arvore, cujos fructos colhe para os dar á Virgem.

8.º—A Ceia.

Numa humilde e rustica habitação Jesus toma a sua ultima refeição com os seus discipulos.

O pintor tomou por motivo d'este quadro as palavras de Judas e a resposta do Mestre: *Respondens autem Judas, qui tradidit eum, dixit; numquid ego sum Rabbi? Ait illi: Tu dixisti.*

«Respondendo, porém, Judas que o entregou, disse: por ventura sou eu, Rabbi? Diz-lhe: Tu o disseste.»

Os apostolos estão de tal forma bem representados que o observador instruido póde indica-los a todos pelos seus nomes.

Seria difficil exprimir melhor tantos pensamentos em tão pequeno espaço como o do painel. A Ceia de Leonardo de Vinci apresenta maior luxo, mas a de Vasco exprime com mais fidelidade a historia do Novo Testamento.

9.º—Christo no Jardim das Oliveiras.

Os tres discipulos dormem e Jesus Christo, sobre um plano mais elevado, exprime toda a afflicção humana. Um anjo vem consola-lo.

Este quadro inspirou-se nas seguintes palavras do Evangelho : *Pater, si vis, transfer calicem istum a me. Apparuit illi angelus de coelo,* etc.

«Pae, se é tua vontade, desvia de mim esse calix. Appareceu-lhe o anjo do ceu, etc.»

10.º—A Prisão.

Representa o facto narrado no seguinte texto da Biblia : *Tanquam ad latronem venistis cum gladiis et lignis comprehendere me. Ut ergo dixit eis: ego sum, abierunt retrorsum, et ceciderunt in terram.*

«Como para um ladrão viestes com espadas e paus a prender-me.

Quando, pois, lhes disse : eu sou, retiraram-se para traz e cahiram por terra.»

Alguns soldados levantam-se e Pedro puxa pela sua espada.

11.º—O Descimento da Cruz.

As santas mulheres consternadas e em differentes attitudes assistem ao acto que Joseph d'Arimathea e outros discipulos executam, descendo da Cruz com cuidado e precaução o corpo do Salvador. Este quadro tem grande analogia com o de Rubens.

12.º—A Resurreição.

Os soldados atterrorisados caem e o Salvador sae triumphante do sepulchro. E' o que diz o texto biblico : *Prae timore autem ejus exterriti sunt custodes, et facti sunt veluti mortui.*

«Porem, com o medo d'elle aterraram-se os guardas e ficaram como mortos.»

13.º—A Ascensão.

Jesus, cercado de luz, sobe ao céu do Monte das Oliveiras. Os discipulos estão em diversas attitudes: uns juntam as mãos, outros levantam-nas para o céu. A Santa Virgem e outra mulher acham-se entre elles.

14.º—O Pentecostes.

A composição pouco differe da do grande quadro de Vasco. Os discipulos acham-se mais proximos uns dos outros, por causa do espaço mais estreito do painel. A Virgem no meio d'elles levanta as mãos para o céu.

*

Estes quatorze quadros são pintados sobre madeira.

São cuidadosamente executados tanto pelo que respeita ao desenho como ao colorido.

Na opinião de Robinson, estes quatorze quadros estavam antigamente emmoldurados juntos, formando um retabulo.

Os tres quadros da egreja da Misericordia de Vizeu, tidos como authenticos de Vasco, medem 0m,66 quadrados, e são:

1.º—A morte da Virgem.

Ahi se vê a Mãe de Deus agonisante e algumas pessoas ministrando-lhe soccorros.

2.º—O Massacre dos Innocentes.

As mães banhadas em lagrimas procuram arrancar seus filhos das mãos dos soldados que os passam a fio da espada.

3.º—.........

Ignora-se o assumpto historico ou allegorico d'este quadro. Representa muitos personagens nús, conduzidos por soldados ao alto de uma montanha, d'onde os precipitam.

Jesus em casa de Martha

A descripção d'este quadro, que hoje se acha numa das salas do Paço Episcopal em Fontello, foi feita por Oliveira Berardo, no *Liberal,* e já a transcrevemos.

Neste quadro que muitas analogias tem com a série dos da sacristia da Sé de Vizeu, vê-se a sêmea ou pão de mistura de centeio ou trigo com milho, muito em uso nesta cidade e circumvisinhanças.

A Ceia do Senhor

Este quadro existe hoje numa outra sala do Paço Episcopal em Fontello.

Sant'Anna

Nem este quadro nem o *Retabulo do Altar-mór*, que Botelho Pereira diz serem de Grão-Vasco, existem na Sé e ignoro o seu destino.

O Senhor prégando

Um pequeno quadro de 0m,23 quadrados, que Berardo disse pertencer-lhe. Tinha nas costas o n.º 113, que provavelmente designava o numero das obras feitas por Vasco até áquella inclusivamente.

Não pude descobrir o destino d'este quadro.

O encontro de Sant'Anna e S. Joaquim

Segundo testemunha Oliveira Berardo, este quadro pertenceu ao dr. Thomaz Maria de Paiva Barreto, que muitos annos exerceu nesta cidade o cargo de thesoureiro pagador do districto, e a quem foram confiscados os bens por causa de um alcance que lhe foi encontrado, não causado por elle que era homem honradissimo, mas por mandatarios seus.

Foram improficuas as diligencias que empreguei para saber onde pára este quadro.

O Descimento da Cruz

Este quadro ainda se conserva na egreja do convento de S. Francisco de Orgens, que actualmente é matriz da freguezia d'este nome.

Na apreciação que d'elle faz o cura Manoel Lopes d'Almeida, na memoria que enviou para o Diccionario Corographico de Cardoso, ha exaggeros, quando o considera como uma das melhores pinturas que se conhecem na provincia da Beira e affirma que só por si seria sufficiente para justificar o titulo de *grande* dado ao seu auctor.

E' incontestavelmente uma boa pintura da edade de ouro da arte portugueza, mas melhor que ella são a maior parte das que existem na Sé.

E' muito provavel que seja obra de Vasco. A circumstancia de elle possuir na freguezia de Orgens a vinha ao Pesseguido facilitaria as suas relações com os frades do convento, que naturalmente lhe encommendaram aquella obra.

Santo Antonio e Santo Amaro

Ainda se conserva esta pintura, que vi, na capella de Nossa Senhora das Eiras ou do Soccorro, em Alvellos, freguezia de Cavernães, concelho de Vizeu.

A figura de Santo Antonio acha-se deteriorada; a de Santo Amaro, cuja cabeça é encantadora, em bom estado de conservação. O colorido é muito similhante ao do quadro d'Orgens.

Bom era que aquella pintura fosse recolhida á Sé. Ficaria menos sujeita a damnificar-se.

Nossa Senhora d'Assumpção

Informaram-me que já não existe na egreja do Guardão, concelho de Tondella, e não consta do destino que teve.

Nossa Senhora da Ribeira

Quando tive conhecimento da referencia que a este quadro faz o *Sanctuario Marianno,* dirigi-me a Routar, freguezia da Torredeita, e d'alli á capella da Senhora da Ribeira que fica a pequena distancia.

Nenhum quadro lá existe, nem nenhum dos mais velhos habitantes d'aquella povoação dá qualquer noticia a este respeito.

Senhora de ao pé da Cruz e S. João Evangelista

E' muito distante de Vizeu a povoação de Ribeiradio, e não consentindo as minhas occupações ir ali, nem conhecendo pessoa a quem pedir informações, ignoro se ainda existem estes quadros.

O quadro de S. Pedro foi feito por Vasco Fernandes

Determinada irrefragavelmente a existencia do principe dos pintores portuguezes, um dos melhores do mundo, a epoca em que viveu, a sua longa residencia em Vizeu onde teve casa propria, embora sujeita a fôro, restava a prova de ter sido elle o auctor dos quadros que lhe são attribuidos.

Ainda que com pouca esperança de a encontrar nos documentos que Oliveira Berardo pacientemente havia revolvido, continuei as minhas investigações no archivo da Sé, tal era o empenho que me dominava de desfazer a lenda que cada vez ia tomando maior vulto de que Grão-Vasco era um mytho ou a personificação mythologica de uma escola,

E na verdade muito me custava que, depois de ter adquirido provas da existencia em Vizeu de Vasco Fernandes, pintor, não pudesse affirmar serem do seu pincel os quadros que a tradição lhe attribuia.

Felizmente, as minhas fadigas foram coroadas com bom exito, e hoje póde affirmar-se, incontestavelmente: Vasco Fernandes é o auctor do S. Pedro, uma das seis ou sete maravilhas da arte em todo o mundo, e por esse motivo a elle compete o cognome de Grão ou Grande, que a posteridade justamente lhe concedeu.

Depois de ter revolvido e examinado centenas de manuscriptos de várias epocas, ainda hoje existentes naquelle archivo, veio-me ás mãos um pequeno livro manuscripto, com o seguinte titulo:

«Livro de contas de receita e despeza e serventuario da confraria de S. Pedro, que principiou em 1565 e termina em 1625.»

Comecei a examina-lo linha por linha, e quando já estava cançado de passar pela vista as verbas de receita e despeza relativas a varios annos e nada esperava encontrar que aproveitasse ao meu intento, li que no anno de 1606 a 1607 servira de reitor Luiz Ferreira, que em 10 de junho d'este ultimo anno entregára ao novo reitor Antonio Madeira dinheiro e outras alfaias, entre as quaes duas cortinas que serviram no retabulo, mais duas cortinas novas de panno da India para o cobrir, que cus-

taram dois mil e quinhentos reis; e logo em seguida, a fls. 63 verso, a preciosa declaração que segue :

«Este anno de 1607 como atras fica dito que servi de Reitor do glorioso Apostolo S. Pedro não tive nenhum companheiro nem mordomo que me ajudasse dei de offerta ao bem aventurado Santo todo o ornato do retabollo tirado a pintura que não mandei pintar de novo por ser feita por mão de Vasco frz., o qual mandei alimpar e retocar alguãs cousas e tambem mandei ajuntar e grudar as aberturas quetinha em formaque se não emxerguão e ficou tãobom que me pareçeo ser ero grãde mandar fazer outra pintura que os pintores deste tempo confessão que não se fará outra tamboa tamperfeita ebem acabada; tirado esta pintura todo mais hornato de madeira . S . guarnisões pedestraes colunas friso e frontespiçio mandei fazer a Antonio Castanho e o mandei dourar de ouro bornido easi mais mandei emjessar a capella toda e arco della no qual mandei dourar huã das molduras delle e no simo da aboboda mandei dourar os remates della tudu isto asima dito mandei fazer aminha custa e todo este gasto dei de oferta ao glorioso Santo e sendo nosso S.or servido pollo tempo adiante acabarei de dourar e pintar o mais que falta dei mais as quortinas do retabollo Mais dei o azeite com que este anno se alomiou a alampada, e disse as missas que se dizem todas as somanas do anno e todas as das festas do Santo de graça. ut supra no dito dia mes e anno feito.

Luiz Ferreira.

Antonio Madeira.»

D'este documento se vê que Luiz Ferreira, reitor da confraria de S. Pedro no anno de 1606 e 1607, presta contas ao novo reitor Antonio Madeira, e ambos assignam a declaração que a pintura do retabulo foi feita por Vasco Fernandes e que seria grande erro mandar fazer outra que não seria tão boa, tão perfeita e bem acabada, segundo confessaram os pintores d'aquelle tempo.

Grande, grandissima é a força, importancia e valor d'este documento.

Escripto 64 a 66 annos depois da morte de Vasco Fernandes, succedida entre 13 de setembro de 1541 e egual dia de 1543, deve reputar-se coevo.

Ambos ou qualquer dos signatarios puderam ter conhecido o grande pintor, e, quando tal não succedesse, fallaram com pessoas que o conheceram e com elle privaram.

E quem eram os signatarios?

E' uma pergunta á qual as minhas investigações ulteriores tambem me habilitaram a responder.

Num papel avulso que me veio ás mãos e é uma relação dos Conegos Doutoraes e Magistraes que na conformidade do Indulto do S. P.e Pio IV de 1560 forão providos na Santa Sé de Vizeu, com a declaração do dia de suas Collações, Posses, e Vacaturas, vem inscripto entre os Conegos Doutoraes e em terceiro logar o doutor Antonio Madeira, que foi collado e tomou posse da conezia em 16 de maio de 1594 e falleceu em 1 de setembro de 1617.

O primeiro em quem se effectuou aquelle indulto, por apresentação de el-rei, foi o doutor Pedro Marques, Provisor d'este bispado, que tomou posse do logar em 16 de junho de 1563, e o segundo Ruy de Malafaia, que foi collocado em 23 de janeiro de 1573.

Estava naturalmente indicado que devia ir compulsar qualquer documento ou livro, onde encontrasse a assignatura do conego Antonio Madeira, para a confrontar com a da declaração exarada no Livro das contas.....da confraria de S. Pedro; e isso não me foi difficil porque já me haviam chegado ás mãos os *livros dos acordos do Cabido desta See de Viseo,* que immediatamente fui examinar, encontrando nelles muitas vezes a assignatura do conego Antonio Madeira, sendo a primeira na acta ou *acordo* de 28 de maio de 1594, a fls. 82 v.º do livro que começa no mez de abril de 1571, d'onde se vê que é errada a affirmativa, inserta nas *Memorias da Academia Real da Historia,* tom. V, n. XXVII, onde a paginas 19 a 21 vem a lista dos Conegos Magistraes e Doutoraes da Sé de Vizeu, de que o doutor Antonio Madeira fôra provido no canonicato em 31 de maio de 1594.

Tambem em muitas d'essas actas ou *acordos,* começando em outubro de 1597 (fls. 104 do citado livro) até 11 de maio de 1631 (fls. 92 do livro immediato), se acha a assignatura do conego Luiz Ferreira, que, segundo se vê da acta de 26 de novembro d'este ultimo anno, já neste dia era fallecido.

Confrontadas as assignaturas d'um e d'outro com as que

se acham no fim da referida declaração, reconhece-se evidentemente que são respectivamente das mesmas pessoas.

D'este modo colloca-se acima de toda a suspeita o documento que authentíca o quadro de S. Pedro.

As testemunhas, dois conegos, um d'elles da classe dos Doutoraes, são qualificadas e não podem deixar de merecer credito, principalmente se se attender a que escreveram no tempo em que ainda existia gente que conheceu Vasco Fernandes, que elles proprios tambem podiam ter conhecido.

E, se attendermos a que o conego Antonio Madeira tomou posse do logar em 16 de maio de 1594 e Luiz Ferreira em outubro de 1597 e a que nenhum d'elles teria menos de 25 ou 30 annos de edade, mais força tem a declaração que referendaram, porque, se não conheceram pessoalmente o auctor do preciosissimo quadro, fallaram com centenas de pessoas que o conheceram e viram talvez executar as suas obras.

A critica historica pois, exige que a esses dois testemunhos se preste todo o assenso.

O conego Antonio Madeira era natural da cidade de Vizeu e filho de Antonio Madeira. Recebeu o grau de doutor na Faculdade de Canones da Universidade de Coimbra. Foi provido na dignidade de conego Doutoral em 31 de março de 1594. Era exemplar nos costumes proprios de um ministro da Egreja.

Querendo instruir os professores ecclesiasticos, compoz a *Regra dos Sacerdotes, em a qual se contem as cousas mais necessarias da sua obrigação com muitas considerações sobre ellas. I parte. Coimbra, por Diogo Gomes Loureiro. 1603—4.*

A circumstancia do dr. Antonio Madeira ser natural de Vizeu e homem tão instruido maior força dá ao seu testemunho, que temos por irrefragavel.

Com bons fundamentos tambem affirmo que alguns dos quadros mencionados são de Grão-Vasco

A fixação da epoca em que viveu Vasco Fernandes, o documento de 1607, que fica transcripto, e que authentica o quadro de S. Pedro, reforçam a noticia que o dr. Manoel Botelho Ribeiro Pereira dá ácerca dos quadros de S. João Baptista, S. Sebastião, Calvario, Sant'Anna e Retabulo do Altar-mór, dizendo-os obra do nosso pintor, nos seus Dialogos moraes, historicos e politicos, etc., de 1630.

O testemunho d'este escriptor deve ter-se por verdadeiro.

A superior erudição que manifesta no seu livro revela que o escreveu, quando não podia contar menos de trinta a quarenta annos de edade, devendo por isso ter nascido, pelo menos, na ultima decada do seculo XVI, isto é, quando ainda existiam e continuaram por muito tempo a existir pessoas que conheceram o pintor Vasco Fernandes.

Deve, pois, ter-se por certo, nem razões ha para suppôr o contrario, que o erudito escriptor viziense narra o que ácerca dos quadros ouviu áquelles que conheceram e privaram com o seu auctor e talvez os viram executar.

Por outro lado quem lêr o manuscripto de Botelho Pereira e conhecer por outras fontes a historia de Vizeu facilmente se convence que elle expõe os factos com sinceridade, embora com pouca critica.

O illustre antiquario Oliveira Berardo nos seus *Folhetins*, insertos em varios numeros do periodico *O Liberal*, que se publicou em Vizeu nos annos de 1857 e 1858, deu á luz uma *Chronica Viziense do seculo 17.º*, em cuja segunda parte, que se inscreve — *O Dr. Themudo e Manoel Botelho Ribeiro* —, aprecia o caracter d'este ultimo.

No n.º 21 de 13 de julho de 1857 põe na bocca do Dr. Themudo Bernardo, natural de Vizeu, e contemporaneo de Botelho Ribeiro, o seguinte periodo:

«No dia seguinte entrou em minha casa Manoel Botelho Ribeiro, meu antigo mestre e amigo, dando-me os emboras pela

avultada herança que eu acabava de recolher. Agradeci-lhe com urbanidade e verdadeiro reconhecimento, porque tendo tratado este homem de perto, sempre o tive como sugeito sem refolho e jovial.»

E continúa Berardo:

«Este homem passava na opinião de todos pelo mais douto e instruido de toda a comarca. Como antiquario tinha escrevido uma obra que intitulou: *Dialogos moraes e politicos sobre a fundação de Vizeu*, etc.; he verdade que com pouca ou nenhuma critica, mas com tudo sempre tido em grande conta pelos seus conterraneos: por isso que sendo mais cegos elle os excedia (diz o annexim) usando de um olho. Tambem como poeta tinha feito varias composições, e até mesmo ousou embocar epica tuba; mas por infelicidade os bombasticos sons provárão sahir da rouca buzina, e seus echos por ventura não tem de mortificar os ouvidos da posteridade.»

Ora, como para o meu proposito não preciso da critica do dr. Manoel Botelho mas do seu testemunho ácerca da procedencia dos quadros, e se esse testemunho não pode deixar de reputar-se coevo e sincero, presto-lhe todo o meu assentimento e concluo logicamente que o grande Vasco pintou tambem os quadros de S. João Baptista, S. Sebastião, Calvario, que se conservam na Sé de Vizeu, e ainda os de Sant'Anna e Retabulo do Altar-mór, cujo destino se ignora.

Não é aqui descabida a apreciação que sobre os testemunhos de differentes escriptores faz o dr. Filippe Simões—*Escriptos Diversos*—, paginas 235, nos termos seguintes:

«Conduzido assim o conde (de Raczynski) a defrontar com as raias do absurdo, passou-lhe naturalmente pelo espirito a suspeita de que o Grão-Vasco não teria tido nunca existencia real, que seria apenas um mytho gerado pela phantasia popular para explicar a origem de todos os quadros antigos, cujos auctores o correr do tempo lançára no esquecimento.

A esta suspeita em que já outros estrangeiros tinham entrado, oppunham-se não somente os testemunhos de tantos escriptores nacionaes que affirmaram a existencia do nosso pintor, mas tambem a tradição commum em Vizeu, sua patria, e

finalmente os famosos quadros que ainda hoje se admiram na Sé cathedral d'essa cidade.

Razões taes pesaram bastante no animo do conde para se não deixar tomar de todo pela desconfiança que o assaltára. E' verdade que os testemunhos que se lhe deparavam não remontavam além do seculo passado. E tal circumstancia diminuiria assás o valor d'esta prova, se Manoel Botelho Ribeiro, num livro inedito que escreveu da cidade de Vizeu em 1630, não attribuisse expressamente a Vasco Fernandes as pinturas mais antigas e apreciaveis da Sé.

Temos, pois, um auctor viziense, que viveu no ultimo quartel do seculo XVI e no primeiro do seculo XVII, a attestar a existencia do Grão-Vasco, e a attribuir lhe quadros que devem ter sido pintados anteriormente ao anno de 1550.

O silencio dos outros escriptores dos seculos XVI e XVII a respeito de assumpto de tamanha importancia explicar-se-ha, attendendo ao muito que os nossos antigos desdenhavam occupar-se dos artistas, cujos nomes e obras rarissimas vezes se davam ao trabalho de mencionar.

Não é portanto extranhavel que sómente no seculo XVIII principiassem a prestar alguma consideração á historia da arte, e a citar a tradição que fazia do Grão-Vasco o principe dos pintores portuguezes.»

Em presença dos documentos que descobri vê-se com quanta razão o dr. Filippe Simões considerava de grande valor o testemunho do manuscripto de Botelho Ribeiro.

Não devo porém deixar passar sem reparo duas affirmativas do illustre cathedratico que foi ornamento da faculdade de philosophia da nossa Universidade: que Raczynski suspeitou que Grão-Vasco fora um mytho gerado pela phantasia popular para explicar a origem de todos os quadros antigos; e que os testemunhos que se lhe deparavam nos livros impressos não remontavam além do seculo XVIII.

Raczynski não suspeitou apenas que Grão-Vasco fosse um mytho, affirmou-o expressamente, como se vê da passagem extraída do seu *Dictionaire historique e artistique* que transcrevi no principio d'este trabalho. E não se lhe depararam só testemunhos do seculo XVIII, pois conheceu o do proprio Botelho Ribeiro, que transcreve no livro—*Les arts en Portugal.*

Pode tambem affirmar-se com a maxima plausibilidade que foi pintado por Vasco Fernandes o Pentecostes de Vizeu, como o de Coimbra.

M. Adolf Ceuleneer, apreciando estes dois quadros conjunctamente, diz:

«Entre os quadros da sacristia da Sé de Vizeu encontra-se um Pentecostes, muito bem conservado, attribuido a Grão-Vasco e que é identico ao de Coimbra. A disposição é a mesma: Os apostolos estão de pé de ambos os lados, a Virgem occupa o logar do meio e lê num livro collocado sobre um genuflexorio. O quadro de Coimbra é um pouco menor, e a mais notavel differença entre as duas obras consiste no typo da Virgem. Em Vizeu, Maria está voltada para a esquerda; em Coimbra olha para a direita.

O quadro de Coimbra é uma repetição do de Vizeu. Em ambos o colorido é o mesmo; o vermelho é purissimo, o branco é falso, as sombras das roupagens muito perfeitas; as cabeças dos apostolos, typos variados, teem uma expressão séria e tranquilla que dá uma idea como elles comprehendem o grande acto que se está effectuando. Teem fé no milagre que se opéra, e são homens que de ha muito esperam vêr cumprido o que lhes tinha sido prophetisado. Não ha ahi espanto nem exaltação; a scena acha-se reproduzida tal qual ella deveria ter acontecido na realidade. O typo de Maria é o mais fraco e o menos bem executado. Depois do S. Pedro de Vizeu, o Pentecostes parece-me o melhor de todos os quadros portuguezes.»

As semelhanças que este erudito escriptor e amador de pintura encontra nos dois quadros levam á conclusão que o auctor de um foi o de outro.

Mas o quadro de Coimbra, na parte inferior, tem bem conservada e muito legivel a assignatura—*VELASCO;* e *Velasco* ou *Velascus,* palavra latina, empregava-se no seculo XVI, muitas vezes, em logar de Vasco.

Esta assersão pode comprovar-se com documentos existentes no archivo da Sé de Vizeu. Um conego da mesma Sé no seculo XVI, chamado Vasco, assigna sempre *Velascus* nos cadernos em que com os outros conegos passam os recibos dos fructos e rendimentos que eram distribuidos por todos.

E esse Velasco ou Vasco, auctor dos dois quadros, será o Grão-Vasco?

Se a historia naquelle seculo não dá noticia de outro pintor que pudesse executar tão excellentes quadros, e se a tradição sempre os attribuiu a Grão-Vasco, titulo que só quadra a Vasco Fernandes de Vizeu, com a maxima probabilidade pode affirmar-se que são obra sua.

Julgo a proposito fazer uma reivindicação em favor do meu fallecido patricio e talentoso pintor Antonio José Pereira.

Foi elle e não Robinson que descobriu a assignatura no quadro de Coimbra.

Quando Antonio José Pereira se achava prostrado no leito em virtude da doença que o victimou, fui visita-lo, e elle então me relatou que, tendo acompanhado Robinson na sua visita aos quadros da Sé d'esta cidade, a este communicára a descoberta, que havia feito, da assignatura no quadro de Coimbra, para onde o inglez depois se dirigira; e que muito surprehendido ficára quando mais tarde lêu na traducção do livro de Robinson, feita pelo marquez de Sousa Holstein, que elle se arrogava a descoberta e vangloriava de a ter feito, nos seguintes termos:

«Imagine-se pois qual seria a minha satisfação quando, ao observar a parte inferior do quadro, achei pintada uma assignatura bem conservada e mui visivel, da qual é este o *fac-simile—VELASCO.*» (*)

E, para me provar que a descoberta havia sido sua, Antonio José Pereira mandou procurar por um de seus filhos um periodico anterior á chegada de Robinson a Portugal (1865), em que ella tinha sido publicada.

Esse periodico que em breve appareceu é o *Jornal do Commercio*, de Lisboa, 9.º anno, n.º 2'695, de terça-feira 30 de setembro de 1862, e a noticia, inserta na 2.ª pagina, foi escripta pelo fallecido João Christino da Silva, professor da Academia das Bellas-Artes de Lisboa.

E' do teor seguinte :

«Sr. redactor. Tendo feito uma digressão pelas provincias do Norte, procurei vêr alguns objectos d'arte que existem

(*) Não damos o *fac-simile* por não haver os respectivos caracteres.

espalhados numa ou noutra cidade até Vianna do Castello. Encontrei alguns quadros dignos do maior apreço ; porem, a não ser em Vizeu, não esperava encontrar quadros originaes do nosso celebre pintor Vasco Fernandes ; mas, em Coimbra, vi um magnifico, e assignado, quadro até hoje desconhecido, pela grande altura em que está collocado na sacristia de Santa Cruz de Coimbra: a descoberta não me pertence, mas sim a um artista distincto de Vizeu, o sr. Antonio José, que estando n'aquella cidade, em commissão, no tempo em que ali fui (ha 15 dias) e sendo conhecedor da escola de Vasco, de que tem feito estudo especial, e vendo na sacristia da Santa Cruz aquelles quadros que pela sua elevação não podia observar, subiu por uma escada de mão, achou logo um quadro com assignatura egual á de outro descoberto em Vizeu, de que elle é possuidor e de que a imprensa se occupou. Tendo por um feliz acaso feito conhecimento com este artista, elle me convidou a ir observar os quadros, o que fiz com grande interesse, pois nunca tinha visto quadro algum authentico de Vasco Fernandes, porque os que d'elle se diz existirem na Academia de Lisboa são duvidosos ; subi a mencionada escada, e fiquei maravilhado por não vêr só a assignatura do insigne pintor, mas um dos melhores quadros de tão grande mestre, representando o Pentecostes. O quadro tem metro e meio por um metro. O outro quadro é o Ecce Homo, que lhe faz pendant, não está assignado, mas é sem duvida do mesmo pincel, sendo a composição mais grandiosa, até digna de Raphael de Orbino ; já foi restaurado e mal, mas com pouco detrimento do original. Ha ainda mais dois bellos quadros talvez do mesmo pintor, que se tornam muito conhecidos de quem vae a Santa Cruz, pela pessima collocação em que estão, pois desgraçadamente os collocaram numa escada que dá serventia para o sanctuario, humida e escura: parece incrivel que a camara de Coimbra, ou authoridade superior, não tenha já feito remover aquelles bellos quadros para logar onde se não acabem de estragar ; um d'elles está infelizmente a desfazer-se, e se não acudirem ao outro, em breve Portugal terá de lamentar a perda de mais uma preciosidade artistica, por incuria ou ignorancia !

O interesse que como artista tomo pelas bellas-artes, e o que tomam todos os homens civilisados, principalmente aquelles que sabem apreciar a arte, e reconhecer a grande importancia que qualquer paiz adquire quando é possuidor de bellas

obras, principalmente nacionaes, fez que eu esteja obrigado, e comigo todos os meus concidadãos, ao sr. Antonio José, de Vizeu, pela descoberta que acaba de fazer, de que me glorío ter sido o segundo artista a observar, e tanto mais porque na verdade é um monumento para a historia da arte, que escapou ás minuciosas investigações do conde de Raczynski a quem a arte em Portugal deve muitissimo.

João Christino da Silva.»

Influencia que sobre Grão-Vasco exerceram as escolas fla·menga e italiana

APRECIAÇÃO GERAL DOS SEUS QUADROS SUA ORIGINALIDADE.

Para que eu pudesse apresentar trabalho proprio sobre os diversos pontos enunciados na epigraphe seria mister ter viajado e examinado as obras dos mestres de Flandres e Italia e não me faltar a imaginação apreciadora.

Infelizmente para mim, as minhas viagens têm-se estendido muito pouco além das fronteiras portuguezas, e careço do genio artistico.

Mas os leitores no caso sujeito lucram, porque aquillo que eu poderia dizer, se tivera visto os quadros dos mestres estrangeiros para os comparar com os de Vasco, suppro-o com muita vantagem por apreciações esclarecidas.

Devo, entretanto, notar que para melhor intelligencia da materia de que me vou occupar, muito convém lêr os meus —*Estudos sobre pintura*—em que, baseado sobre trabalhos alheios, me esforcei por mostrar as ligações das differentes escolas da pintura nos diversos paizes.

Apresento, pois, em seguida algumas apreciações de amadores eruditos, cuja auctoridade é incontestavel.

APRECIAÇÃO DE RACZYNSKI

Raczynski, quando não considerava ainda a Grão-Vasco como um mytho, mas como auctor das excellentes obras espalhadas por todo o Portugal, falla em termos enthusiasticos dos quadros da sacristia da Sé de Vizeu.

No livro—*Les arts en Portugal*, *Carta* 16.ª, paginas 367, diz :

«Não se pode vêr nada mais grandioso que o S. Pedro. A attitude, as roupagens, a composição, o desenho, os dourados, o colorido, a architectura, os accessorios, a paisagem, as pequenas figuras do fundo, tudo é bello, tudo é irreprehensivel.

Os outros grandes quadros não são isentos de defeitos. O modelado no nú não é perfeito. O desenho não é sempre correcto. As extremidades não são bellas; mas todas as obras de Gran-Vasco tem um caracter grave e elevado, que não descubro no mesmo grau em nenhum dos quadros gothicos que vi em Portugal.

Os quadros de Gran-Vasco não pertencem como eu o tinha supposto á influencia italiana, mas muito decididamente á de Alberto Dürer.»

Um pouco mais adeante, continúa:

«De todos os quadros que acabo de mencionar (refere-se a muitos que vira em Portugal), só nos de S. Bento (assim denomina o grupo ou serie de quadros que do mosteiro de S. Bento, quando se extinguiu, foram levados para a Academia das Bellas Artes, e no grande quadro de Evora é que encontro sob certos pontos de vista um merito superior aos de Gran-Vasco, mas estes ultimos e sobretudo o de S. Pedro tem um caracter de grandeza que não reconheço no mesmo grau em nenhum dos outros. Gran-Vasco occupa, na verdade, entre os pintores do estylo gothico, um dos primeiros logares, e a sua natureza artistica era uma das mais elevadas d'esta epoca. Uma particularidade digna de notar é que eu não descobri caracteres, isto é, uma só letra nos quadros de Gran-Vasco; em quanto que em muitos d'aquelles de que tenho dado noticia, e que estão em Lisboa, em Evora, em Setubal, encontrei inscripções ou caracteres de imaginação.

. . . .

Os quadros de Gran-Vasco, como os quatorze da sala do cabido, não apresentam, a meu vêr, nenhuma analogia com o Perugino. Descubro ahi ao contrario, como já o tenho dito tantas vezes, fallando d'outros quadros, a influencia flamenga ou allemã, a que as Hespanhas tem sido por muito tempo sujeitas, sob o ponto de vista das artes, no tempo de Carlos V e de seus successores. Todos estes quadros tem até aqui escapado felizmente ás más restaurações.»

Do enthusiasmo que o illustrado conde prussiano, cujas palavras vimos de traduzir, experimentou quando se abriu a porta da sacristia da Sé e deparou com o famoso quadro do S. Pedro, foi testemunha presencial o talentoso pintor viziense Antonio José Pereira, que o acompanhava e nos referiu que elle exclamára :

«Cesse tudo o que a antiga musa canta!»

Que commentario mais honroso !
Que episodio mais digno da magistral producção !
Em frente da obra prima da pintura portugueza, que é uma das seis ou sete maravilhas da arte da pintura em todo o mundo, tendo por testemunha um genio que, sem cursar academias, se formou por si só e conseguiu elevar os seus vôos a tanta altura que descobriu a theoria das tintas, ignorando que Newton já tivesse feito essa descoberta, Racsynski, um dos mais notaveis apreciadores d'esta sublime arte, recorda um dos mais formosos versos do primeiro epico portuguez, gloria da humanidade!
O proprio conde relata a impressão que experimentou ao vêr o magestoso quadro, *Carta* 16.ª, pag. 369 do citado livro, nos termos seguintes :

«Não posso dizer-vos que alegria experimentei, quando entrando na sacristia vi logo, em frente da porta, o soberbo quadro de S. Pedro. A impressão era decisiva; em um instante a questão estava resolvida para mim. Digo para mim, porque não imponho a minha maneira de ver a ninguem.»

Fallando do Calvario, quando já conhecia o assento de baptismo de 1552, cuja errada interpretação tanto perturbou a resolução dos problemas relativos a Grão-Vasco, parecia ao conde, pela inspecção do quadro, que elle devia ser anterior á introducção da escola italiana em Portugal por Francisco d'Hollanda e outros. Na *Carta* 16.ª, pag. 366, diz :

«E' de um grande merito posto que mal conservado. Julguei-o mais antigo que 1570, mas emfim os documentos são auctoridade mais forte que as minhas impressões.»

. . . .

«Não só o quadro do *Calvario* tem grande merito, mas

outro tanto se deve dizer dos que formam a predella e representam passagens da Paixão.»

A'cerca dos treze quadros menores que representam figuras de santos e eremitas em meio corpo, em cujo numero sobresáe S. Jeronymo, faz a seguinte apreciação:

«Direi para seu elogio que são evidentemente obra do mesmo mestre, Vasco Fernandes, o pintor de Vizeu, o Gran-Vasco.»

APRECIAÇÃO DE ROBINSON

Robinson, de quem já fallámos, na memoria sobre os quadros portuguezes, traduzida pelo marquez de Sousa Holstein, emitte a sua opinião sobre os de Vizeu.

Em relação aos da sala do Capitulo (hoje na Capella-mór da Sé), diz:

«Na minha opinião estes quatorze paineis estavam antigamente emmoldurados juntos, formando um retabulo. Os assumptos são várias scenas da vida e paixão do Salvador. Depois de cuidadosamente examinar as vestes, os ornatos e outras indicações, assim como o estylo em geral, convenci-me de que estas pinturas seriam feitas de 1500 a 1520, e pelo mesmo auctor.

A minha primeira impressão foi que eram obra de algum pintor flamengo, mas, depois de mais detido estudo, certifiquei-me de que haviam sido executadas na peninsula iberica e com muita probabilidade por um pintor bem amestrado no estylo e execução technica da antiga arte flamenga.»

Os quadros da sacristia aprecia-os d'este modo:

«Os assumptos dos quadros grandes na ordem provavel das datas são: 1.º— o Martyrio de S. Sebastião; 2.º— S. Pedro com vestes pontificaes sentado num throno, provavelmente representação ou personificação typica da egreja catholica; 3.º—Baptismo do Salvador por S. João; 4.º—o Pentecostes. Estas quatro pinturas e as menores mostram estylo mais adeantado do que os quadros da casa do Capitulo e parecem d'outra mão;

julgo que foram executados pelos annos de 1520 a 1540. Posto que os quatro quadros grandes variem entre si consideravelmente na maneira geral, e até em particularidades typicas, taes como physionomias, estylo geral do desenho, disposição das prégas, etc., inclino-me, com Raczynski, a crêr muito provavel que sejam todos obra do mesmo artista, bem como os quadros menores. O Pentecostes é o que representa maior divergencia dos outros, porém creio que em data é o ultimo da serie, e é tambem, no todo, o mais fraco dos quatro como obra d'arte.

As differenças de estylo talvez possam explicar-se por successivas alterações no estylo do artista durante o lapso de tempo decorrido entre a execução dos differentes quadros.

Em todo o caso não tenho a menor duvida de que dois da serie, a saber: o Baptismo e o S. Pedro, são do mesmo artista. Ao vêr estas pinturas fiquei impressionado pela similhança do seu estylo e effeito geral com uma notavel obra d'arte, existente em Hespanha: o bem conhecido retabulo que representa o Descimento da Cruz, por Pedro Campana, na cathedral de Sevilha.

Examinando mais detidamente os quadros, achei-lhes tambem consideravel analogia, especialmente no colorido, com certas obras de Quintino Matzys; na verdade estes grandes paineis quadrados recordaram-me immediatamente o celebre triptyco de Matzys no museu de Antuerpia. Pode egualmente dizer se que tem alguma analogia com as obras mais antigas de Bernardo van Orley, de Bruxellas, mas é caracteristica a sua parecença com a grande pintura typica de Pedro Campana, artista de Bruxellas, que trabalhou na Peninsula meiado, ou mais provavelmente durante a primeira metade do XVI seculo; a individualidade pronunciada e notavel das feições de S. Pedro e de Christo no Baptismo fizeram-me logo lembrar cabeças similhantes, que ha no quadro de Sevilha.»

Do quadro do *Calvario* diz Robinson:

«O conde de Raczynski não hesita em attribuir esta obra ao mesmo auctor dos quatro grandes quadros da Sacristia. E' innegavel que tem com elles grande analogia, e estou disposto a adoptar esta opinião; discordo porém do conde na sua apreciação do merito relativo das pinturas; pois se me afigura ser este quadro o mais fraco e não o melhor de toda a serie.»

Faz em seguida a apreciação do valor artistico das differentes pinturas :

«A serie da casa do Capitulo, pelo que respeita á execução technica, podia quasi attribuir-se ao pincel de Roger van der Weiden ou de Hugo van der Goes. Tanto os quadros de Vizeu como os d'estes velhos flamengos apresentam a profunda transparencia e brilho de côr que teem as pedras preciosas; nuns e noutros é a execução cheia de viveza e perfeita a comprehensão da composição; mas o que se torna especialmente notavel naquelles é a inteira ausencia do desagradavel maneirismo e execução de *bravura* que se apossam quasi inteiramente da arte flamenga, no tempo em que foram pintados os quadros de Vizeu. Por isso, *conclue Robinson,* os quatorze quadros que, levado pela primeira impressão, me inclinei a attribuir a algum artista flamengo, foram executados na Peninsula, e com muita probabilidade por um pintor portuguez, bem amestrado no estylo e execução technica da antiga arte flamenga.

Os panejamentos ainda na serie da casa do Capitulo, que é a mais antiga, são singelos e naturaes, e tem pouca ou nenhuma parecença com as roupagens angulares e maneiradas tão geralmente empregadas naquella epoca. Pelo contrario todos estes quadros, sobre tudo o do sr. Pereira, e os da serie da Sacristia, teem uma largura e amplidão de pregas que chegam a lembrar o grandioso do estylo italiano. Manifesta-se tambem esta grandeza na modelação das superficies e especialmente na suavidade e doçura do claro-escuro e da côr local, que se aproxima da belleza corregesca. Este grandioso, porém, não degenera nunca em molleza: pelo contrario, todas as fórmas e tintas são perfeitamente determinadas com nitidez e correcção quasi photographica . . . .

Na serie da casa do Capitulo as proporções das figuras são um pouco curtas, mas tem um typo elevado e serio e de todo o ponto opposto á vulgaridade flamenga.

Na serie da Sacristia a imitação da figura humana é por vezes excellente; os pés e as mãos são frequentemente representados em esforços difficeis e sempre com muita verdade e vigor.

O typo mais nobre e mais puro encontra-se na figura de Christo deitado, que está no quarto de Vasco Fernandes. E'

bem desenhada e está modelada com um estylo simples mas digno, tam distante do archaismo como da exaggeração. Impressionou-me tambem muito um grupo de pequenas figuras no quadro de S. Sebastião na Sacristia, representando homens reunidos ás portas da cidade, e discutindo ácerca da execução que estão presenciando; pareceram-me admiraveis a verdade d'acção e a expressão d'estes personagens, que são compostos e pannejados com o grandioso do desenho d'André del Sarto, cujas figuras dos segundos planos muito me lembraram ao vêr estas.

Não posso finalmente tecer maior elogio ás pinturas de Vizeu do que dizendo que abundam em vida e expressão humana; que são em tudo obras preciosas e absolutamente livres do maneirismo que dominava na epoca em que foram executadas.»

Dos quadros attribuidos a Vasco que estão em Fontello —Jesus em casa de Martha—e Ultima Ceia, diz Robinson:

«Ao primeiro acho muita analogia com os quadros da casa do Capitulo, principalmente com o Pentecostes, mas é-lhe inferior em merito, e julgo que se pode reputar obra de um discipulo ou de um imitador.

A outra (pintura), que consiste em tres taboas, representa a Ultima Ceia de Christo, acompanhada de episodios que se referem a este assumpto.

E' obra de mais importancia do que a primeira e tem alguma analogia com o quadro de Vasco Fernandes, pertencente ao sr. Pereira; devo até dizer que é o unico quadro existente em Vizeu que mostra verdadeira similhança com este, sendolhe ao mesmo tempo tão inferior, que é forçoso attribuil-o a um discipulo ou imitador.»

APRECIAÇÃO DO DR. FILIPPE SIMÕES

O Dr. Augusto Filippe Simões—*Escriptos Diversos*—aprecia os quadros da Sacristia da Sé de Vizeu, S. Pedro, S. João Baptista, S. Sebastião e Pentecostes, pela fórma seguinte :

«Os rostos de todas as figuras d'estes quadros pertencem manifestamente ao typo flamengo; côres vivas e rosadas, feições proeminentes, cabellos e barbas espessos e fartos.

As cidades e fortalezas são de estylo flamengo. Algumas casas voltam para a frente as empenas triangulares e á maneira de degraus, como ainda hoje se veem na cidade de Bruges. A architectura é já de estylo classico e da ordem corinthia, mas tão imperfeita que bem denota a ignorancia do pintor neste ponto. As columnas do quadro de S. Pedro, por exemplo, são corinthias; mas, apesar dos encarecimentos de Raczynski, irregularissimas e sem nenhumas das proporções determinadas pela ordenação.

N'este mesmo quadro, ao passo que o auctor imitava o typo physionomico e as paisagens dos quadros flamengos, copiava um pluvial que ainda hoje se conserva na Sé de Vizeu e os ornatos da principal das cadeiras do côro; uns anjos montados em dragões.

Estas cópias, á falta de outras provas, mostrariam só de per si que o S. Pedro foi pintado em Vizeu, e talvez dentro da propria Sé.»

Falla em seguida do *Calvario* e da capella onde se encontra, descrevendo um e outra; da semelhança entre o Calvario, os quadros da Sacristia de Vizeu e o Pentecostes de Santa Cruz de Coimbra, attribuindo-os todos ao mesmo pincel ; do triptyco que pertenceu ao pintor viziense Antonio José Pereira; e tira as seguintes conclusões :

1.ª—Em Vizeu florescera na primeira metade do seculo XVI um pintor notavel chamado Vasco Fernandes, auctor dos quadros do Calvario, S. Pedro, S. João Baptista, S. Sebastião, Pentecostes, Descendimento e Pentecostes de Santa Cruz de Coimbra.

2.ª—Os quadros d'este pintor, posto que superiores a muitos respeitos, teem alguma similhança com os da série da casa do capitulo, mais antigos.

Referindo-se aos quadros de Fontello e de S. Francisco d'Orgens, expondo e criticando as opiniões de Robinson a este respeito, diz :

«Por fim mencionarei os quadros de Fontello e de S. Francisco d'Orgens, em Vizeu, os quaes, sem largueza de traços nem perspectiva, parecem obra de pintor ou pintores que, sem frequentar as grandes escholas, vegetassem dentro dos muros d'aquella cidade, limitando-se a imitar em acanhadas composições os quadros do Grão-Vasco ou os da casa do capitulo.»

Opina que Grão-Vasco não formou nem podia formar escola numa terra pequena, situada no interior de uma provincia, e sem nenhuma das condições necessarias á formação das escolas de pintura.

Remata o seu escripto dizendo :

«As influencias combinadas das escholas flamenga e italiana que formaram o estylo de Grão-Vasco, formariam talvez tambem o de outros artistas, que á falta de genio não chegariam comtudo a elevar-se á mesma grande altura.»

APRECIAÇÃO DE CEULENEER

Em fins de 1896 veio a Vizeu para vêr os quadros de Grão-Vasco o sr. dr. Duarte Leite, muito illustrado lente da Academia Polytechnica do Porto, e um dos mais robustos talentos da moderna geração, que me foi apresentado pelo meu saudoso amigo o distincto facultativo dr. Antonio Correia de Lemos.

Depois de o acompanhar a S. Francisco d'Orgens e a Fontello, tornei-o sciente das noticias que já tinha colligidas ácerca do grande pintor; e então fez-me elle a promessa de enviar-me a traducção de um livro sobre pinturas portuguezas de Adolf Ceuleneer, professor na Universidade de Gand (Belgica), cujo cumprimento não se fez esperar, porque em 23 de fevereiro de 1897 recebi uma carta sua datada do dia anterior, acompanhada da promettida traducção manuscripta d'aquelle livro, feita pelo dr. José de Castro, do Porto.

D'elle transcrevo em seguida algumas das mais importantes apreciações das obras de Grão-Vasco, tendo o espe-

cial cuidado de nada omittir das que se referem aos quadros de Vizeu.

«I.—Os quatorze pequenos quadros da sala capitular da egreja de Vizeu, representando scenas da vida do Salvador, provavelmente fizeram parte de um grande retabulo. São sem duvida os mais antigos dos quadros portuguezes.

Robinson colloca-os entre 1500 e 1520. A influencia da escola flamenga é mais sensivel nelles que em quaesquer outros. Certos indicios, taes como o trajo, attestam, porém, a sua origem portugueza.

Na Adoração dos Magos, um dos reis é representado como um chefe indio e outro *(devia dizer: O Menino)* offerece uma moeda que dizem ser um cruzado de D. Manoel.

Observa-se tambem num d'estes quadros um homem trazendo uma bésta, exactamente como no Santo Hyppolito da Universidade de Coimbra.

Representa o Santo arrastado pelos pés por um magnifico cavallo branco.

O typo do martyr é flamengo.

O estudo do nú é mais cuidado que nos quadros do cabido; por isso esta obra me parece menos antiga.

Os quadros do cabido lembram pela riqueza do colorido, pela finura dos detalhes e pela ingenuidade de expressões das figuras, certas obras de Hugo van der Goes e de Memling.

A roupagem é menos bem sombreada que a de Vasco e por vezes os typos são bastante fracos.

Na Circumcisão, o grande sacerdote é de uma expressão magnifica, em quanto que a Virgem é de um typo muito vulgar.

II.—O Calvario da capella de Jesus, vulgarmente attribuido a Grão-Vasco, não me posso convencer que seja uma obra do artista de S. Pedro.

E' muito pronunciada nelle a influencia flamenga. As mulheres têm um typo bem pouco portuguez, o véu que as cobre é tractado da mesma maneira que nos quadros de Bruges e Anvers.

O grupo da Virgem, á esquerda, fez-me lembrar as santas mulheres do *Enterro* de Quintino Metzys do museu de Anvers.

A impressão de dôr de Maria e das santas mulheres é muito inferior ás scenas analogas das nossas grandes producções flamengas.

O Calvario aproxima-se mais, em minha opinião, no que

toca á expressão e não á perfeição do trabalho, da obra de Quintino Metzys, do que do admiravel grupo do lado esquerdo de Roger van der Weyden do Escurial, uma das mais magistraes producções da pintura de todas as epocas.

Em Quintino Metzys a expressão da dôr é mais viva. No Calvario de Vizeu a Virgem succumbe sob o peso da dôr e cae em desfallecimento, o que dá á expressão da figura uma certa fealdade, uma falta de vida que nada vem idealisar.

Conheço apenas um artista que conseguiu idealisar esta attitude de uma pessoa desfallecida: é Soddoma na sua Santa Catharina de Sienna (na egreja de S. Domingos em Sienna).

Quanto ao colorido, o tom das carnes é menos carregado que em Grão-Vasco; ha falta de simplicidade na disposição e de precisão no desenho.

O Calvario só tem de commum com Grão-Vasco a perfeição na roupagem e o comprimento dos dedos alongados.

Algumas cabeças tem uma boa expressão.

Aqui e acolá a execução é amaneirada, como a do mau ladrão; o conjuncto é mais dramatico do que em Vasco.

Alguns homens teem uma expressão de alegria inconveniente, e certas scenas são um pouco triviaes.

Os typos dos soldados são perfeitamente portuguezes. Noto, como muito caracteristico, um personagem assentado do lado direito, entretido a beber vinho de uma borracha, como ainda hoje o fazem os camponezes de Portugal.

A predella representa a flagellação, o Descimento da Cruz e um milagre.

Por fim de contas, o Calvario, apesar de todas as qualidades que possue, não me parece merecer o enthusiasmo que inspirou a Raczynski.

O artista resentiu-se bem mais da influencia da escola de Anvers que da de Bruges.

III.—Robinson louva, no Descimento da Cruz, a nobreza e a pureza da figura de Christo. Approxima d'este triptyco o Jesus em casa de Martha e a Santa Ceia de Fontello.

IV.—. .... O Pentecostes de Vizeu.....
O Pentecostes de Coimbra.

O S. Sebastião parece ser do mesmo mestre. Está em mau estado de conservação. O desenho é fraco.

A melhor parte d'esta obra é a postura tão natural do ar-

cheiro retesando o seu arco ; posição cheia de vida e naturalidade.

O Baptismo de Christo nada tem de commum com o S. Pedro a não ser o colorido. O typo do Christo é feio e a postura é má.

Jesus não sabe como se ha de ter em pé. A physionomia de S. João é vulgar, o braço é de uma magreza excessiva; o estudo anatomico é nullo. Se esta obra é de Vasco, é com certeza a mais fraca.

Ha comtudo nas physionomias uma expressão de vida, que não póde deixar de reconhecer-se ; e o trajo de S. João é panejado com elegancia.

Em seguida faz Ceuleneer a apreciação de varios quadros que se acham no museu de Lisboa, em Santa Cruz de Coimbra, em Thomar e em Setubal, descobrindo em todos elles a influencia flamenga, e conclue :

«Chegou-se mesmo a affirmar que a pintura portugueza nada mais era que uma imitação servil da pintura flamenga, da qual reproduziu com escrupulosa fidelidade as qualidades e defeitos.

E' incontestavel que os pintores da antiga escola portugueza nunca conseguiram libertar-se completamente da influencia flamenga; mas attingiram um grau de originalidade para dar ás suas obras um cunho proprio.

Na maior parte dos quadros que acabamos de enumerar os artistas deram aos seus personagens typos portuguezes, os detalhes são muitas vezes trabalhados com uma precisão e um cuidado ainda maiores do que os empregados pelos nossos antigos mestres flamengos; os accessorios são evidentemente portuguezes ; e, a este respeito, o estudo dos detalhes architectonicos parece-me de uma importancia capital.

Mas o que distingue sobretudo os quadros portuguezes das producções flamengas é um estudo anatomico mais perfeito, uma naturalidade maior nas posições.

As diversas partes do corpo são mais bem proporcionadas, as carnes mais arredondadas ; e o que mais aproxima os seus quadros das obras dos nossos artistas é o comprimento excessivo dos dedos.

O conjuncto é natural, sem ser comtudo realista, e a

expressão de ingenuidade, tão geral na antiga escola flamenga, encontra-se raramente nos quadros portuguezes.

O colorido é puro, mas meridional, o tom das carnes mais moreno que na Flandres, o desenho a maior parte das vezes incorrecto.

Foram artistas meridionaes que trabalharam em presença de obras vindas do Norte, cujo genero assimilaram segundo o seu genio proprio, obtendo um justo meio entre a graça italiana e a dureza naturalista dos mestres flamengos. Compararei esta influencia á exercida por Van-Eyck sobre o celebre Antonello de Messina.

Os quadros do cabido aproximam-se mais da escola de Bruges, emquanto que nos outros parece predominar a influencia da escola de Antuerpia.

Os quadros portuguezes mais perfeitos, os unicos em que é manifesta uma verdadeira originalidade, são, os de Grão-Vasco, e entre elles um verdadeiro primor d'arte é o S. Pedro de Vizeu, que não hesito em collocar a par das mais bellas producções de pintura de todos os paizes.

«Nada se pode ver mais grandioso do que o S. Pedro, diz com razão Raczynski.

A postura, as roupagens, a composição, o desenho, o toque, o colorido, a architectura, os accessorios, a paisagem, as pequenas figuras do fundo, tudo é bello, tudo é irreprehensivel.»

O enthusiasmo de Latouche por esta obra genial é maior ainda.

«Nunca, diz Latouche, nem mesmo em presença da Madona de Raphael em Dresde, nem das grandes pinturas do Vaticano ou dos frescos da Capella Sixtina, senti com tanta força que estava em presença de um genio raro e poderoso. E depois de um intervallo de muitos annos não hesito em affirmar que o grande quadro de Vizeu é um dos seis ou sete dos principaes primores d'arte do mundo.»

Esta impressão é verdadeira. Não quero comparar a obra de Vasco com as divinas telas de Raphael ; mas vejo-me forçado a reconhecer que não existe talvez outro quadro que produza sobre o espectador uma impressão tão forte e tão duradoira como o S. Pedro.

Este quadro arrebata pela magestade cheia de vida do

olhar. E' menos um S. Pedro que uma personificação do Papado.

O santo com a cabeça coroada pela tiára e com a casula vestida está assentado sobre um throno. Sobre os joelhos tem pousados os Santos Evangelhos, sustenta na mão esquerda a chave symbolica e com a direita abençôa o mundo.

O desenho é correcto, todas as partes do corpo são bem proporcionadas, e a expressão do rosto tem uma gravidade e uma elevação inexcediveis.

A expressão da magestade é mais imponente ainda do que no Deus Padre do retabulo de Gand. Já houve quem comparasse esta magestade de physionomia com a expressão grave e cheia de vida de certas obras de Dürer.

Ha com effeito no S. Pedro o quer que seja de gravidade do S. Paulo de Munich e da vida real da cabeça de Hobzschuhen; mas no que Vasco é certamente superior a Dürer é na perfeição da roupagem.

Eu não sei, mas a perfeição na arte de pannejar sempre me pareceu, tanto em pintura como em esculptura, exigir da parte do artista o maximo talento da execução.

E' nas roupagens que se reconhece o artista mestre do seu cinzel ou o que maneja o pincel com maior talento natural. Foi a perfeição da roupagem e o estudo das senhoras a que mais me impressionou no Hermes de Praxiteles; e, ainda que se não tivesse descoberto, d'esta obra extraordinaria, mais que um fragmento da roupagem, tanto bastaria para convencer de que se estava em presença d'uma obra de um dos primeiros esculptores da antiguidade :

A mesma impressão reproduz-se em presença do S. Pedro.

A roupagem é concebida d'uma maneira larga e natural e as saliencias são indicadas por sombras e effeitos de luz. Nada tem de anguloso, nada que fira a vista, nada que offenda os olhos do espectador, não ha uma unica dobra quebrada que dê ao conjuncto do vestuario essa forma quadrada que tanta vez se encontra mesmo nos primeiros mestres ; basta citar a Madona de Dürer da Albertina de Vienna.

E' talvez pela comparação dos diversos quadros portuguezes, sob o ponto de vista da perfeição na arte de pannejar, que se poderão determinar com maior segurança os que são de

Vasco, os que mais se aproximam da sua maneira e aquelles em que se fez sentir menos a sua influencia.

Os dois signaes caracteristicos das obras de Vasco parecem-me ser a perfeição das suas roupagens e a magestade das suas cabeças. Ha ainda a delicadeza da execução das arvores das suas paisagens e o natural da verdura que consegue dar ao colorido. E' sempre puro o colorido dos seus quadros, carregado por vezes, raramente tão vivo como nos flamengos.

O detalhe é tractado com um grande cuidado: esses ricos estofos parecem ser cópias fieis dos vestuarios que o artista tinha deante dos olhos: certos detalhes do pluvial de S. Pedro assemelham-se aos ornatos de velhas vestimentas sacerdotaes que se conservam na Sacristia de Vizeu. Os anjos que se veem sobre esse pluvial são muito bonitos, mas em nada justificam a comparação que se tem feito de Vasco com Fra Angelico, pois que não ha pontos de semelhança entre os dois artistas. Os detalhes de architectura são tambem tractados com grande correcção e minuciosidade.

A côr azulada das mãos que parecem cobertas com luvas é a unica cousa que me desagrada nesta obra magistral (*),

Robinson aproxima Vasco de Quintino Metzys, somente este tem um desenho menos correcto e o seu colorido é mais vivo e brilhante.

Aproxima-se mais da verdade quando o compara com o seu contemporaneo Pedro Campana (1503—1580), ou, para lhe dar o seu verdadeiro nome, Pieter Kempeneer. Em presença do admiravel Descimento da Cruz, da Sé de Sevilha, experimenta-se um sentimento analogo ao provocado pelo aspecto do S. Pedro.

As duas obras occupam um logar á parte na historia da pintura. Os dois artistas emanciparam-se nellas o mais que poderam de toda a influencia extranha para produzirem uma obra onde ficasse assignalado o cunho da sua originalidade, o que em verdade conseguiram.

Disse-se que Quintino Metzys era constantemente original; o mesmo se poderia affirmar de Campana e Vasco.

Nos trabalhos de Vasco como nos de Pedro Campana o

(*) As mãos estão effectivamente com luvas e por isso não ha nada que lhe devesse desagradar.

estudo das fórmas é mais bem completo do que nos de qualquer flamengo da antiga escola. E' na execução dos detalhes, na maneira de conceber o conjuncto da obra que reconhecemos a influencia flamenga; e ainda ella é bem menos visivel no S. Pedro que em outro qualquer quadro portuguez.

. . . .

De todos os quadros portuguezes os que nós imaginámos poder attribuir a Grão-Vasco, são os que mais patenteiam um caracter italiano.

Creio que isto pode explicar-se pela influencia de Pedro Campana, que conseguiu produzir nas suas composições, como já muito bem se disse, uma união harmonica entre o flamengo e o italiano.

Poder-se-ha pôr em duvida se Vasco esteve ou não em relação com o grande pintor bruxellense?

Este achava-se em Sevilha antes de 1548 e ahi residiu até depois de 1552; e apoz o seu regresso a Bruxellas seu filho continuou a trabalhar em Sevilha..

. . . .

Pedro Campana é bem melhor colorista do que Vasco, e nisto o artista flamengo conserva as qualidades da nossa escola. A influencia italiana é mais pronunciada e mais forte nas obras de Campana do que nas de Vasco. Basta lembrar o lado dramatico e cheio de vida do Descimento da Cruz e essa admiravel cabeça de mulher, digna de Raphael no retabulo da Capella del Mariscol.

Mas Pedro tinha vivido em Italia, tinha sido discipulo de Miguel Angelo, emquanto que em Vasco a influencia italiana só poude exercer-se d'uma maneira indirecta, especialmente pelo estudo dos trabalhos de Campana.

E' verdade que isto não passa de uma hypothese; creio, porém, que em todo o caso um estudo comparado das obras d'esses dois mestres poderia derramar uma nova luz sobre a questão que tentamos precisar nestas paginas. Pode ser que, de futuro, algum documento venha esclarecer-nos a tal respeito. E' para mim fóra de duvida que os archivos publicos do nosso paiz bem como os de Portugal, mas principalmente os das confrarias, ghildes, officios e corporações, conteem mais que um documento valioso para a historia dos quadros portuguezes.»

APRECIAÇÃO DO SR. MOREIRA FREIRE

O sr. Moreira Freire, a quem communiquei as minhas descobertas na occasião em que esteve em Vizeu, mostrou-se então convencido da sua importancia.

Porém, com espanto meu, publicou passado pouco tempo artigos nos jornaes —*A Marselheza*, de Lisboa, e *A Voz Publica*, do Porto, em que diz que eu não lhe garanti serem de Vasco Fernandes os quadros que existem na Sé de Vizeu, mas que, reportando-me a documentos encontrados sobre a existencia de Vasco Fernandes, cousa já muito conhecida, elles me levaram a attribui-los a este pintor.

Estas palavras provocaram o meu artigo publicado na *Voz Publica* de 6 de setembro de 1896, em que, baseado nos documentos que os leitores já conhecem e tiram todas as duvidas, restabeleci a verdade dos factos.

Na polemica ácerca do *Fons Vitae*, da Misericordia do Porto, travada em varios artigos da imprensa periodica portugueza, que foram recolhidos (depois de vertidos em francez) pelo sr. Moreira Freire, no seu livro—*Un problème d'art*—1898,—continúa este a vacillar sobre a existencia de Grão-Vasco, dizendo: ora que chega a ser um mytho (pag. 13), ora que espera a publicação dos meus documentos que a confirmam (pag. 76), e ora que é cousa já muito conhecida (pag. 34); e, sobre o merecimento dos quadros de Vizeu, opina que indicam um começo de escola, em vista da rudeza da pintura, da falta de preparações e das suas incorrecções (pag. 66 e 67).

Os quadros do Baptismo de Christo, do Pentecostes e de S. Sebastião da Sacristia da Sé de Vizeu julga-os pintados na epoca em que os processos da arte pictoral eram ainda primitivos; e, em presença do estylo, do desenho, da composição, da falta de transparencia e de brilho, attribue-os aos irmãos Van-Eyck, mas considera-os das suas primitivas obras, do tempo em que elles ainda se não achavam senhores da arte que aperfeiçoaram, se não descobriram.

O que deixamos dito sobre Grão Vasco e seus quadros e as opiniões e critica de pessoas tão competentes e conhecedoras do assumpto, como Raczynski, Robinson, Latouche e Ceuleneer lançam por terra as affirmações e critica do sr. Moreira Freire.

Haveria em Vizeu alguma escola de pintura?

A não ser o grande numero de quadros espalhados em Vizeu e seus arredores que manifestam o mesmo estylo, não temos outros documentos para affirmar que houve em Vizeu uma escola de pintura.

O que com certeza podemos asseverar, fundando-nos em documentos authenticos, de que passamos a dar noticia, é que no seculo XVI alguns pintores viviam nesta cidade.

Em uma escriptura de contracto feito em 20 de agosto de 1537, entre o bispo de Vizeu D. Miguel da Silva e Martim Gonçalves, serralheiro, que se obrigou a compor o sino da Sé d'esta cidade, assignam como testemunhas *Antonio Vaz, pintor,* e Fernam Lourenço, conego, moradores em Vizeu.
(Existe traslado no archivo do Cabido).

No *Livro do recebimento dos prazos da Sé de Vizeu do anno que começou por dia de S. João Baptista de 1566 annos e se acabará por outro tal de 1567,* a folhas 45, lê-se:
«*Gaspar Vaz, pintor,* genro de Francisco..... traz as cazas . . . .
(Existe tambem no archivo do Cabido).

Este Gaspar Vaz seria filho de Vasco Fernandes, que teve um filho por nome *Gaspar?*
O appellido leva-me a crêr que não. Pelo lado do pae devia de ser *Fernandes* e pelo lado da mãe, no caso de ser filho legitimo e Vasco ter tido uma só mulher, devia de ser *Rodrigues,* no, por sua avó, *Martins.*

No livro dos assentos de baptismo, o mais antigo que existe no archivo da Camara Ecclesiastica, na parte que hoje está nos baixos do Paço de Fontello, livro a que faltam folhas no principio, não podendo lêr-se a numeração das que existem, a folhas 9 das existentes lê-se um assento de baptismo do anno de 1540 e tantos de Manoel, filho de *Johã dinis pintor* e de sua mulher m.ª Correa, morador nesta cidade, de quem foram padrinhos *Gaspar Vaz pintor* . . . .

Ainda num fragmento do Cabido encontrei o nome de *Manoel Vaz pintor*, como tendo vivido depois da morte do bispo D. Jorge da Costa; e noutro dos fins do seculo XVI o nome de Maria Lopes, mulher que foi de *Gaspar Vaz, pintor*, como trazendo as casas que foram de Luiz de Pinhel.

Houve, pois, em Vizeu no seculo XVI, pelo menos, os seguintes pintores:

Vasco Fernandes,
Antonio Vaz,
Gaspar Vaz,
Manoel Vaz,
João Diniz.

Necessidade de uma galeria para os quadros de Vizeu

Se em Portugal os poderes publicos prestassem séria attenção a assumptos de arte, desde ha muito teriam, como lhes cumpre, volvido os seus olhos para as obras primas da pintura portugueza que existem em Vizeu e suas proximidades, e com pequeno dispendio estaria aqui estabelecida a estas horas uma galeria, onde ellas pudessem facilmente ser observadas de toda a gente e estudadas por amadores e artistas.

E, para esse fim, excellente local seria o claustro superior da Cathedral, onde estiveram expostos os quatorze quadros denominados da sala do Capitulo e alguns dos ricos e antigos paramentos e alfaias, no dia 28 de maio ultimo, em que, para vêrem o eclipse total do sol, concorreram a esta cidade centenas de pessoas de várias terras do reino e alguns estrangeiros.

Com quatro a cinco contos de reis poderiam elevar-se as paredes e o tecto, resguardar-se com vidraças aquelle recinto, construir-se as demais obras e fazer-se as decorações indicadas pelos competentes.

Ora, se a vida de um povo não tem sómente como base o pão que come, mas tambem as manifestações da sua actividade e genio, registadas pela historia e attestadas pelos monumentos, sob o ponto de vista dos feitos heroicos, das sciencias, das artes, do commercio e da industria, titulos imperecíveis da sua gloria e nobreza, aos poderes publicos compete sem duvida velar porque se não apaguem as provas e ainda os vestigios que tendem a testemunha-las.

Julgo, por isso, que o governo portuguez tem o stricto dever de mandar fazer na Sé de Vizeu as obras precisas para a melhor collocação, exposição e resguardo dos quadros de Grão-Vasco, primores da pintura portugueza, um dos quaes é collocado pelos entendidos entre os melhores do mundo.

Sacrificar á salvação d'estes monumentos nacionaes, que nos glorificam aos olhos dos estrangeiros, quatro ou cinco contos de reis, é por sem duvida mais proveitoso do que crear empregos inuteis, gratificar outros com excessivos vencimentos, subsidiar obras de duvidosa utilidade, como por vezes se tem feito.

Praza a Deus que estas minhas palavras sejam ouvidas e reflectidas pelos governantes, porque, se o fôrem, necessariamente ha de ser attendida a minha aspiração, que é a de toda a cidade de Vizeu, de todos os amadores d'arte; tão justa ella é.

Accrescentamentos e rectificações

Aos *quadros que a tradição attribue a Vasco Fernandes* pódem accrescentar-se os que existem na Egreja matriz de Lordosa, concelho de Vizeu.

Depois de impressas as paginas anteriores, relatou-me o afamado artista de pedreiro, residente nesta cidade, sr. Serafim Lourenço Simões, natural d'aquella freguezia, que o parocho que ha annos a pastoreava, homem idoso, lhe dissera que aquelles quadros haviam sido feitos por Grão Vasco, natural d'ali; mas que, então e ainda depois, nenhuma importancia ligára a essa referencia.

Via, porém, agora, que algum fundamento podiam ter as palavras d'aquelle sacerdote, visto ter lido nos meus escriptos que a mulher de Vasco, Joanna Rodrigues, era oriunda do Almargem, povoação limitrophe da de Lordosa.

E para que tal facto, que no futuro póde ser esclarecido por qualquer circumstancia, não continue no esquecimento, intendi do meu dever não o omittir neste livro.

Aproveito a occasião para fazer os seguintes additamentos, resultantes da minuciosa observação que com o pintor Almeida e Silva fiz por occasião do eclipse do sol de 28 de maio ultimo, em que estiveram em exposição os quatorze quadros do Cabido, de que fallo desde paginas 101 a 104.

Em todos esses quadros se notam prégas de fórma angulosa e toques de luz tripartida.

No quadro da *Annunciação* existe um vaso com o seguinte letreiro (incompleto) *Venitea,* que quereria dizer *venit aetas (?).* ou *venite adorae (?).*

No da *Visitação* desperta a attenção o burgo medieval.

No da *Circumcisão*, o que principialmente impressiona é a cabeça do sacerdote.

No da *Adoração dos Magos*, o menino tem na mão uma moeda de ouro, que parece ser do tempo de D. Manoel.

No da *Apresentação,* notam-se as armas reaes e o marmore da Arrabida.

No da *Fugida para o Egypto,* salienta-se a amieira portugueza.

Relativamente ao da *Ceia,* ha exaggeração quando a paginas 103 dissemos que «seria difficil exprimir melhor tantos pensamentos em tão pequeno espaço como o do painel. A *Ceia* de Leonardo de Venci apresenta maior luxo, mas a de Vasco exprime com mais fidelidade a historia do Novo Testamento.»

Na de *Christo no Jardim das Oliveiras,* vè-se um letreiro na bainha da espada de S. Pedro.

No da *Prisão,* existirá no fundo da bainha de uma das espadas a letra V e no da outra a letra F, ou o que parece serem letras não passará de ornamentação?

S. Pedro não puxa pela espada, como erradamente dissemos, mas já a está mettendo na bainha, depois de ter cortado a orelha que alli se vê.

No da *Resurreição,* nota-se um letreiro que eu não soube lêr.

Em cada um d'estes quatorze quadros, ha dois buracos, um em cada lado, destinados sem duvida a fixa-los, por meio de pregos ou parafusos, a qualquer parede; circumstancia esta que robustece a conjectura que outr'ora estavam juntos e formaram o retabulo do altar-mór da Sé.

ERRATAS

Frequentes são os erros typographicos que apparecem neste livro, mas o leitor facilmente os corrigirá.

Notaremos apenas os seguintes:

Paginas	Linhas	Lê-se	Deve lêr-se
20	4	obispo	o bispo
24	9	atê	até
27	30	qne	que
57	16	V.eo	V.co
60	5	Ferdandes	Fernandes
61	30	ácasa	á casa
62	3	sitío	sitio
66	17	inelegivel	illegivel
108	3	1607	607
113	29	philosophia	medicina
120	18 e 19	Bellas Artes	Bellas Artes)

OBRAS DO MESMO AUCTOR

VIZEU—(apontamentos historicos) 2 vol.	1$400 reis
Estudos historicos sobre Pintura 1 vol.	500 reis
A Imprensa no Districto de Vizeu	300 reis
O Convento do Bom Jesus de Vizeu (esgotado)	
Asylo Viziense de Infancia Desvalida (propriedade d'este estabelecimento) . .	100 reis

---

Estas obras, com excepção da 4.ª, serão enviadas a quem remetter a sua importancia ao auctor, residente na cidade de Vizeu.